



SÉRIE
Percursos

Emílio Willems

Felipe Neri Alves Pinto

ABA PUBLICAÇÕES

EMÍLIO WILLEMS





Próximos volumes

Mariza Corrêa – Amanda Serafim

Lélia Gonzalez – Lourival Custódio e Isabella Barros

NA PÁGINA ANTERIOR

Emílio Willems (arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp)

**COMISSÃO EDITORIAL DE LIVROS CIENTÍFICOS
DA ABA – CELCA (GESTÃO 2023–2024)**

Coordenador

Carlos Alberto Steil (UFRGS, Unicamp)

Vice–Coordenadora

Tânia Welter (Instituto Egon Schaden)

Integrantes

Edimilson Rodrigues (FAMES)

Eva Lenita Scheliga (UFPR)

Marcelo Moura Mello (UFBA)

Martina Ahlert (UFMA)

Nathanael Araújo da Silva (Unicamp)

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Zhouri (UFMG)

Antonio Augusto Arantes Neto (Unicamp)

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)

Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)

Cynthia Andersen Sarti (Unifesp)

Fabio Mura (UFPB)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPel)

Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)

María Gabriela Lugones (Córdoba/Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)

Patrícia Melo Sampaio (Ufam)

Ruben George Oliven (UFRGS)

Wilson Trajano Filho (UnB)

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
DIRETORIA (GESTÃO 2023–2024)**

Presidente

Andréa Luisa Zhouri Laschefski (UFMG)

Vice–Presidente

Sônia Maria Simões Barbosa Magalhães Santos
(UFPA)

Secretária Geral

Deborah Bronz (UFF)

Secretária Adjunta

Alexandra Barbosa da Silva (UFPB)

Tesoureiro Geral

Guilherme José da Silva e Sá (UnB)

Tesoureiro Adjunto

Gilson José Rodrigues Junior (IFRN)

Diretora

Flávia Melo da Cunha (UFAM)

Diretor

Osmundo Santos de Araújo Pinho (UFRB)

Diretor

Tonico Benites (CEFPI–MS)

Diretora

Denise Fagundes Jardim (UFRGS)



www.portal.abant.org.br

UnB – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte
Prédio do ICS – Instituto de Ciências Sociais
Térreo – Sala AT-41/29 – Brasília/DF CEP: 70910–900

Emílio Willems

Felipe Neri Alves Pinto

Copyright © 2024, Felipe Neri Alves Pinto

Coordenação da Série Percursos

Cristina Patriota de Moura e Julia O'Donnell

Capa

Ilustração a partir de fotografia de Emílio Willems (arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp)

Preparação de originais, projeto gráfico e editoração eletrônica

Trema Assessoria Editorial

Composto em Bitter Pro e Merriweather Sans

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bianca Mara Souza – Bibliotecária – CRB-14/1587

A474e Alves Pinto, Felipe Neri

Emílio Willems / Felipe Neri Alves Pinto -- Brasília : ABA
Publicações, 2024.

183 p. : il. p&b.; PDF ; 7 MB. (Série Percursos)

Inclui notas explicativas.

ISBN 978-65-87289-35-9

1. Emílio Willems. 2. História da Antropologia (Brasil). 3.
Estudos de Comunidade. 4. Aculturação. I. Título. II. Série.

DOI Livro 10.48006/978-65-87289-35-9

CDD 301

CDD 923

Índice para catálogo sistemático:

1. CDD 301 – Sociologia, Antropologia, Teorias.
2. CDD 923 – Biografias de pessoas nas Ciências Sociais

Apresentação da Série

A Série Percursos tem o objetivo de apresentar, para diferentes públicos, autores e autoras que marcaram a antropologia feita no Brasil. Cada livro é dedicado a uma pessoa com reconhecida relevância em seu campo de atuação, contemplando diferentes gerações e tradições intelectuais.

Os livros apresentam os autores e autoras através de suas trajetórias profissionais, articulando suas vidas e obras. Deste modo, o(a) leitor(a) terá contato não apenas com as especificidades de suas obras, mas também com o contexto (político, acadêmico, social) em que elas se desenvolveram. Os livros da Série se propõem também a evidenciar as redes de interlocução dentro das quais os trabalhos foram desenvolvidos. Com isso, a Série visa delinear, no seu conjunto, um mapa dos diferentes percursos que compõem a antropologia feita no Brasil, em suas variadas linhagens. Nesse intuito, cada livro conta com uma listagem de notas biográficas ao final do volume, oferecendo ao leitor informações sobre os pensadores e pensadoras que compõem as redes de interlocução do autor ou autora trabalhada.

A Série prima por textos de escrita acessível e, ao mesmo tempo, pelo rigor analítico, procurando dialogar com leitores em diferentes momentos de sua trajetória acadêmica. O objetivo é, com isso, contribuir para o maior alcance das obras de pesquisadoras e pesquisadores que atuaram, de diferentes maneiras, para o desenvolvimento da antropologia feita no Brasil, com o desejo de que seus percursos sigam instigando e inspirando gerações atuais e futuras.

Cristina Patriota de Moura e Julia O'Donnell

Sumário

Cronologia de Emílio Willems	9
Introdução	11
CAPÍTULO 1	
Primeiros anos na Alemanha	14
CAPÍTULO 2	
Brasil	32
CAPÍTULO 3	
Partida aos EUA	76
Influências e legados	147
APÊNDICE 1	
Notas biográficas	151
APÊNDICE 2	
Produção bibliográfica de Emílio Willems (segundo sua autobiografia <i>My life in three worlds</i>)	157
Referências	165
Sobre o autor	183

Cronologia de Emílio Willems

1905 – Nasceu em Niehl, Alemanha, Emil Willems.

1915-1924 – Estudou no Ginásio Tricoronato de Colônia, Alemanha.

1924-1926 – Coursou Economia na Universidade de Colônia.

1926 – Mudou-se para Berlim, transferindo seus estudos para a universidade da capital alemã.

1928 – Passou um semestre estudando em Paris, e retornou em novembro do mesmo ano para Berlim, onde iniciou o seu doutorado em sociologia.

1930 – Defendeu o doutorado com a tese *Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen*.

1931 – Imigrou para Brusque (SC), Brasil.

1934 – Tornou-se professor de ginásio em Jacarezinho (PR).

1936 – Transferiu-se para São Paulo, onde se tornou professor do Liceu Rio Branco.

1937 – Defendeu a livre-docência no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e passou a ser professor assistente em Filosofia Educacional.

1939 – Tornou-se professor assistente em Sociologia Educacional e criou a revista *Sociologia*; ano da criação do *Dicionário de etnologia e sociologia*.

1941 – Assumiu como professor da disciplina de Antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e professor do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP).

1948 – Lecionou na *summer school* da Universidade de Vanderbilt, EUA.

1949 – Foi contratado para integrar o Departamento de Antropologia e o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt.

EMÍLIO WILLEMS

1952 – Lecionou na *summer school* da Universidade de Michigan, EUA.

1954 – Realizou estudos de campo em Portugal e visitou universidades na França e Alemanha.

1956 – Retornou para a Alemanha como professor visitante da Universidade de Colônia.

1957 – Lecionou na *summer school* da Universidade da Califórnia em Berkeley, EUA.

1958-1959 – Realizou estudo de campo sobre o protestantismo no Chile e no Brasil. Nesses países lecionou na Universidade do Chile, Universidade Católica do Chile e Escola Livre de Sociologia e Política.

1961 – Realizou palestras em conferência sobre a América Latina na Universidade de Münster, Alemanha.

1962 – Lecionou na Universidade de Colônia.

1962-1963 – Tornou-se professor visitante da Universidade Nacional da Colômbia.

1967 – Visitou São Paulo, Curitiba e Londrina (PR), realizando pesquisas de campo, e lecionou no verão na Universidade de Colônia.

1970 – Percorreu a América Latina realizando pesquisas para o livro *Latin American culture: an anthropological synthesis* (Willems, 1975).

1974 – Se aposentou da Universidade de Vanderbilt.

1977 – Realizou palestras na Universidade Federal de Santa Catarina.

1997 – Faleceu em Nashville, EUA.

Introdução¹

Emílio Willems foi um dos principais nomes na institucionalização das ciências sociais em São Paulo. Apesar do curto espaço de tempo em que permaneceu no país, foi uma figura marcante num período em que a antropologia se afirmava nas universidades brasileiras. Em sua passagem pelo Brasil, lecionou antropologia nas duas principais instituições de São Paulo, criou uma revista acadêmica, publicou dois dicionários e uma enciclopédia de divulgação científica e uma série de trabalhos acadêmicos. Convivendo com outros professores estrangeiros e com a intelectualidade local, Willems foi nos anos de 1940 um dos responsáveis por impulsionar o desenvolvimento da antropologia em São Paulo e formou uma geração de pesquisadores. Nomes importantes nas ciências sociais do país foram seus alunos e atribuem a Willems parte de sua formação

1 Este texto é uma versão adaptada de minha pesquisa de mestrado, intitulada *Antropologia entre três mundos: Emilio Willems e a institucionalização da antropologia brasileira* (Alves Pinto, 2020), que foi realizada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) sob orientação do prof. Dr. Christiano Key Tambascia e contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Atualmente realizo na mesma instituição pesquisa de doutorado sobre a história da antropologia da Universidade de São Paulo de 1934 a 1968, intitulada *A era das cátedras: história da institucionalização da antropologia na Universidade de São Paulo (1934-1968)*, com financiamento da Fapesp (nº processo: 2022/13491-1, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

e um papel decisivo no que viria a se desenvolver posteriormente a antropologia brasileira.

Dessa forma, Willems é uma figura curiosa para pensarmos o desenvolvimento das ciências sociais, e especialmente da antropologia na primeira metade do século passado. Formado dos círculos sociológicos de Colônia e Berlim na Alemanha, Willems imigrou para o sul do Brasil no começo dos anos de 1930 e, ao final dessa década, passou a fazer parte de um círculo de intelectuais na cidade de São Paulo. Ainda em 1939, criou a revista *Sociologia* – importante periódico na história das ciências sociais paulistas – e em 1941 passou a ser o primeiro professor da disciplina de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP). No mesmo ano, passou também a integrar o corpo docente da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), instituições nas quais permaneceu até sua emigração para os EUA no final da década de 1940. Nesse período no Brasil, a produção acadêmica de Willems é diversa e representativa das variadas tendências acadêmicas do período: vai desde estudos de assimilação e aculturação, passando pelo primeiro estudo de comunidade realizado no país, estudos de antropologias física, estudos sobre religiões, criação de uma série de materiais de divulgação científica, para citar apenas alguns. O estudo da institucionalização da antropologia em São Paulo a partir de uma investigação cuidadosa dos pouco conhecidos (ainda que importantes) estudos realizados por Willems e seu papel na divulgação de conceitos na academia brasileira coloca em evidência os trânsitos científicos internacionais na primeira metade do século passado (sobretudo em relação ao intercâmbio com as escolas e tradições antropológicas norte-americanas e alemãs) que tiveram importância central na obra do autor e no desenvolvimento da disciplina no país pela posição-chave que Willems assumiu na década de 1940 em São Paulo.

Importante ressaltar, também, o contexto do que era a antropologia da época referida. Em primeiro lugar, o leitor perceberá que em alguns

momentos os termos “sociologia”, “antropologia” e “ciências sociais” aparecem de forma indiscriminada e até mesmo intercambiáveis para se referir à atuação do professor. É preciso lembrar que nesse período a antropologia ainda estava em um processo de institucionalização e as fronteiras disciplinares não estavam definidas. Em segundo, é preciso compreender que a antropologia era entendida naquele contexto como a “ciência do Homem” composta por quatro campos disciplinares: antropologia cultural, antropologia física, linguística e arqueologia.

Além desta introdução, o presente livro está estruturado em três capítulos. No primeiro, apresento a formação acadêmica de Willems na Alemanha, enquanto o jovem – até então de nome Emil – estudou até a ascensão do nazismo. Iniciando com sua infância e estudos primários em um subúrbio da cidade de Colônia, perpassando a formação humanista no *Gymnasium* alemão e suas impressões da Primeira Grande Guerra, a entrada na Universidade de Colônia e posteriormente a migração para Berlim, são mostradas as principais influências que nos ajudam a entender o antropólogo que aqui permaneceu por dezoito anos e cuja obra se centrou em grande parte sobre o país. A seguir, no segundo capítulo, apresento as principais atividades acadêmicas de Willems no Brasil, desde seu estabelecimento no sul do país como professor de escolas confessionais e secundárias até a ida para São Paulo, onde viria a se tornar o primeiro professor da recém-criada disciplina de Antropologia na FFCL-USP e do curso pós-graduado da ELSP. No terceiro capítulo, apresento a emigração de Willems para os EUA em um movimento de cooperação acadêmica entre os dois países e a importância dos estudos de Willems para a academia brasileira mesmo após sua partida aos EUA em 1949 para lecionar na Universidade de Vanderbilt; os conceitos como *aculturação* e *assimilação*, *antropologia aplicada*, *estudos de comunidade* e seus estudos sobre o protestantismo são analisados. Por fim, uma última seção traz alguns dos principais legados do professor para a antropologia brasileira.

Primeiros anos na Alemanha

Formação em Colônia

Emil Willems nasceu em 1905 em Niehl, na época um subúrbio ao norte de Colônia, cidade essa localizada na região mais ocidental da Alemanha e às margens do Rio Reno. Niehl, que era essencialmente uma vila camponesa com uma população de aproximadamente 4000 pessoas, foi o local em que Willems permaneceu a maior parte de sua vida até 1930, revisitando-o em 1954, 1956, 1963 e 1967. Segundo Willems, “de subúrbio Niehl tinha, naquele tempo, apenas as aparências mais tênues. Era basicamente uma aldeia de lavradores e pescadores, muitos dos quais combinavam a lavoura com o trabalho assalariado em fábricas da redondeza” (Willems, 1983, p. 1).¹ Em artigo em que analisou a persistência e mudança cultural, Willems escolheu Niehl como objeto de estudo e, ao abordar o crescimento da vila e as mudanças na vida camponesa da região, apontou um fato interessante que ocorreu no ano de seu nascimento e que seria fundamental para o desenvolvimento da região. Segundo o autor, “Em 1905 um moderno hospital com 185 leitos foi construído e, pela primeira vez, um médico escolheu Niehl como o centro para a difusão da prática rural” (Willems, 1970, p. 534, tradução minha).² O que Willems não nos

1 Todas as citações em português foram atualizadas ortograficamente.

2 No original: “In 1905 a modern hospital with 185 beds was erected, and for the first time a physician chose Neyl as the center of a widespread rural practice”.

conta, nesse texto, é que esse médico era seu pai. Filho de um médico de mesmo nome que se estabeleceu em Niehl como chefe médico do recém-criado hospital da cidade, e de Maria Hubertine Justen, cuja história é pouco conhecida, a família era, antes da Primeira Guerra Mundial, a única na cidade em que alguém tinha um diploma universitário, fato esse que dava aos Willems um status social privilegiado. Segundo Willems, esse status gerava uma expectativa de que seu pai agisse de maneira autoritária tanto com seus pacientes como com sua família, sendo respeitado pela sociedade por isso. Da mesma forma, seus pais consideravam-se socialmente superiores às pessoas de Niehl, mantendo limitados contatos com a população local. No entanto, isso iria mudar na vida no pequeno Emil Willems quando, em 1911, matriculado na escola local, teve que dividir a sala de aula com aproximadamente cinquenta alunos, a maioria filhos de camponeses e trabalhadores da cidade. Se Willems não sabia nada sobre eles, era conhecido como o “filho do médico” e “arrogante”, e logo virou alvo de perseguição de seus colegas (Willems, 1993, p. 4).

Willems apresenta alguns dados em seus textos sobre o campesinato que, quando lidos à luz de sua biografia, parecem reveladores. Escreve o autor sobre a educação na vila camponesa de Niehl:

Embora as pessoas fossem totalmente alfabetizadas, tivessem aprendido alemão-padrão na escola e o utilizassem para se comunicar com as pessoas da cidade e autoridades civis ou militares, entre elas preferiam o dialeto local. Qualquer tentativa de comunicar em alemão-padrão teria sido ridicularizada como afetada. Algumas das características acima mencionadas, especialmente o dialeto, os aldeões partilharam, como já foi referido, com a classe trabalhadora de Colônia (Willems, 1970, p. 535, tradução minha).³

3 No original: “Although the people were fully literate, had learned standard German in school, and used it to communicate with urbanites and civil or military authorities, among themselves they preferred the local dialect. Any →

O contato com os filhos de trabalhadores locais no colégio tirou Willems do círculo social a que estava acostumado. A visão criada de que Willems seria arrogante, bem como os relatos de que era perseguido por seus colegas, muito provavelmente estava ligada ao fato de usar o alto-alemão, o *Hochdeutsch*, idioma oficial ensinado nas escolas, e não os dialetos locais utilizados pelas populações rurais e pelos trabalhadores de Colônia, levando-o a ser ridicularizado como “afetado”. O *Hochdeutsch* utilizado por Willems seria, dessa forma, uma marca social que o diferenciava de seus colegas. Essa experiência que revelaria, segundo Willems (1993, p. 4, tradução minha), que “crianças não têm respeito pelo status social”⁴ logo tornaria o filho do médico alvo de perseguições por parte de seus colegas, o que provavelmente o levou a odiar Niehl e seus habitantes. No entanto, apesar dos constantes abusos por parte de seus colegas, Willems (1983, p. 1) caracteriza retrospectivamente esses momentos de “contato diário com meninos proletários” como uma “experiência valiosa”, já que “proporcionava a visão de uma realidade social que, de outra maneira, teria permanecido escondida atrás de um cordão sanitário de classe social”. Cordão sanitário que levou Willems a considerar alguns de seus colegas “retardados”, por suas inabilidades acadêmicas, afirmando que muitos deles eram considerados “dummies” (tolos) por repetirem repetidas vezes de ano até os 16 anos (Willems, 1993, p. 4). Eis como ele caracteriza seus primeiros passos escolares e o contato com seus colegas: “Aprendi a ler e a escrever no meio de uma meninada que só falava o dialeto local, amiúde sofria de sarna e pústulas, e raramente tomava banho” (Willems, 1983, p. 1).

Se Emil tinha uma figura autoritária em casa, na escola não era diferente. Segundo Willems, sua criação fora realizada “de acordo com o

→ attempt to communicate in standard German would have been ridiculed as affected. Some of the aforementioned traits, especially the dialect, the villagers shared, as already pointed out, with the working class of Cologne”.

4 No original: “Children have no respect for social status”.

modelo pedagógico daqueles tempos”, um modelo alemão em que “acima de tudo, foi a disciplina que se cultivava, disciplina que implicava obediência sem discussão e a qualquer preço, disciplina que só se podia manter com meios coercitivos” (Willems, 1983, p. 1). Como recordou, Willems (1983, p. 1, 1993, p. 4) não conseguia se lembrar de seus professores sem uma vara nas mãos.

A memória que Willems nos narrou sobre sua infância aparece de forma recorrente em relatos de outras pessoas do período. Lionel Richard, em seu livro *A República de Weimar (1919-1933)*, descreveu um “balanço” de um professor sobre sua carreira utilizando-se de estatísticas sobre seus trinta anos de profissão na virada do século XIX e primeiras décadas do século XX. O resultado do balanço era que “administrara aos seus alunos 911.500 bengaladas, 124.000 chicotadas, 209.000 suspensões, 130.000 reguadas na palma das mãos, 10.200 socos na orelha, 223.700 bofetadas” e concluía: “É assim que se forma a juventude...” (Richard, 1988, p. 163). Apesar de o relato ter sido feito por um professor da região da Suábia – no sudoeste da Alemanha e que compreende o estado da Baviera – a mesma lembrança de educação rigorosa era vista por toda a Alemanha no período. Conforme afirma ainda Richard (1988, p. 163):

Gerações de alemães só guardaram da escola da época imperial a lembrança de um sistema opressivo. Com frequência, o professor não passava de um policial. A função mais apreciada pela administração era a sua competência em subjugar, em instruir os jovens espíritos que lhe eram confiados. Assim, como o agente de polícia não podia ser concebido sem um sabre ao lado, era impensável o professor sem uma vareta ou bastão!

A lembrança que Willems guardou desse sistema educacional opressivo era uma marca da educação alemã até as reformas impostas pela República de Weimar.

Outra característica social importante de Niehl que ganha relevo ao analisarmos a trajetória e também a obra de Willems é a religião. A região de Colônia era composta majoritariamente por católicos, e, assim como ocorria com quase 80%⁵ da população da cidade, a devoção católica da família de Willems era muito forte. A religião que era ensinada em todas as escolas públicas possuía nessa região da Alemanha, segundo Willems, um forte tom puritano, e ele lembra que sua família era intransigente com qualquer coisa que saísse dos princípios religiosos mais ortodoxos. Princípios tão intransigentes que, quando Willems começou a namorar Hilda, com quem viria a se casar e que se tornaria mãe de seus três filhos, teve que manter o relacionamento em segredo da família, que desaprovava a relação por Hilda ser protestante.

Em 1914, Emil Willems (o pai) é chamado para servir como médico no exército alemão. Era o começo da Primeira Guerra Mundial, e o fim daqueles “anos relativamente despreocupados” (Willems, 1983, p. 1) da infância de Emil filho. No início dos confrontos, a guerra era vista com incrível entusiasmo. Em uma de suas autobiografias, Willems (1993) narrou as enormes multidões nas estações de trem para ver as tropas partindo, afirmando que todos estavam convencidos de que a guerra seria ganha pelo invencível exército alemão, e que até o Natal daquele ano os soldados estariam em casa. Seu pai realmente estava em casa naquele mesmo ano, voltando do front, mas por ter quebrado a perna durante a retirada alemã da França. Com o longo período em que a guerra se manteve e com as derrotas do exército alemão, a situação econômica da Alemanha se degradava e o sentimento de entusiasmo rapidamente mudou no país.

5 Em 1905 Colônia tinha 428.722 habitantes, sendo 339.790 – 79,3% da população – católicos e 76.718 – 17,9% do total – luteranos. Nas estatísticas de 1910, a população era de 516.540, com 78,4% de católicos e 18,6% de luteranos. Dados da *Kölner Statistisches Handbuch*, (Cologne, 1958), 64ff; e do *Statistisches Handbuch der Stadt Köln*, Vols. 47 (1961) e 56 (1970), cf. Sun (1999, p. 289, appendix 1).

A situação geral piorava à medida em que a guerra tomava um rumo cada vez menos favorável para a Alemanha. A derrocada militar e a chamada “revolução” sobrevieram finalmente, e, ao encalço das tropas alemãs em retirada seguiram as tropas britânicas que chegaram a ocupar a Renânia por vários anos. À miséria da fome associava-se uma inflação que na sua última fase acabou por destruir, completamente, o sistema monetário alemão (Willems, 1983, p. 2).

Ensino ginasial

Em meio a essa turbulência política e econômica, Emil passou nos exames e foi admitido para a escola secundária em 1915 e, como Niehl não oferecia esse tipo de ensino, ingressou no Ginásio Tricoronato em Colônia, “estabelecimento venerável cujos inícios remontavam à Idade Média, e que fazia o possível para conservar a herança medieval intacta” (Willems, 1983, p. 2). Conforme relembrou o próprio Willems (1993) em *My life in three worlds*, *Gymnasium* era o nome genérico dado às escolas secundárias do período e, em Colônia, assim como em todos os grandes centros urbanos da Alemanha, havia diversos tipos de escolas secundárias com ênfases distintas. Algumas com enfoque nas ciências e línguas contemporâneas e outras, como aquela em que Willems ingressou, que preservavam a “tradição clássica” com o estudo de latim, grego antigo, literatura e história greco-romana. O chamado *humanistisches Gymnasium*, tipo mais tradicional de ensino secundário, era rigidamente dividido em nove séries e em todas as nove Willems tinha oito horas semanais de aulas de latim enquanto as outras disciplinas escolares ocupavam duas ou três horas semanais. Além disso, na terceira série o ensino de francês entrava no currículo e, na quarta série, as aulas de grego clássico ocupariam uma posição semelhante ao ensino de latim até o final do curso. Willems, ao recordar de seu tempo enquanto aluno secundarista do *Gymnasium*, relata a discrepância entre o seu

ensino e o momento do país. Em meio à Grande Guerra, com a situação de penúria material pela qual o país passava, uma educação dedicada ao ensino clássico parecia destoar do momento de crise que se instalava. Segundo Willems, o estudo dos clássicos, que fornecia aos alunos o que os alemães chamavam de *Bildung* – algo como cultura geral – estava completamente apartado da vida real alemã e não atraía a paixão dos adolescentes. Willems nos narrou que seu desinteresse o tornara um aluno preguiçoso, ficando entediado na maioria das aulas em que os professores, apesar de sua base sólida para o ensino, não dispunham de inspiração didática, e fazendo o mínimo possível para avançar nas matérias.

Em 1958, Willems publicou na revista *Anhembi* seu diagnóstico sobre o ensino clássico tal qual ao que foi submetido durante a infância. Apesar de não apontar diretamente para sua experiência biográfica enquanto aluno, e tampouco como professor ginásial (no capítulo 2 ressalto que Willems foi professor secundarista em diversas escolas de Santa Catarina, Paraná e São Paulo), só pelo título do artigo, “Agonia das Letras Clássicas”, já temos uma ideia do que o autor achava de tal instrução. Para Willems, “a posição das letras clássicas no currículo secundário dos últimos cem anos é um anacronismo. Nada há de surpreendente no declínio atual do ensino do latim e grego” (Willems, 1958a, p. 485). O mesmo diagnóstico é encontrado, também, no relato autobiográfico de 1983. Conforme escreveu Willems (1983, p. 2),

o colégio clássico era uma relíquia do passado, quase totalmente alheio à realidade social do século vinte. Correspondia ao gosto literário de uma sociedade pré-industrial em que a educação colegial fora monopólio de uma minúscula classe social, despreocupadamente dedicada à conservação de uma tradição vetusta e quase sagrada. O cataclismo da guerra e as convulsões político-econômicas que a seguiram, não constituíam ambiente propício a tais empenhos.

Segundo Willems (1958a, p. 486), tal ensino figuraria apenas no “lastro cultural das elites intelectuais” que, “gozando de posições privilegiadas, puderam segregar-se das massas e entregar-se a tentativas de reconstruir a atmosfera estética que parecia emanar das obras de um Homero, Sófocles, Ovídio ou Horácio”. Além disso, escreveu Willems sobre a disciplina empenhada para o estudo clássico:

Não há dúvida de que o estudo das letras clássicas impõe uma disciplina mental extraordinariamente rigorosa. O domínio eficiente do latim e grego requer longos anos de estudos gramaticais, que, por falta de motivações espontâneas, se transformam, no correr do tempo, no mais tedioso drill, imposto por uma disciplina das mais draconianas. Agindo em dois sentidos diferentes, essa disciplina domina, acima de tudo, o ambiente interno da escola (Willems, 1958a, p. 486).

No entanto, o ensinamento clássico inspirou Emil em outras direções. O estudo no *Gymnasium* desenvolveu no aluno um gosto profundo pela literatura, a ponto de Willems almejar uma carreira de escritor. E, de fato, escreveu poemas e peças, influenciado por Rainer Maria Rilke e Franz Werfel, e publicou em 1926 um volume de 62 páginas com suas poesias que foi bem recebido apenas na crítica do jornal local, tendo dois de seus poemas sido musicados pelo compositor Fritz Fleck (1880-1933).⁶

6 O contato com Fritz Fleck, compositor e crítico de música e teatro no início da década de 1920, deu a Willems acesso aos concertos e eventos de ópera de Colônia. No entanto, apesar do sucesso de Fleck enquanto compositor romântico e com o balé *Batyllus*, de sua autoria, apresentado na prestigiosa Ópera de Colônia, o musicista sentia-se menosprezado pelo mundo artístico (Willems, 1993). Dentre as obras de Fleck encontram-se as *Fünf Gesänge für eine Singstimme mit Klavierbegleitung*, que podem ser acessadas em https://imslp.org/wiki/Category:Fleck,_Fritz (acesso em 30/10/2019).

Infelizmente, não consegui localizar os poemas escritos por Willems, mas o reconhecimento que o jovem escritor faz às suas influências literárias são reveladoras sobre o contexto cultural da Alemanha nos primeiros vinte anos do século passado. Ao descrever o ambiente intelectual e artístico em *A cultura de Weimar*, Peter Gay (1978) discorre sobre a importância de Rilke na literatura do período. Conforme afirma Gay (1978, p. 68):

Rilke estava desembaraçado de um círculo social formal; qualquer um podia fazer parte do culto de Rilke, bastando para isso, lê-lo. E todos o liam. Jovens soldados iam ao encontro da morte com seus versos nos lábios, todos os movimentos de jovens, que desempenharam um papel tão importante na vida alemã antes e durante Weimar, tornaram-no um de seus poetas favoritos.

Assim, a partir dessa rápida recuperação do ambiente intelectual da Alemanha do período da República de Weimar notamos como Willems estava imerso no ambiente cultural e como as suas influências artísticas não foram de forma alguma fortuitas. O papel que a poesia de Rilke teve para a geração de jovens de língua germânica no começo do século passado é revelador sobre o período. E o interesse por poesia enquanto gênero também ocupa um local de destaque. Gay (1978, p. 82) refletiu sobre o tema, analisando “como as memórias pesadamente carregadas de testemunho mostram muitas e muitas vezes, [que] os homens de Weimar eram particularmente suscetíveis à poesia”. Da mesma forma, a referência a Franz Werfel, que aparecia no ambiente cultural com versos expressionistas, marcou os jovens da época. Segundo Gay (1978, p. 135), Werfel “encorajava a rebelião do filho contra o autoritarismo do pai”, autoritarismo esse, como vimos, que marcava as relações familiares dos Willems. Werfel, para além da influência aos versos do jovem Willems,

foi também referenciado em “A sociologia do snobismo”, publicado por Willems em 1939.⁷

A impressão que Willems guardou de seus poemas de juventude e que nos relata em sua autobiografia de 1993 era apenas de que eles deviam ser bem ruins, a ponto de o autor abandonar logo a ideia de se dedicar à literatura (Willems, 1993, p. 8). Entretanto, a despeito da paixão pela literatura, ser escritor não foi a primeira ocupação almejada pelo jovem Emil enquanto aluno secundarista. Seu interesse pela música, em especial pelo violoncelo, era tão forte que ele chegou a vislumbrar uma carreira profissional como músico. Na juventude, ao encontro dos “movimentos de jovens” ao qual Gay se refere, Willems lançou com seus colegas uma “Associação de Literatura e Música Modernas”, em que ele e seus colegas participavam de aparições públicas em Colônia recitando poesias com o acompanhamento do piano e do cello. No entanto, a carreira de músico foi rapidamente abortada por Willems devido a suas modestas habilidades musicais para prosseguir com a carreira profissional (Willems, 1993, p. 8).

Se Willems era realmente ruim como poeta e músico ou apenas muito crítico em relação às suas composições de juventude não posso afirmar, mas o fato de uma editora ter publicado um de seus livros e suas peças terem sido musicadas por um compositor local talvez indique que tanto autor como parte da crítica não consideravam suas produções artísticas tão ruins. Contudo, quem se depara com o estilo dos textos acadêmicos do antropólogo dificilmente vislumbra alguma pretensão poética ou musical, pelo contrário. A separação entre escrita “científica” e “literária” é clara e nos textos acadêmicos de Willems a concepção cientificista predomina. Mas se os seus interesses literários “não foram além de ensaios imaturos e mal-acabados”, produziram no aluno um gosto pelo

7 Willems faz referência ao texto de Franz Werfel (1928), “Der Snobismus als geistige Weltmacht”, e afirma: “O snob vive como repara com muito acerto Werfel no estado de um permanente suicídio ‘espiritual’” (Willems, 1939, p. 54).

manuseio da língua que, mais tarde, se estendeu ao estudo de outros idiomas (Willems, 1983, p. 2).

Formação universitária: de Colônia a Berlim

Thalman (1988) apontou como única mudança notável da passagem do Império para a República de Weimar, no que diz respeito às universidades, o aumento vertiginoso da quantidade de estudantes. Com o mesmo número de 21 universidades, o número de estudantes passou de 72.064 em 1913-1914 para 117.811 em 1931-1932, o que “beneficiou essencialmente a disciplinas socioeconômicas, científicas e técnicas” (Thalman, 1988, p. 74). Para além do enorme crescimento do corpo discente, Ringer (2000, p. 85) mostra como um dos desenvolvimentos mais importantes no ensino superior do período de Weimar foi a criação ou expansão de três novas universidades urbanas: Frankfurt, Hamburgo e, a que nos interessa aqui, Colônia. Segundo Ringer (2000, p. 86), o instituto comercial (*Handelshochschule*) foi criado em 1901 com a “generosidade e o interesse privado e municipal”. Logo foram criados no instituto a academia de medicina prática (1904), uma organização para o ensino público avançado em direito e política (1906), uma academia (*Hochschule*) de administração municipal e social (1912), e um instituto de pesquisa de ciências sociais em 1918, que logo adquiriu reputação nos novos campos da sociologia, da psicologia social e da política social, e que, segundo o autor, foi a “verdadeiramente da nova universidade” (Ringer, 2000, p. 86). Essas seriam as bases segundo as quais se desenvolveria a Universidade de Colônia. E foi nessa nova universidade que Willems ingressou em 1924 e sobre ela descreveu o desenvolvimento do ensino superior na cidade. Escreveu o autor:

Antes de 1918, Colônia tinha apenas uma Faculdade de Economia, mas não uma universidade. O governo republicano criou algumas novas

universidades, e Colônia recebeu uma delas. A maioria das suas divisões situava-se no edifício da Faculdade de Economia, que tinha se tornado uma das faculdades constituintes da nova universidade. O antigo edifício era demasiado pequeno para acolher a massa de estudantes que crescia rapidamente. É claro que qualquer pessoa que tivesse passado nos exames finais de um *Gymnasium* credenciado tinha de ser admitida na universidade mediante pedido formal. Eu me inscrevi na Faculdade de Economia, que tinha um corpo docente excepcional, mas as salas de aula estavam muito cheias e os atrasados tinham de se sentar no chão (Willems, 1993, p. 9, tradução minha).⁸

Na Universidade de Colônia, Willems se deparou com o que mais tarde descreveria como a “liberdade acadêmica” alemã e que iria contrastar com sua experiência nas universidades brasileiras e norte-americanas. Segundo Willems, a universidade não orientava o que os alunos deveriam fazer e nem os cursos que deveriam ser cursados. Foi graças a um aluno veterano, que indicou os primeiros passos acadêmicos de Willems, que o futuro antropólogo conseguiu planejar sua carreira acadêmica inicial. Além disso, o sistema de ensino alemão não dividia os alunos por anos, misturando veteranos e iniciantes na mesma sala de aula, e a inexistência da ideia de “ano acadêmico” é apontada por Willems (1993, p. 9) como característica do sistema universitário alemão. Sistema universitário que, segundo Willems, tinha como tradição a mudança, por parte do corpo

8 No original: “Before 1918 Cologne had only a School of Economics but no university. The republican government established a few new universities, and Cologne received one of them. Most of its divisions were located in the building of the School of Economics which had become one of the constituent colleges of the new university. The old building was much too small to accommodate the rapidly growing mass of students. Of course anybody who had passed the final examinations of an accredited *Gymnasium* had to be admitted to the university upon formal application. I enrolled in the College of Economics which had an outstanding faculty, but classrooms were incredible crowded, and latecomers had to sit on the floor”.

discente, de instituições pelos mais diversos motivos. Depois de três semestres na Universidade de Colônia, a lotação das salas e o pouco interesse pelas aulas de economia foram motivos suficientes para o aluno decidir mudar. E escolheu, justamente, a Universidade de Berlim, que, para Willems, era, naqueles tempos, uma das principais universidades da Europa. Willems apontou essa transferência como decisiva para sua formação intelectual. Segundo ele, “essa universidade se impunha então pela excelência de seu corpo docente, e foram professores como Sombart, Herkner, Vierkandt e outros” que seriam os responsáveis por aguçar sua curiosidade intelectual (Willems, 1983, p. 3).

Berlim tornou-se, a partir de 1923, o centro da modernidade. Com 4,3 milhões de habitantes e transformando-se na terceira maior metrópole do mundo, atrás apenas de Nova York e Londres (Thalmann, 1988), a cidade com seu pujante ambiente cultural atraiu Willems como a grande cidade dos teatros da Europa. Em suas memórias, Willems acentuou os trinta teatros e as três casas de óperas das noites culturais de Berlim, e destacou a cena artística da cidade. No entanto, se a cena cultural fervilhava na capital, a cena política não deixava por menos. Os confrontos entre militantes comunistas e nazistas cresciam nas ruas e criavam um ambiente de violentas confrontações políticas. Com a liberdade acadêmica que até então ainda lhe era garantida e para fugir das distrações que a vida na metrópole proporcionava, Willems partiu para a Universidade de Münster em 1926. Nessa “cidade quieta e provincial, não tão distante de Colônia” (Willems, 1993, p. 11, tradução minha),⁹ realizou os trabalhos universitários em uma boa universidade, segundo suas lembranças. Entretanto, havia um lado negativo, que associava com o que acreditava diagnosticar como um baixo nível intelectual por parte do corpo discente.

9 No original: “Münster is a quiet provincial town, not far from Cologne”.

Permanecendo em Münster até 1927, Willems retornou a Berlim para se graduar e tornou-se um *Diplomvolkswirt*, graduado em economia.

Em 1928 Willems viajou para Paris para realizar um semestre de verão como estudante da Aliança Francesa. Esse período na França é apresentado de maneira dúbia a depender da fonte pesquisada. Em seu relato autobiográfico enviado a Oracy Nogueira, Willems (1983, p. 10) afirma que em Paris se “entusiasmou pelas preleções de Marcel Mauss e de outros sociólogos eminentes”. No entanto essa é a única referência a Mauss encontrada, e na autobiografia de 1993 as figuras da academia francesa são completamente suprimidas. O que Willems ressalta nesse texto é a descoberta da arquitetura parisiense, da arte dos museus e das férias que passou com Hilda na Normandia, “um dos melhores verões de sua vida”.

Após ter passado um semestre de 1928 em Paris para aperfeiçoar seu francês, Willems retornou a Berlim para o doutoramento, não em economia, disciplina de sua formação, mas no Programa de Sociologia, Filosofia, História Moderna e Economia. Com a transferência de Willems para Berlim, o estudante levou também a influência de Leopold von Wiese, considerado por ele como um pioneiro da sociologia empírica da Universidade de Colônia (Willems, 1993, p. 11). Segundo Thalmann (1988, p. 81), a sociologia da Universidade de Colônia cultivava a “análise das relações interpessoais (*Beziehungslehre*) de Leopold von Wiese”, o que fez com que Willems começasse a se interessar por sociologia e o levou a optar por realizar a tese de doutorado nessa disciplina. Interessado pelos trabalhos de comunicação e jornalismo, Willems apresentou ao professor Alfred Vierkandt uma proposta de dissertação sobre as inter-relações entre opinião pública e imprensa, e passou a fazer parte do “pequeno círculo de devotados estudantes” orientados por ele. Além disso, como aluno de Vierkandt, Willems diz ter ganhado acesso a um pequeno grupo de sociólogos, como Karl Dunkmann, que havia acabado de lançar uma revista de sociologia aplicada, e Theodor Geiger, autor de diversos livros sociológicos bem recebidos na época. A revista de

sociologia aplicada (*Archiv für angewandte Soziologie*) criada em 1928 e que, segundo König (1987, p. 260), acabaria com o monopólio da revista de Colônia (*Kölner Vierteljahrshfte für Soziologie*), trouxe em seu volume de 1930 um dos primeiros artigos de Willems (1930b), o estudo sobre o esnobismo “Essai über den Snobismus”, e em 1932 o artigo “Der deutsche Arztestand als Sozialgebilde” (Willems, 1932) (algo como “A profissão médica alemã como estrutura social”). Dunkmann e Geiger são apontados por Willems como duas figuras centrais para seu desenvolvimento acadêmico. Willems comentou que, ao ouvir suas análises críticas das publicações da época, aprendeu mais do que em muitos de seus cursos e foi incentivado a seguir em novos projetos.

Willems não chegou a publicar textos sobre o ambiente cultural e acadêmico da Alemanha, ou especificamente de Berlim nos anos 1920-1930. No entanto, teve acesso e deu sugestões¹⁰ ao texto que seu colega, René König, de tempos de doutoramento em Berlim, escreveu em 1987. Nesse texto, König se utilizou do *Handwörterbuch der Soziologie*, publicado em 1931 sob a organização de Alfred Vierkandt, como ponto de partida para desenvolver o que seria a sociologia de Berlim em 1930. Apesar de os autores que colaboraram para o *Handwörterbuch* não serem exclusivamente professores ligados à Universidade de Berlim, Vierkandt reuniu no dicionário uma vasta gama de intelectuais, inclusive contrários às concepções sociológicas do organizador, tornando o dicionário, apesar das diversas lacunas que König afirma ter, uma importante publicação que revela as preocupações e correntes teóricas que estavam em disputa na Berlim dos anos 1930. E são esses autores, tais como Ferdinand Tönnies, Hans Freyer, Karl Mannheim, além dos já conhecidos Werner Sombart, Leopold von Wiese, Theodor Geiger, Alfred Vierkandt, para mencionar

10 Conforme indicado em nota de rodapé sobre o capítulo “Soziologie in Berlin um 1930”, Willems leu o manuscrito e deu sugestões importantes antes da publicação (König, 1987, p. 258).

apenas os autores mais citados por Willems, que figuravam no ambiente acadêmico da sociologia germânica em 1930.

O interesse de Willems pelos estudos de comunicação a partir de sua ida a Berlim não é de forma alguma gratuito. Como nos revela Thalmann (1988, p. 95), “instrumento privilegiado da difusão das ideias e das modas, a imprensa, o rádio e o cinema conhecem um desenvolvimento, mas também uma concentração espetacular na Alemanha de Weimar”, principalmente na capital. Os trabalhos de Willems sobre a *Zeitungswissenschaft* – termo alemão para os estudos de comunicação no período (*Zeitung*/jornal e *Wissenschaft*/ciência) –, nesse sentido, estavam associados ao que Averbeck-Lietz (2014) afirma ser a primeira fase dos estudos de comunicação alemães. Essa primeira fase da ciência do periódico, que remontaria do final do século XIX até a República de Weimar, quando jornalistas, sociólogos e economistas começaram a pensar sobre a imprensa de massas no mundo moderno (Averbeck-Lietz, 2014, p. 419), teria nos escritos de Weber e Tönnies um ponto fundamental e inspiraria os jovens estudantes como Willems.

Averbeck-Lietz (1999, p. 333-344), em dissertação sobre as perspectivas sociológicas do jornalismo realizadas na Alemanha entre 1927 e 1934, reserva aos estudos de Emil Willems sobre opinião pública e imprensa um subtítulo, “Emil Willems (geb. 1905/Universität Berlin)”. O doutoramento de Willems na Universidade de Berlim com o trabalho *Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen: ein Beitrag zur speziellen Soziologie* (Willems, 1930c), além dos artigos “Die Bekanntschaft” (Willems, 1930a) e “‘Öffentliche Meinung’ als Urteil des Kollektivsubjektes” (Willems, 1931), é apresentado pela autora em meio ao surgimento de estudos interdisciplinares de sociologia e comunicação. Segundo Averbeck-Lietz, Willems teria sido aluno de Emil Dovifat, jornalista que desde 1928 era diretor do Instituto Alemão de Jornalismo e que participou com ele do “Congresso Internacional de Jornalismo”, realizado em Colônia no mesmo ano. Averbeck-Lietz, a partir da análise de documentos da Universidade

de Berlim,¹¹ aponta que em 1928 Willems escreveu ao reitor da universidade solicitando que Dovifat fosse o coorientador de sua dissertação. No entanto, como o jornalismo ainda não havia sido admitido como disciplina na Universidade de Berlim, o escritório do reitor rejeitou a solicitação de Willems, que foi orientado apenas por Vierkandt (Averbeck-Lietz, 1999, p. 333).

O interesse de Willems pela imprensa não foi apenas teórico. Em 1930, com a falta de empregos na capital, Emil iniciou uma rápida carreira como repórter de tribunais de justiça para um jornal dos arredores de Düsseldorf, mas, segundo Willems, além da maioria dos julgamentos serem desinteressantes, o pagamento era irrisório. Foi acompanhando os julgamentos “de alguns heróis nazistas que foram indiciados por agressão ou assassinato” que Willems (1993, p. 12, tradução minha)¹² abriu os olhos para as atividades criminosas das tropas de Hitler. Foi assistindo a esses “muitos processos contra nazistas acusados de crimes de violência, notáveis pela crueldade bárbara com que foram executados” que Willems (1983, p. 4) “já não tinha ilusões quanto à natureza bestial de um possível regime nazista”. Com a insegurança encontrada na Alemanha, a falta de emprego e o desejo de se casar com sua namorada Hilda, Willems começou a pensar em sair do país. Um amigo da família de Hilda que tinha estado no Rio Grande do Sul como professor em 1924 animou Willems para que considerasse a emigração para o Brasil. Com esse novo horizonte,

11 A autora afirma que tentou contato com Willems por telefone durante o período de sua pesquisa de mestrado, mas o professor se recusou a comentar seus estudos sobre imprensa. Como veremos ao analisarmos o caráter biográfico dos escritos de Willems, ele aparece caracterizado pela reclusão e aversão em compartilhar dados para além dos seus trabalhos.

12 No original: “But few trials were newsworthy, and the pay was no more than a little pocket money, and sometimes not even that. By the way I attended the trials of a few Nazi heroes who had been indicated for assault or murder. These trials opened my eyes to the criminal activities of Hitler’s storm troopers”.

Willems passou a escrever para alguns endereços indicados pelo amigo se oferecendo para trabalhar no Brasil e a estudar português. E eis que em 1931 Willems recebeu a oferta de lecionar em um seminário católico, partindo definitivamente para o Brasil.

Brasil

Imigrante no sul do país

Willems embarcou em 1931 rumo ao Brasil a bordo do navio *Antônio Delfino*.¹ Partindo de Hamburgo com destino a Santos, Willems teve, depois de três semanas de viagem, a primeira visão do país no qual residiria pelos próximos dezoito anos. Após uma breve passagem pelo Rio de Janeiro, com a visão de suas montanhas e da Baía de Guanabara, o navio atracou em Santos, onde um padre da congregação na qual Willems iria lecionar (provavelmente a Sagrado Coração de Jesus) o aguardava para realizar os trâmites legais de imigração. Depois de um breve período em Santos, Willems embarcou em um pequeno barco costeiro que o levaria até o porto de Itajaí (SC), onde um pequeno caminhão o esperava para levá-lo a seu destino final, Brusque.

Willems (1993, p. 13) afirmou não se lembrar de sua primeira impressão da cidade, mas relatou o grande alívio que sentiu, livre das pressões, e que a vida se mostrou subitamente fácil e descomplicada. Sua única saudade era Hilda, que dentro de alguns meses se juntaria a Willems

1 *Antônio Delfino* era uma das três embarcações da companhia Hamburg-Süd (HSDG) que desde 1921 realizava o transporte de passageiros entre a Alemanha e o Brasil. Junto com os navios *Cap. Polônio* e *Cap. Norte*, o *Antônio Delfino* realizava o percurso da cidade alemã de Hamburgo com destino a portos de cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e Santos, ao longo da década de 1920 e 1930.

em Brusque, quando o casal, longe do fervor religioso da família e das complicações políticas da Alemanha, poderia finalmente se casar.

O estabelecimento do casal em Brusque foi uma forte virada no padrão de vida a que estavam acostumados na Alemanha, mesmo com a forte crise financeira que o país vinha passando. Em sua autobiografia de 1993, Willems descreve uma série de mudanças em sua vida ao se estabelecer no sul do Brasil e que contrastavam com a vida que tinha nas classes médias alemãs. A casa cheia de baratas na periferia de Brusque, as mudanças de hábitos alimentares e na preparação do alimento, a forma de cozinhar com fogão à lenha que forçou Willems a comprar um machado para cortar lenha, a falta de água encanada, entre outras mudanças no modo de vida do casal, marcaram os primeiros anos em terras brasileiras. Mas mesmo com essas mudanças, o tom dado por Willems a esse período é de satisfação. Satisfação por poder se casar com Hilda e iniciar uma nova vida, satisfação por descobrir que lecionar era a profissão que lhe agradava, satisfação por se afastar no nacionalismo alemão.

As primeiras publicações de Willems no Brasil remontam a esse período. Enquanto professor na cidade, lhe foi sugerido que escrevesse sobre a história da região. Willems não prosseguiu com a ideia, mas com uma pesquisa inicial escreveu o seu primeiro artigo no e sobre o Brasil. Em relato autobiográfico, Willems (1983, p. 5) atribuiu a Brusque o interesse em suas primeiras pesquisas:

Originalmente colônia agrícola alemã e, mais tarde, diversificada por imigrantes italianos e alguns de nacionalidades várias, Brusque oferecia o cenário de uma população em pleno processo de aculturação. Achei fascinante a experiência e converti-me, quase imediatamente, em “observador participante”.

Apesar dos maiores estudos de Willems sobre a assimilação e aculturação dos imigrantes alemães terem sido publicados na década de 1940, o autor

atribui retrospectivamente ao seu período em Brusque a responsabilidade por seu interesse no tema. De fato, seu primeiro artigo versando sobre os problemas da imigração alemã para o Brasil foi publicado em 1934, um artigo na revista francesa *Revue Internationale de Sociologie*, escolha essa tomada pela ascensão do nacional-socialismo alemão nas revistas do país.

Naquele ano, Willems tomou conhecimento de um novo ginásio que seria aberto em Jacarezinho (PR). A nova escola, organizada por membros de uma ordem religiosa, seria a primeira escola secundária da região. O professor, que desde o ano anterior procurava um emprego melhor na educação secundária, realizou os exames de revalidação junto ao Ministério da Educação, necessários à época para poder lecionar no ensino secundário. Em Brusque, por lecionar numa instituição confessional, o registro junto ao ministério não era necessário, mas, para se tornar professor ginásial, era preciso realizar os exames para se habilitar. E foi em Jacarezinho, com o intuito de melhorar o seu português, e aproveitando sua formação em economia, que publicou seu primeiro livro no Brasil, iniciado alguns anos antes, *Elementos de história geral da economia* (Willems, 1936), espécie de manual de introdução para estudantes secundários.

Em 1936, Willems conheceu Antônio de Sampaio Doria, professor de direito na Universidade de São Paulo e dono de um prestigiado colégio particular paulistano e de plantações de café no Paraná. Willems conseguiu uma entrevista com Doria e foi contratado para lecionar francês e inglês no Liceu Rio Branco, em São Paulo, partindo com a família para a capital paulista. Se sua trajetória alemã foi caracterizada pela mudança de uma vila camponesa para uma cidade grande e, em seguida, para uma das metrópoles mais pulsantes da Europa, no Brasil Willems passou por um movimento semelhante, seguindo de uma pequena cidade para aquela que nas décadas seguintes seria a cidade de maior crescimento no mundo.²

2 Na década de 1950, o slogan corrente em São Paulo era “A cidade que mais cresce no mundo” e a comparação com o crescimento da cidade de Chicago, →

Rumo a São Paulo

Em São Paulo, Willems passou a fazer parte de um círculo social composto por professores universitários. Dentre os novos contatos, Willems (1983, p. 6) ressaltou “dois homens cuja amizade e influência intelectual contribuíram imensamente para o [s]eu próprio desenvolvimento: Fernando de Azevedo e Herbert Baldus”. Fernando de Azevedo, diretor do Instituto de Educação, curso específico para professores secundários e que passou a fazer parte da Universidade de São Paulo e incorporado pela FFCL, convenceu Willems a participar de um concurso no instituto, no qual este defendeu a tese de livre-docência *Mobilidade e flutuação das profissões no Brasil e o problema educacional* (Willems, 1937). Desde a criação da universidade, em 1934, cabia aos alunos da FFCL o cumprimento de aulas no Instituto de Educação, curso que antes estava ligado à Escola Normal da Praça da República,³ cujo objetivo seria a formação pedagógica em nível universitário. Entre 1936 e 1938, “foi das mais intensas a colaboração entre a Faculdade e o Instituto de Educação, onde os licenciados, simultaneamente com o último ano de curso da Faculdade, frequentavam as aulas que lhes dariam o diploma de professor secundário” (Anuário [...], 1953a, p. 14).

Esse período como professor secundário e do Instituto de Educação é fundamental, não só por fornecer a Willems o contato com a academia e com a intelectualidade paulista, mas também por ser revelador do movimento educacional naquele momento, intimamente ligado ao desenvolvimento das ciências sociais. Além disso, constava no decreto de criação

→ ocorrido também de forma acelerada algumas décadas antes, era recorrente. A população paulistana, que segundo o IBGE era em 1940 de 1.326.261 pessoas, passou na década seguinte a 2.198.096 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).

3 O Instituto de Educação Caetano de Campos era localizado na Praça da República e era conhecido como Escola da Praça. De 1938 a 1947 foi ali que a FFCL foi formada, mudando para a Rua Maria Antônia em 1947.

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como uma das finalidades da instituição, “preparar candidatos ao magistério do ensino secundário, normal e superior” (São Paulo, 1934).⁴ Desde o início da Universidade de São Paulo, o Instituto de Educação era um dos alicerces do projeto acadêmico da instituição. Era a formação de professores em nível universitário que regia a atuação da recém-criada universidade. Da mesma forma, a “revolução normalista”, em que intelectuais como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, por exemplo, implementaram o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, trazia ao campo educacional brasileiro a “imposição da sociologia como matéria obrigatória na formação dos professores primários e secundários” (Corrêa, 2013, p. 81). Nesse sentido, a figura de Fernando de Azevedo⁵ à frente do instituto e da cadeira de Sociologia Educacional constituía uma iniciativa fundamental para a formação de cientistas sociais em São Paulo.

Conforme aponta Limongi (1989, p. 129) sobre a relação entre o movimento educacional paulista e a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, existiria uma continuidade dos projetos educacionais que se iniciaram com o projeto de Doria na criação da Faculdade de Educação em 1920, passaram pela reforma realizada por Fernando de Azevedo, responsável pela criação do Instituto de Educação, e atingiram “seu ponto mais alto na criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

-
- 4 Em 1942 o decreto-lei nº 12.511, de 21 de janeiro, reorganizou a faculdade, mas manteve as suas finalidades (cf. São Paulo, 1942).
 - 5 Sofre o papel de Fernando de Azevedo na sociologia educacional escreveu Willems: “Fernando de Azevedo vem incorporar-se ao número dos grandes sistematizadores da Sociologia. Predestinado como ninguém, pelo seu passado de organizador da instrução no Brasil, autor de uma reforma do ensino (do Distrito Federal) cujo décimo aniversário foi festivamente comemorado em 1938, ao mesmo tempo titular da cátedra de Sociologia Educacional da Universidade de São Paulo, Fernando de Azevedo reúne todos os requisitos para produzir uma obra tão extraordinária e rara que é esta ‘Sociologia Educacional’” (Willems, 1940, p. 215).

em 1934”, ou seja, tanto Doria quanto Fernando de Azevedo, ambos com presença ativa na trajetória de Willems na academia paulista, são figuras reveladoras das agendas que se formavam. No mesmo sentido, lembra que “da ação dos educadores, ressaltam-se ainda os esforços anteriores de introdução da sociologia na escola secundária e da divulgação de textos sociológicos” (Limongi, 1989, p. 138) e que as reformas educacionais foram fundamentais em São Paulo na institucionalização das ciências sociais. Em meio à difusão de textos sociológicos, os projetos de Willems da criação da revista *Sociologia*, em 1939, a enciclopédia *Leituras sociológicas* (Willems; Barreto, 1940) e o *Dicionário de etnologia e sociologia* (Baldus; Willems, 1939), bem como a tradução de textos de língua alemã (Mannheim, 1950), foram importantes para a divulgação sociológica para o ensino secundário e universitário.

Ao prestar a sua livre-docência, Willems entrou em contato de forma sistemática com uma série de autores brasileiros, fundamentais para o debate sobre pensamento social, como Alberto Torres, Gilberto Freyre, Papaterra Limongi, Monteiro Lobato, Oliveira Vianna, além do trabalho de Fernando de Azevedo. Conforme escreveu o autor em relato autobiográfico, desde os seus primeiros estudos em Brusque já vinha desenvolvendo um interesse pela literatura brasileira. Segundo Willems (1983, p. 6),

meus interesses intelectuais, no entanto, não ficaram restritos a problemas locais. Por intermédio de meu amigo Guilherme Renaux, cheguei a “descobrir” Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre cujo Casa-Grande e Senzala acabara de sair em primeira edição. Foi um mundo diferente e totalmente novo para mim, que assimilei com uma sofreguidão nunca antes experimentada.

Realizando um estudo “do fenômeno de instabilidade profissional” enquanto fornecedor de uma “base para uma ação educacional adequada”, Willems (1937, p. 6) analisou a mobilidade social na sociedade brasileira

para uma intervenção educacional. Importante ressaltar, aqui, que os estudos educacionais, na esteira do manifesto dos pioneiros da educação nova de 1932, com seu movimento de renovação educacional, também tinham um caráter de intervenção no sistema educacional, e o trabalho de Willems parece ir nesse sentido: mostrar como a instabilidade profissional se manifestava no Brasil, bem como assinalar a necessidade de uma ação educacional específica para estabilizar a ordem profissional. Se, a partir da década de 1940, Willems teve uma identificação acadêmica com a antropologia aplicada realizada nos EUA, até os anos 1930, e sob a influência de Fernando de Azevedo, considerava a sociologia educacional norte-americana “pragmática” e “imediatista” (Willems, 1940, p. 215).

Com o título de livre-docente em mãos, Willems assumiu o cargo de professor assistente de Filosofia Educacional, ministrada por Roldão Lopes de Barros, e, em 1939, passou a ser assistente em Sociologia da Educação, sob responsabilidade de Fernando de Azevedo. E foi com um decreto de 1938, no qual o Instituto de Educação foi incorporado à FFCL, criando assim a “seção de Educação”, que Willems passou a fazer parte do corpo docente da universidade. Pelo decreto, os professores do antigo instituto passaram a fazer parte da Universidade de São Paulo.

Em meio aos novos contatos acadêmicos que Willems passou a ter em São Paulo, é importante destacar sua participação na criação de duas sociedades distintas: a Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia, ambas criadas em 1936 junto ao Departamento de Cultura de São Paulo. Apesar da atuação de Willems aparecer de forma periférica, ele foi um dos sócios fundadores da Sociedade de Etnografia e Folclore.⁶ Nos arquivos dessa sociedade constam apenas algumas cartas

6 A Sociedade de Etnografia e Folclore foi criada em 1936 por Mário de Andrade, que estava à frente do Departamento de Cultura de São Paulo. A sociedade tinha como seus objetivos “orientar, promover e divulgar estudos etnográficos, antropológicos e folclóricos” (Sociedade de Etnografia e Folclore, 1938). Sobre a atuação da instituição, ver Valentini (2010).

de Willems datadas de 1937, em que apresenta dúvidas sobre um fenômeno observado enquanto ainda residia em Jacarezinho, e sobre o qual solicitava indicações bibliográficas a respeito.

Além de não ter uma atuação mais efetiva na Sociedade de Etnografia e Folclore, como é possível constatar pela análise dos documentos da instituição e pela consulta à bibliografia que versa a seu respeito, o próprio professor parece não atribuir a ela um papel de importância em sua passagem pelo Brasil. Em nenhum momento Willems cita a sociedade em seus relatos autobiográficos ou artigos; da mesma forma, a Sociedade de Sociologia não está presente nos escritos do autor. Nesta última, porém, a participação de Willems parece ter sido mais efetiva, inclusive pelo fato de ter ocupado cargos na instituição, como o de primeiro-secretário em 1939, bem como pela proximidade que tinha com Fernando de Azevedo, presidente da entidade no período. Isso torna o silêncio de Willems sobre suas relações com a sociedade bastante intrigante.

Antropologia em São Paulo: entre USP e ELSP

No início do decênio de 1940, um jovem de aparência e nome germânicos, cerca de 35 anos de idade, circulava entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, e a Escola Livre de Sociologia e Política, da mesma cidade, ministrando aulas de Antropologia e de Economia Política, participando de reuniões de docentes, planejando e administrando programas de pesquisa de campo, utilizando intensamente as respectivas bibliotecas. Seu nome era Emílio Willems, com o prenome aporuguesado desde seu aparecimento na cidade. Falava um português fluente, correto e sem qualquer sotaque, ao contrário da maioria dos imigrantes da mesma origem; e exibia com tamanha autoconfiança seu conhecimento da língua vernácula que se dava o luxo de corrigir os erros gramaticais

e ortográficos dos trabalhos escritos dos alunos. Estes, a um tempo cheios de admiração e contrafeitos, discutiam sobre a naturalidade do Professor Willems. Pouco acreditando que houvesse emigrado da Alemanha já adulto e portador de formação universitária, propendiam a crer que fosse descendente de alemães, provavelmente natural de Santa Catarina, de onde viera para São Paulo, a quem os pais houvessem enviado à Alemanha para estudar (Nogueira, 1983, p. 4).

Esse trecho, escrito por Oracy Nogueira para abrir o livro sobre Emílio Willems para a coleção *Grandes Cientistas Sociais*, dá a tônica da atuação do professor nas instituições de ensino superior em São Paulo. Ao longo da década de 1940, Willems assumiu uma posição central no desenvolvimento e institucionalização da antropologia paulista. Ao assumir a recém-criada disciplina de Antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), e o também recém-criado curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), ambos em 1941, assim como a fundação da revista *Sociologia* em 1939 e de seus estudos pioneiros, o professor se tornou uma figura-chave no período.

A bibliografia sobre a história das ciências sociais em São Paulo aponta como o seu desenvolvimento está marcado, desde sua origem, pela constituição das duas instituições de ensino superior nas quais Willems lecionou, ambas voltadas para a formação de profissionais na área: a ELSP e a FFCL (Limongi, 1989, p. 217). Mais do que isso, a literatura ressalta que houve uma clara diferenciação de um projeto acadêmico a partir de São Paulo, em que a então recém-criada Universidade de São Paulo elegeu como mestres os intelectuais franceses como protagonistas de um modelo de ensino enquanto na Escola Livre de Sociologia e Política teria sido instituída uma forma de pesquisa de forte influência norte-americana, cujos representantes teriam, naquele momento, também escolhido o Brasil enquanto objeto de reflexão. Ou seja: um modelo se apoiando na docência e o outro na pesquisa, “dois modelos contrastantes de ciências

sociais, tanto em termos dos paradigmas orientadores como também pela história da institucionalização das novas disciplinas” (Peixoto, 2001, p. 478). A presença de Willems nas duas instituições nos fornece um excelente contexto para analisar com mais vagar a forma como essa clivagem, tão relembada pela historiografia, considerada constituidora da institucionalização das ciências sociais no Brasil em um período fundamental, era de certa maneira “resolvida” na produção científica de um de seus principais intérpretes. O lugar ambíguo de Willems nessa historiografia (por um lado sempre lembrado como um intelectual-chave nesse processo e, por outro, alguém cuja obra não é de fato conhecida no país) torna-se elemento importante de investigação. Sobre essa dicotomia entre escolas e concepções, Willems se posicionou em diversos momentos. Segundo o professor,

verifiquei muitas vezes, com espanto, como os campos se dividem entre os jovens egressos das nossas escolas superiores. Aqui os “teóricos” que desprezam a “prática” equivalente, para muitos, à pesquisa. Mantêm-se, com ares de superioridade, no reino do “espírito puro”. Ali os “adversários” que labutam, orgulhosamente, no campo das “realidades práticas” e desdenham de todas as teorias que “nunca combinam com a prática”. O desprezo é mútuo e a incompreensão completa. Frequentemente, esse antagonismo coincide com outro que se acentua, a olhos vistos, entre os representantes de ciências “úteis” e ciências “inúteis”. Creio que esses sintomas refletem certas falhas didáticas na transmissão das ciências, particularmente das ciências sociais. Um dos primeiros conhecimentos que o estudante de Sociologia (e das demais ciências sociais) deve adquirir é o de que teoria e “prática” ou teoria e pesquisa são conceitos complementares e correlatos (Willems, 1946, p. 144).

Ou seja, a dicotomia entre os alunos egressos da USP e da ELSP relatada pela bibliografia, em que teoria de um lado e prática de outro pareciam

incompatíveis na concepção das ciências sociais, era confirmada com espanto pelo professor das duas instituições. A partir desse comentário sobre o antagonismo das escolas, a afirmação de Jackson (2009a, p. 184) de que Willems teria realizado uma espécie de “projeto ecumênico” parece corresponder à tentativa de Willems em ajustar essas “falhas didáticas na transmissão das ciências”, unindo teoria e pesquisa no ensino das duas instituições e na revista *Sociologia*.

Esse período em que passou a fazer parte das instituições paulistas também é fundamental na trajetória do professor, pois, como bem resalta Nogueira (1983), é uma nova fase nos estudos de Willems, com uma diversificação dos temas de suas investigações. Se até sua chegada ao Brasil Willems teria ficado restrito a estudos “clássicos”, concentrando-se na comunicação de massas e formas expressivas, a partir de sua instalação no país e, principalmente, como professor das duas instituições, há uma maior tendência aos estudos empíricos e com temas ligados ao rural, além do interesse pelos problemas educacionais, assimilação de imigrantes, entre outros. É uma época também marcada pela ampliação das fontes de inspiração teórica, o que consistiria na “maior familiaridade com a Sociologia francesa, graças ao contato com Fernando de Azevedo, e com os sociólogos e antropólogos norte-americanos contemporâneos dos quais Donald Pierson foi a fonte viva de informações; e na descoberta da literatura ensaística brasileira” (Nogueira, 1983, p. 30). Assim, mais uma vez, as diferenças entre as concepções europeias, norte-americanas e brasileiras se cristalizam em figuras e instituições diferentes, das quais Willems fez parte.

Além da dicotomia entre os modelos francês e norte-americano, Emílio Willems foi, sem dúvida, um dos autores responsáveis pela difusão de escritos sociológicos alemães no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. Na bibliografia que compreende a recepção da obra de autores alemães no Brasil, a referência aos trabalhos de Willems aparece como ponto pacífico entre os especialistas como um dos primeiros autores

responsáveis por trazer ao circuito sociológico brasileiro as concepções em voga na Alemanha dos anos de 1920 (cf. Dias, 1974; Villas Bôas, 2006, 2014; Waizbort, 2007, entre outros). Como pontuou Villas Bôas (2006, p 20):

Não faz muito tempo, admitia-se que a sociologia brasileira era resultado de um casamento bem-sucedido entre a teoria sociológica francesa e o empirismo da pesquisa norte-americana. Agora parece que é a vez da sociologia alemã ocupar um lugar de destaque.

USP

Em 1941, Willems foi convidado por Fernando de Azevedo, recém-nomeado diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para lecionar a disciplina de Antropologia que acabara de surgir, por lei federal, no currículo oficial das faculdades de filosofia.

Em 1º de julho de 1941, o interventor federal do estado de São Paulo publicou o decreto nº 12.038 (São Paulo, 1941), em que adaptou o regulamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo ao padrão federal estabelecido pelo decreto-lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939 (Brasil, 1939). Nesse decreto federal, que visava a organização da Faculdade Nacional de Filosofia, atribuindo sua finalidade, constituição, organização de cursos ordinários e extraordinários, das cadeiras e do pessoal docente e administrativo, do regime escolar, entre outras atribuições da nova instituição, a disciplina de Antropologia apareceu como obrigatória do curso de Geografia e História, e na terceira série do curso de Ciências Sociais seria ministrada a disciplina de Antropologia e Etnografia. Assim, a antropologia, que desde 1936 vinha sendo ministrada intermitentemente como tema de programas de etnografia geral e de sociologia, passou a ser lecionada, após essa reestruturação, em caráter obrigatório nas seções de ciências sociais (2º ano) e geografia e história (1º ano) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (Maciel;

Andrade; Vale, 1978). É nesse contexto que Willems recebeu o convite de Fernando de Azevedo para lecionar a nova disciplina, que ao longo da década sofreria novas modificações na estrutura da faculdade por força de decretos até ser declarada, pela lei nº 231, de 23 de dezembro de 1948 (São Paulo, 1948), a cadeira de número 49 da FFCL, vinculada ao novo Departamento de Sociologia e Antropologia.

Em 1943, Willems trocou uma série de considerações sobre como organizar os cursos de Antropologia e a terminologia a ser empregada com o professor responsável pela cadeira na Faculdade Nacional de Filosofia, Arthur Ramos. Sobre a separação característica da USP, Willems (1943b) escreveu:

Se entendi bem os dizeres da sua carta, o Sr. deseja a uniformização no sentido de dar à cadeira o nome de Antropologia e Etnologia. Estou de acordo com essa sugestão e, também, com a crítica que o Sr. faz à denominação “Antropologia e Etnografia”. Mas infelizmente a alteração de Etnografia para Etnologia não teria possibilidade de ser bem acolhida pelo C. T. A. desta Faculdade. A razão é simples. O nome da cadeira a cargo do prof. Plínio Ayrosa é “Etnografia e Língua Tupi-Guarani”, o prof. P. Ayrosa que está muito mais interessado em Linguística do que na outra parte de sua cadeira, dá realmente Etnografia e não Etnologia. A Antropologia é cadeira autônoma e está a meu cargo.

E continuou:

Esta divisão não é boa. No ano passado tentamos modificá-la, unindo a Etnografia Geral à antropologia. Embora houvesse acordo completo entre os professores, não foi possível realizar o plano devido a dificuldades de ordem burocrática. Confesso que não vejo possibilidade de solução. Mesmo se a denominação oficial passasse a ser “Antropologia e Etnologia” (com que eu pessoalmente concordo) a nossa situação praticamente não mudaria (Willems, 1943b).

Uma das particularidades da criação da disciplina e, posteriormente, da cadeira de Antropologia na FFCL, era a presença de uma cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani, regida separadamente. Se, até 1941, eram ministrados cursos de Antropologia de forma intermitente pelo Programa de Etnografia, a partir da criação da disciplina, e da criação do Departamento de Sociologia e Antropologia, as duas cadeiras passaram a ser regidas em departamentos separados. Em 1948, Willems escreveu para Felte Bezerra sobre a especificidade da faculdade:

Aqui há duas cadeiras, uma de etnografia e língua tupi e outra, de antropologia. Esta está integrada no Departamento de Sociologia e Antropologia, a outra não. Creio que isso torna os nossos programas imprestáveis para qualquer outro tipo de escola, pois damos uma multiplicidade de cursos, quase todos concentrados na secção de ciências sociais (cf. Dantas; Nunes, 2009, p. 164).⁷

Assim, o ensino de antropologia na FFCL foi moldado de forma única naquela instituição. Apesar do entendimento de que a separação entre etnografia e língua tupi-guarani e antropologia ser prejudicial ao ensino, as questões burocráticas e a política universitária prevaleceram. Além disso, conforme informa Egon Schaden, primeiro doutor formado em antropologia pela FFCL e que viria a assumir a cadeira com a ida de Willems aos EUA, a disciplina recém-criada por si só carecia de autonomia – o que seria remediado justamente com a atuação do seu colega. Segundo Schaden (2013),

essa disciplina de Antropologia não tinha lá muito sentido. Não tinha sentido porque até certo ponto ela era um derivado de Etnografia [ministrada sob responsabilidade de Plínio Ayrosa], mas não tinha

7 Carta de Emílio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949.

um conteúdo próprio, a não ser que aparecesse um professor que lhe desse um conteúdo. [...] E apareceu o professor que era Willems [...]. O professor Willems conseguiu dar bastante consistência ao estudo de antropologia na Universidade de São Paulo.⁸

O *Anuário* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL-USP) de 1939-1949 esclarece como deveria ser estruturada a disciplina. Segundo a publicação,

dada a natureza dos currículos em que a matéria se devia enquadrar, ficou assentado, desde o começo, que “Antropologia” devia ser compreendida no sentido lato, como Antropologia Cultural, e Física. Todos os programas posteriormente sancionados pelo Conselho Técnico Administrativo e pelas Congregações foram concebidos sobre essa base. Em uma de suas sessões, o C. T. A. resolveu estabelecer esse princípio para efeito de organização de programas, selecionaram-se, no vasto campo da Antropologia Cultural, os temas que mais intimamente se relacionassem com a realidade do país (*Anuário* [...], 1953b, p. 659).

Dessa forma, o papel de Willems como professor responsável pela disciplina deveria ser dividido no ensino de antropologia cultural e física, montando um curso que desse conta de introduzir os principais pontos da antropologia, dialogando com a situação nacional. Assim, seguindo a orientação do CTA, Willems dividia seus cursos ministrando aulas de antropologia física no primeiro semestre e antropologia cultural no segundo, com três aulas semanais de cada. Sobre essa nova função, Willems se recordou de como recebeu o convite para lecionar antropologia cultural e física. Segundo o professor, a colaboração intensiva que

8 Entrevista em vídeo de Egon Schaden à Mariza Corrêa, realizada maio de 1984. Edição em vídeo do registro na íntegra do depoimento de antropólogos que participaram do projeto “História da Antropologia no Brasil (1930-1960)”.

tivera com Herbert Baldus desde 1939,⁹ pessoa com que Willems (1983, p. 6) afirmou ter aprendido “mais etnologia do que se poderia extrair do melhor dos manuais, pois ele irradiava a autoridade de um exímio pesquisador de campo que se impunha pelas experiências acumuladas em contato direto com sociedades indígenas”, o preparou para o ensino de antropologia cultural, mas a necessidade de lecionar antropologia física, uma matéria sobre a qual não sabia praticamente nada (Willems, 1993, p. 24), preocupava o professor. No entanto, “acostumado a aceitar tarefas nas quais não havia sido treinado” (Willems, 1993, p. 24), Willems resolveu aceitar o cargo por entender que a exigência era apenas para ensinar em um curso introdutório e não para treinar antropólogos profissionais. Assumida a nova função, Willems pôe-se a investigar os textos do período sobre o tema na literatura especializada.

A implementação da nova disciplina nos primeiros anos não deixou de apresentar problemas, não só pela inexperiência do docente, mas pela falta de estrutura universitária. Como ressalta o *Anuário*, as atividades didáticas da disciplina foram fortemente prejudicadas em antropologia física até 1943, dada a “falta absoluta de instrumentário de antropometria e peças osteológicas” (Anuário [...], 1953b, p. 659). Apesar de o *Anuário* ressaltar que essa falha pôde ser corrigida e que “as condições gerais de ensino e de pesquisa melhoraram consideravelmente” nos anos posteriores, foram apenas adquiridos alguns compassos e aparelhos de medição “indispensáveis aos exercícios práticos que deviam acompanhar os cursos da Disciplina” (Anuário [...], 1953b, p. 659), e não foi possível instalar um

9 Florestan Fernandes narrou uma anedota interessante sobre a banca da defesa de sua dissertação que mostra bem a relação dos dois professores alemães. Escreve Florestan: “O professor Baldus, que funcionou como meu orientador e era um especialista sobre os tapirapés, endossou plenamente os resultados de minha investigação. Na defesa de tese, ele chegou a interromper um dos examinadores, para dizer: ‘Oh, Willems! Que bobagem! Bem se vê que você nunca viu um índio!’” (Fernandes, 1978, p. 86).

gabinete de antropometria na Universidade. Em 1947, Willems recorreu ao Departamento de Física da faculdade para pedir auxílio na construção e empréstimo de equipamento para o laboratório de antropologia física. Em carta ao diretor do Departamento de Física, Gleb Wataghin, Willems agradeceu pela construção que o departamento realizou, a seu pedido, de um craniógrafo para ser utilizado nos estudos antropológicos. Escreveu Willems (1947):

Em vista das extraordinárias dificuldades com que é preciso lutar, em nosso meio, para se obter o instrumentário para trabalhos antropométricos, é sobretudo confortadora a compreensão e a boa vontade com que o Departamento de Física, dirigido por V. S., se prontificou a fornecer o referido aparelho.

Além disso, há no arquivo da Faculdade de Física o recibo do empréstimo de um suporte Bunsen assinado por Willems ([194?]), sem data. Se Willems não conseguiu o laboratório de antropometria, bem diversa era a situação da cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani. O Museu de Etnografia, ligado à cadeira de Plínio Ayrosa, teve um incremento considerável em seu acervo no período. Segundo o *Anuário* da faculdade, em 1939 o museu contava com setecentas peças e, em 1949, o número já era próximo de 1.500 (*Anuário* [...], 1953b, p. 552). Mesmo sendo o ensino da antropologia física, tal como concebido pelo Conselho Técnico-Administrativo (CTA) da faculdade, considerado indispensável, as diferenças de tratamento dada a ela e à etnografia revelam a desigualdade da força política universitária que o sistema de cátedras propiciava.

O sistema de cátedras tal qual implementado pela USP oferecia um poder extraordinário aos professores catedráticos. Além de total autonomia, esses professores contavam com uma vaga no CTA da faculdade, e poderiam nomear os seus professores assistentes, que, “sendo [...] de confiança imediata do catedrático”, poderiam ser dispensados a qualquer

momento por indicação (São Paulo, 1942). Além disso, como ressaltado por Mariza Corrêa (2013, p. 139), era um sistema patriarcal, em que homens assumiam a posição catedrática enquanto as mulheres assumiam a posição de professoras assistentes. A questão de gênero permeia algumas reflexões do período de desenvolvimento da FFCL e que perpassam a trajetória de Willems na instituição. Conforme aponta Miceli (1989, p. 79), para compreender a predominância de estudantes mulheres nos cursos de Ciências Sociais da USP deve ser levado em consideração a constituição do “mercado acadêmico”. Nesse sentido, a lembrança de um ex-aluno sobre um comentário de Willems em sala de aula não deixa de ser carregada de significado. Segundo Oliveiros Ferreira (1988, p. 20), os doze alunos que cursavam a disciplina, “rapazes e moças assustados com a figura imponente de Emílio Willems”, teriam ficado preocupados com a frase do alemão: “Antes de comentar as provas e dar as notas, gostaria de dizer que esta escola não é escola-de-espera-marido”.

Segundo Willems, nos semestres designados para o ensino de antropologia física ele costumava lecionar antropometria com práticas e elaboração estatísticas de dados, a evolução com fundamentos de genética humana e o estudo descritivo das raças modernas. Para tanto, o professor exigia dos alunos a leitura de textos em inglês e francês, “pois em português nada existe que possa ser usado em um curso superior” (cf. Dantas; Nunes, 2009, p. 164).¹⁰ Dentre a bibliografia indicada encontram-se *Les hommes fossiles*, de Marcellin Boule (1921), *Up from the ape*, de Ernest Hooton (1946), *Introduction to physical anthropology*, de Ashley Montagu (1945), e *Apes, giants and man*, de Franz Weidenreich (1946). Além desses livros adquiridos pela biblioteca da universidade, Willems indicava a leitura do *American Journal of Physical Anthropology*, um dos mais prestigiosos periódicos da área, já que “no terreno da paleontologia

10 Carta de Emílio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949.

humana há novidades a todo momento é naturalmente preciso estar a par da literatura monográfica e periódica” (cf. Dantas; Nunes, 2009, p. 164).¹¹ Conforme documentado no *Anuário* da faculdade, “no ensino da Antropologia Física visou sobretudo três grupos de problemas: o homem fóssil, o condicionamento genético da evolução humana e a divisão racial da humanidade atual” (*Anuário* [...], 1953b, p. 660). É possível afirmar que em 1947 Willems dedicou grande parte do curso às práticas de antropometria e à elaboração estatística dos dados (desvio-padrão e coeficiente de variação), e em 1948 deu maior atenção ao estudo fóssil e à questão da evolução humana (*Anuário* [...], 1953b, p. 660).

O segundo semestre dos cursos dedicados à antropologia cultural tinha como principal objetivo o estudo dos contatos culturais, tanto no Brasil como no exterior. Sobre a produção antropológica internacional o professor recomendava a leitura de monografias estrangeiras. De acordo com o *Anuário* que descreve as atividades da FFCL referentes ao período 1939-1949, justamente os anos em que Willems era o professor responsável pela disciplina, e que apresenta o histórico e desenvolvimento dos cursos da faculdade:

Diante da importância crescente dos contatos sociais que se estabelecem entre povos racial e culturalmente diversos, desenvolveu um vasto programa, visando o estudo objetivo dos contatos raciais e culturais. Foram examinados, em aulas e seminários, aspectos gerais do problema, sobretudo as questões de conflito, preconceito racial, miscigenação, aculturação e assimilação. Permanecendo relativamente constante esta parte do programa, a outra, dedicada ao estudo de determinadas áreas de contato, variou de ano para ano, visando a apresentação de novos resultados de pesquisas, à medida que se tornavam públicas. Examinou a situação cultural e racial do Negro

11 Carta de Emílio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949.

em diversos países da América, principalmente nos Estados Unidos e Brasil. As áreas de contato da África meridional e oriental foram estudadas mormente sob o ponto de vista da industrialização e destribalização dos nativos. Grande parte do curso foi dedicada à análise da situação do mestiço na Índia e nas colônias holandesas. A aculturação multilateral no arquipélago de Havai e entre os Maori da Nova Zelândia constituiu outra parte do programa desse curso. Finalmente, por diversas vezes, estudaram-se os problemas principais da aculturação do imigrante, do índio americano e do judeu, em várias áreas de contato (Anuário [...], 1953b, p. 659-660).

Nota-se, com isso, como os estudos sobre mudanças culturais foram fundamentais nos primeiros cursos da disciplina. A bibliografia selecionada pelo professor contava, em antropologia cultural, com “os compêndios de Lowie, Boas, Linton, John Gillin, Chapple and Coon, particularmente o de Herskovits, *Man and his works*, New York, 1948”, que, segundo o professor, “servem muito bem” para introduzir os alunos no estudo da disciplina. O problema, aqui também, seriam textos sobre a etnografia no Brasil, “pois não há um livro que realmente corresponda às necessidades do ensino”, sendo apenas indicado o *Handbook of South American Indians*, “cujos volumes 3 e 4 são quase inteiramente dedicados a índios brasileiros” (cf. Dantas; Nunes, 2009, p. 164-165).¹²

A resenha que Willems publicou sobre um desses compêndios com os quais trabalhava em sala de aula é reveladora quanto à bibliografia de seus cursos. Em primeiro lugar, a apresentação do professor revela como a literatura em língua francesa era mais acessível do que a original em inglês. Além disso, mostra como o professor utilizava materiais didáticos recentes para o estudo antropológico. Sobre o livro de Lowie, escreveu:

12 Carta de Emílio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949.

A primeira edição deste livro é tão conhecida que dispensa quaisquer palavras de apresentação. A tradução francesa (da casa Payot) a colocou ao alcance do estudante brasileiro que dela hauriu os conhecimentos fundamentais de Antropologia cultural. Agora o conhecido professor da Universidade da Califórnia apresenta uma nova edição cujo objetivo principal é, segundo suas próprias palavras, principalmente didático. A julgar pela coordenação da matéria e a clareza da linguagem, será difícil encontrar um compêndio melhor que este. A antropologia é uma das ciências que se tem desenvolvido com rapidez. Obras mais antigas só podem ser usadas com extrema reserva e um espírito crítico de que o principiante em busca de uma orientação geral, não dispõe (Willems, 1941a. p. 353).

Para Willems, a bibliografia antropológica deveria se concentrar, pelo menos para os alunos iniciantes, em obras recentes e que estivessem atualizadas com o rápido desenvolvimento da antropologia enquanto disciplina acadêmica. A utilização dos chamados “autores clássicos” seria deixada de lado pelo professor, que preferia a utilização de compêndios recentes e com foco nos iniciantes. Florestan Fernandes (1978, p. 79) narrou uma conversa sobre o assunto na qual Willems teria dito: “Florestan, deixe disso. O importante são os autores dos nossos dias. Os autores que preocupam você já morreram, eles não têm mais importância”.

Sobre o interesse dos alunos pelo estudo dos clássicos, Willems criticou o ensino de sociologia no Brasil:

No Brasil, como nos demais países sul-americanos, predomina a orientação histórica no ensino universitário da Sociologia. Achar os mestres dessa ciência que o caminho mais adequado para se iniciar no estudo da sociedade, conduz pelas obras dos grandes pensadores do século passado e, não raro, dos chamados “precursores” da Sociologia científica. Ser versado em Sociologia significa, portanto, conhecer as obras de Saint-Simon, Comte, Condorcet, von Stein, Marx, Hegel, Tarde,

Durkheim, Simmel, Ward, Small, Giddings e outros; significa não somente assimilar o conteúdo de cada obra em particular, mas conhecer também as influências que alguns desses autores exerceram sobre outros, o agrupamento de determinados pensadores em “escolas”, a influência dessas escolas sobre a “época” ou vice-versa, da “época” sobre as escolas, os antagonismos entre escolas e pensadores isolados e muitos outros aspectos ainda de menor importância. Nessa maneira de ensinar a Sociologia facilmente se descobre uma afinidade com a didática da Filosofia e, particularmente, da Literatura. Adquire-se, assim, voando “desinteressadamente” pela estratosfera do espírito, uma “alta cultura” sociológica que, semelhante a qualquer outra cultura desinteressada, dificilmente comporta inquirições “pragmáticas” sobre o “para quê” ou “qual a aplicação” (Willems, 1946, p. 143).

O *Guia* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de 1943, o único exemplar do período em que Willems esteve à frente da disciplina na faculdade que consegui localizar, é revelador dos conceitos trabalhados pelo professor em sala de aula. Naquele ano, Willems lecionou dez tópicos e realizou um exercício prático com os alunos, tanto para o curso de Ciências Sociais como para o curso de Geografia e História. O professor deu aulas de:

- 1 – A Antropologia: conceito e delimitação
- 2 – O problema de formação das raças
- 3 – Raça, mentalidade e cultura
- 4 – Seleção e peneiramento
- 5 – Contatos raciais e culturais
- 6 – Exemplos de cruzamentos raciais
- 7 – O problema do negro na América
- 8 – Aculturação e assimilação
- 9 – Conflitos raciais e culturais: o homem marginal
- 10 – A assimilação dos imigrantes no Brasil

Exercícios práticos: estudos aculturativos no Estado de São Paulo (Guia [...], 1943, p. 179-180).

Uma fonte interessante para termos uma melhor compreensão do conteúdo e do formato das aulas de Willems na faculdade é o relato de Antônio Cândido, que foi seu aluno em vários momentos, desde o curso no Instituto de Educação até os seminários para os doutorandos da universidade. Em depoimento para Heloisa Pontes, Cândido (2001, p. 20-21) lembrou da importância das aulas de Willems em sua própria formação:

Willems era um professor claro, objetivo e muito informado. Fui seu aluno no chamado “cursinho”, o Curso de Didática que constituía o 4º ano e dava o título de licenciado aos bacharéis. Em 1942, ele passou a reger a recém-criada disciplina de Antropologia e eu o substitui como assistente de Fernando de Azevedo. O assistente dele foi Egon Schaden. Em 1942 e 1943 frequentei o seu seminário de doutorado, pois havia escolhido antropologia como uma das duas matérias subsidiárias do antigo curso de doutorado. Foi um momento importante na minha formação. Éramos quatro candidatos: Gioconda Mussolini, Egon Schaden, José Francisco de Camargo e eu. Nós nos reuníamos uma vez por semana das 5 às 7 e fazíamos relatórios de leitura, comentados muito bem por Willems, a quem devo a iniciação num tipo de bibliografia que foi a que mais me inspirou no domínio dos estudos sociais e teve influência decisiva na minha tese. Como pressuposto, ele recomendava a leitura de *O homem (The study of man)*, de Ralph Linton. Com ele lemos Redfield, Melville Herskovits, Irving Hallowell, Raymond Firth, Malinowski, Evans Pritchard, Radcliffe-Brown. Naquele tempo este ainda não tinha publicado nada além do clássico *The Andaman Islanders*, e Willems nos trazia os artigos dele em separatas de revistas inglesas e americanas... Fiquei marcado pelo funcionalismo, me apeguei ao conceito de estrutura, que depois transpus da antropologia para a crítica literária. O seminário de Willems foi decisivo para nós quatro. Nos anos 50 ele foi para os Estados Unidos como professor da Universidade de Vanderbilt e por lá ficou.

A partir dos relatos e documentos apresentados acima sobre a bibliografia utilizada por Willems em seus cursos de Antropologia na USP, não podemos deixar de notar a quase ausência de referencial teórico francês. Tirando um livro de antropologia física, e o comentário do professor sobre o alcance que a obra de Lowie traduzida para o francês tinha entre os estudantes brasileiros, não encontramos referência a nenhuma outra obra de autores franceses nos programas dos cursos que ele elaborava. Interessante, nesse sentido, que, ao escrever sua autobiografia para Oracy Nogueira, Willems (1983, p. 3) tenha feito questão de mencionar a influência que o francês Marcel Mauss teria tido em sua formação no período em que esteve na França em 1928. Se o professor realmente tinha em Mauss uma referência nos estudos antropológicos, ela não aparece na bibliografia empregada por ele. De fato, essa única menção ao nome do antropólogo francês em relato de 1983 parece ser mais uma prestação de contas posterior de Willems, associando-se a um dos nomes mais proeminentes da antropologia francesa. Afinal, as narrativas autobiográficas “não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir de referenciais atuais” (Silva, 2015, p. 178).

Ao observarmos a configuração do curso e a bibliografia envolvida, a ideia corrente de que a USP seria o *locus* da formação acadêmica de tradição francesa no Brasil parece ser relativizada, ao menos no caso das concepções teóricas de um de seus maiores expoentes no período de institucionalização das ciências sociais. Caso distinto dos cursos de Sociologia e Filosofia da faculdade, em que a presença de professores franceses se deu de forma duradoura, sendo a presença francesa na filosofia uspiana tão proeminente que o departamento é designado por Paulo Arantes (1994) como “um departamento francês ultramar”, com um modelo de formação fortemente fundamentado na leitura de autores franceses. Na antropologia a situação parece ter se desenvolvido de forma diferente.

O programa do curso de 1943 é um bom exemplo de como a disciplina tinha entre suas preocupações o ensino prático, com a indicação

de uma bibliografia não exclusivamente francófona. Naquele ano, por exemplo, foram executados exercícios práticos com os alunos sobre aspectos aculturativos no estado de São Paulo, tema de reflexão que podia ser debatido sob a perspectiva de uma outra tradição de pesquisa, como a norte-americana (Guia [...], 1943). No entanto, não é apenas o referencial teórico da FFCL que seria associado aos franceses, mas o modelo institucional adotado na faculdade. Como afirma Miceli (1989, p. 81), “a hierarquia acadêmica que se vai constituindo nas duas primeiras décadas de funcionamento foi sendo modelada por docentes estrangeiros treinados nas regras e costumes da competição acadêmica europeia (e francesa em particular), todos eles empenhados em instaurar um elenco de procedimentos, exigências e critérios acadêmicos de avaliação, titulação e promoção”, e é nesse sentido que a antropologia da universidade em sua primeira década deve ser encarada como ancorada no modelo francês.

A escolha do nome de Willems para primeiro professor da disciplina de Antropologia da faculdade apresenta novos contornos se se leva em conta o relato que Mário Wagner Vieira da Cunha fez ao lembrar de seu percurso institucional. Segundo Cunha, era ele, e não Willems, que teria recebido o primeiro convite para assumir a posição na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O professor, que era assistente de Sociologia na FFCL, rememora:

E lá [na FFCL da USP] eu fui convidado pelo diretor Alfredo Ellis Jr. para substituir o professor que havia deixado a cátedra de Antropologia. Como precisava estudar mais antropologia, consegui uma bolsa e fui para os Estados Unidos. Naquele tempo, uma das universidades que mais se destacava no ensino da antropologia era a universidade de Chicago, a concepção de antropologia era uma síntese de diferentes cadeiras – linguística, antropologia física, antropologia cultural, etnografia, arqueologia – de modo que eu tive que trabalhar nesses

5 campos, e não deu para fazer tudo em um ano, que eu prorroguei para quatro anos de estudo.

Quando voltei, o diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras já era outro, e o cargo tinha sido preenchido por outro professor, Emílio Willems. Então vi que já não tinha mais chance, naquele tempo havia uma cátedra só (Cunha, 2001, p. 177).

A partir desse relato, temos algumas questões interessantes sobre a nomeação do professor e sobre a criação da nova disciplina. Apesar de Alfredo Ellis Jr.¹³ (1896-1974) ter sido diretor da faculdade entre 1939 e 1941, ano da criação da nova disciplina, e não haver “professor que havia deixado a cátedra de Antropologia”, já que até 1948 não existia uma cátedra, mas se tratava de uma disciplina que só teve início de forma permanente no segundo semestre de 1941, é possível especular sobre os motivos da nomeação de Willems, que desde 1937 mantinha relações acadêmicas e de amizade com Fernando de Azevedo, diretor da FFCL, que o alçou ao cargo. Um dos professores que ministrou aulas de antropologia quando esta ainda estava vinculada ao Departamento de Etnografia e Língua Tupi-Guarani no primeiro semestre de 1941 foi Mário Wagner Vieira da Cunha. O professor, aliás, deixa transparecer ao longo de seus relatos alguns ressentimentos com Emílio Willems, tanto por este ter assumido o cargo de professor de antropologia da USP quanto pelo trabalho realizado sobre a cidade de Cunha, o que revela a existência de uma rixa entre grupos distintos da academia paulista. Ao relatar as correntes de propostas de ensino na época, Cunha (2008, 273) ressaltou em entrevista que “Willems realmente foi uma dessas grandes contribuições que tivemos, de elementos estrangeiros, que sem dúvida alguma tinham uma formação e que contribuíram”, para, em seguida, contrapô-lo a Baldus,

13 Alfredo Ellis Jr. ingressou em 1938 enquanto docente da cadeira de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo e assumiu, no ano seguinte, a direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

deixando no ar uma crítica. Diz o professor: “Ele [Willems] e o Baldus são mais ou menos semelhantes, com uma diferença: Baldus é um indivíduo formado de fato. Porque há muitos desses estrangeiros que chegam aqui, alardeiam coisas e coisas, e não são nada” (Cunha, 2008, p. 273). Essa provocação em relação à formação de Willems persiste ao longo da entrevista. Ao ser estimulado pelos entrevistadores a comentar a influência de Willems, que, conforme Cunha dizia, não tinha formação como Baldus, o antropólogo brasileiro afirmou desconhecer a formação de Willems. Ao ser informado pelos entrevistadores que Willems era professor primário em Santa Catarina, respondeu “Professor primário, pois é” (Cunha, 2008, p. 275), aparentando desdém pela formação dos professores não universitários. Ao ser informado que Willems era doutor em filosofia na Alemanha, Cunha emendou: “É uma coisa que tem de averiguar” (Cunha, 2008, p. 273). Apesar de ter afirmado que Willems fez um trabalho bom e que “era um bom professor, [...] muito dedicado aos alunos e os ajudava muito nas pesquisas” (Cunha, 2008, p. 273), fica a impressão de que a relação entre os dois estava permeada por disputas políticas e acadêmicas veladas. A filiação de Willems ao grupo de Fernando de Azevedo, com quem Mário Wagner Vieira da Cunha tinha grandes discordâncias, bem como por ter feito carreira na posição para a qual esse último se preparava para assumir, tendo realizado uma pesquisa na mesma comunidade visitada pelo intelectual alemão, são elementos reveladores sobre as disputas institucionais do mundo acadêmico do período.

ELSP

No mesmo ano em que assumiu a disciplina de Antropologia na FFCL, Willems foi convidado por Donald Pierson para compor o corpo docente do primeiro curso de pós-graduação em ciências sociais do Brasil. Pierson, que estava à frente do Departamento de Sociologia e Antropologia da Escola Livre de Sociologia e Política, convidou os alemães Willems e

Baldus – ambos com o título de “PhD”,¹⁴ condição essencial para a criação do curso de pós-graduação – a integrar o corpo docente daquela instituição. Segundo Pierson, Willems era “excelente professor e pesquisador que, logo depois de conhecê-lo, recomend[ou] à Diretoria [que] fosse acrescentado ao corpo docente da Escola, onde ele serviu com distinção” (Corrêa, 2013, p. 263). A criação do Departamento de Sociologia e Antropologia “visando preparar estudantes para o grau de ‘Mestre em Ciências’” teria, entre outras diretrizes, “preparar estudantes para estudos mais adiantados e para pesquisas” e “dirigir pesquisas sobre os problemas fundamentais da vida social” (Willems, 1941b, p. 61), ou seja, a pesquisa de campo teria uma importância central na formação dessa instituição. Para a obtenção do título de mestre, foi ressaltado que o aluno deveria apresentar uma tese “que não deverá limitar-se a um exercício literário, mas provar a aptidão e a capacidade para a pesquisa científica ainda que apenas semi-independente” (Willems, 1941b, p. 61), ressaltando o caráter empírico esperado pela instituição em detrimento dos textos “literários”.

Conforme recordou Willems, a então curta história da escola, que havia sido fundada em 1933, era marcada pela luta constante por fundos adequados. Apesar de ganhar, ali, o que considerava pouco, Willems pôde largar as aulas do secundário, somando o ordenado de professor da USP, e focar sua carreira apenas no ensino e pesquisa universitários.

Ao comentar o papel da ELSP nas ciências sociais de São Paulo, a bibliografia especializada é unânime em atribuir a Donald Pierson destaque à frente da instituição. O próprio Willems, ao se referir ao diretor da escola, atribui a Pierson uma posição de destaque no campo científico brasileiro daquela época. Segundo Willems, seu colega Pierson, dentre “todos os cientistas sociais estrangeiros, convidados para lecionar em São Paulo, deixou a impressão mais profunda e duradoura” (Corrêa, 2013, p. 321).

14 A forma de apresentar Willems na maioria dos seus livros publicados era como PhD.

Se Willems teve um papel importante na difusão, no Brasil, de uma corrente da sociologia e antropologia praticadas nos EUA, foi certamente Pierson o maior responsável por colocar o intelectual alemão “em contato com as obras pioneiras da antropologia social realizadas nos Estados Unidos” (Corrêa, 2013, p. 321). Da mesma forma, a historiografia das ciências sociais aponta Pierson como principal expoente da chamada Escola de Chicago e da sociologia americana que foi produzida no Brasil, especialmente através das discussões dos chamados estudos de comunidade. Como nos lembra Villas Bôas (2006, p. 76), a respeito da relação entre os dois professores,

o encontro de Willems e Pierson não me parece fortuito. Trata-se de um encontro de pontos de vista próximos, afins, que refletem uma vertente do pensamento sociológico na qual as interações, relações e ações de agentes sociais constituem o ponto de partida de estudos concretos.

Durante os anos em que lecionou na ELSP, Willems foi o professor de matérias como Assimilação e Aculturação no Brasil Meridional (1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946), Economia (1941), Organização e Desorganização Social (1944, 1945, 1946), e Aculturação de Alemães no Brasil (1944, 1945, 1946). Por meio de um rápido levantamento dos temas abordados por Willems em suas aulas é possível perceber como sua atividade docente estava diretamente relacionada com suas pesquisas. Ao contrário de algumas aulas que lecionou na FFCL, nas quais teve que estudar especialmente para ensinar os alunos iniciantes, aqui o professor já tinha familiaridade com o material, fruto de suas pesquisas. Enquanto na USP, como aponta Limongi (1989, p. 223), não havia pós-graduação, mas “tão somente a possibilidade de fazer o doutoramento sem orientação sistemática”, a ELSP era “inteiramente voltada para o desenvolvimento de áreas de pesquisa”, o que fez com que a proficiência de Willems na segunda instituição aparecesse de forma mais clara.

Apesar de relatar que a escola era afetada pelos poucos recursos, a instituição foi uma das principais fomentadoras de diversas pesquisas do professor. As pesquisas no interior e litoral paulistas obtiveram o apoio da ELSP, não só com recursos financeiros, mas com recursos humanos. Diversos alunos da escola acompanharam o professor como assistentes de pesquisa para serem treinados em campo, como mostro adiante.

A relação entre Willems e a ELSP não ficou restrita à passagem do professor pela instituição na década de 1940. Mesmo após a ida de Willems aos EUA, o pesquisador retornou ao Brasil em algumas oportunidades, realizando pesquisas de campo. Durante essas passagens, a escola recebeu o antigo professor, que lecionou cursos e contou novamente com o apoio da instituição em suas pesquisas. Além disso, a revista *Sociologia*, que até o final da década de 1940 era dirigida por Willems, após o afastamento do professor passou a fazer parte da ELSP.

Revista *Sociologia*

Uma das contribuições mais conhecidas de Willems, bem como das mais abordadas na literatura brasileira sobre o alemão, é a criação da revista *Sociologia* (Alves, 1993; Jackson, 2004; Limongi, 1987; Neuhold, 2014; entre outros). A criação do periódico em 1939, em parceria com Antenor Romano Barreto, é um marco importante na consolidação das ciências sociais em São Paulo. Como mostram Jackson (2004) e Limongi (1987), que estudaram a revistas científicas da época, a primeira fase de *Sociologia* (1939-1947), período em que Willems foi editor, é reveladora de sua atuação. Segundo os autores, a revista foi responsável pela aproximação de Willems com Baldus e Pierson, além de Roger Bastide, e de colaboradores mais jovens, como Florestan Fernandes, Gioconda Mussolini e Antônio Cândido. Conforme escreveu Willems, *Sociologia* conseguiu, graças à colaboração regular de Baldus e Pierson, alcançar um nível respeitável e que correspondia, de certa forma, à fase de desenvolvimento em que

se encontrava a sociologia e a antropologia social no país (Corrêa, 2013, p. 322). Além disso, segundo Jackson (2007, p. 118), “*Sociologia* expressou a liderança exercida até meados dos anos de 1950, nas ciências sociais paulistas, por Donald Pierson e Emílio Willems”. Para o pesquisador, “os periódicos serviriam, a partir de então, como lastro às lideranças acadêmicas consagradas nesse momento”, o que também poderia ser verificado com Baldus na *Revista do Museu Paulista* a partir de 1947 e com Schaden e a criação da *Revista de Antropologia* em 1953 (Jackson, 2007, p. 118).

A atuação de Willems à frente da revista *Sociologia* – dirigida por ele até 1950 – é exemplar de como as noções alemãs e norte-americanas se articularam na atuação do professor para desenvolver uma antropologia brasileira. A revista *Sociologia* é um exemplo interessante de como a passagem de Willems nos três países em que se formou e atuou – Alemanha, Brasil e Estados Unidos – se materializou na prática científica do período, reunindo aspectos das ciências sociais germânicas e norte-americanas e construindo uma agenda de pesquisa inovadora. Villas Bôas (2006), ao analisar a recepção da sociologia alemã no Brasil, nos chama a atenção para a importância do papel de Willems à frente da revista. Nela, Willems foi responsável pela divulgação de diversos autores alemães no campo acadêmico brasileiro e, durante o período em que esteve na direção, o número de referências bibliográficas alemãs supera o dos diversos outros países. Se, conforme aponta Villas Bôas, um dos caminhos para a chegada no Brasil durante a década de 1940 e 1950 do trabalho de sociólogos alemães que ocupavam um lugar de destaque nas primeiras décadas do século nas cidades de Berlim, Kiel e Colônia foi justamente a revista *Sociologia* (Villas Bôas, 2006, p. 75), Willems foi uma figura-chave nesse contexto. Ao mesmo tempo, o caráter empírico proposto pelos editores da revista, com o objetivo de “incentivar, mediante suas seções de consultas e pesquisas, “o ‘trabalho de campo’, a observação direta e a investigação de fatos concretos” (Aos nossos [...], 1939, p. 7), ressoa a visão das ciências sociais produzidas nos EUA até então. Ou seja, vemos como

as concepções de ciências sociais alemã e norte americana se concretizam na revista que pretendia lançar “os fundamentos de uma **Sociologia Brasileira**” (Villas Bôas, 2006, p. 75).

Da mesma forma que a revista *Sociologia*, a criação de dois dicionários brasileiros por Willems – um de *Etnologia e Sociologia* (1939) em parceria com o também alemão Baldus e o de *Sociologia* criado anos mais tarde (Willems, 1950a) – mostra como a influência alemã e norte-americana se apresentaram na atuação do professor para a institucionalização da antropologia no Brasil. Apesar de não atribuir de forma direta a influência de Alfred Vierkandt, seu orientador de doutorado alemão, na criação do dicionário, uma vez que Vierkandt havia realizado empreitada semelhante na Berlim dos anos 1920, podemos traçar paralelos entre o movimento de Willems e o de seu antigo professor. René König (1987), colega de Willems nas universidades alemãs da década de 1920, nos mostra em *Soziologie in Berlin um 1930* como o *Handwörterbuch der Soziologie* de Vierkandt (1931) teve um papel fundador nas disciplinas alemãs. No entanto, ao mesmo tempo que a criação dos dicionários brasileiros tem influência do ambiente acadêmico alemão, o seu conteúdo é composto, em sua maioria, de verbetes de conceitos e de autores americanos.

Ao analisarmos as publicações de Willems desde sua imigração ao Brasil, a importância da criação da revista *Sociologia*, não só para o ambiente acadêmico da época, mas para a própria carreira de Willems, chama a atenção. Até 1939, o professor publicou quase que a totalidade de seus artigos na *Revista do Arquivo Municipal* de São Paulo. Antes da criação de *Sociologia*, o periódico do Arquivo Municipal aparece como o principal difusor de artigos, mostrando como era escassa a oferta de revistas acadêmicas especializadas. A *Revista do Arquivo Municipal*, “considerada [...] como um veículo de divulgação do conhecimento científico e cultural, principalmente das atividades realizadas pelo Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo” (Claro, 2008, p. 1), marcou presença no incipiente mercado editorial paulista, sendo um

importante meio de reconhecimento acadêmico. Vimos anteriormente que Willems esteve associado, ainda que periféricamente, à Sociedade de Etnografia e Folclore, sociedade vinculada ao Departamento de Cultura de São Paulo. Publicando de forma sistemática na *Revista do Arquivo Municipal* entre 1937 e 1941, Willems passou, a partir do início da década de 1940, a publicar seus trabalhos em outros periódicos, principalmente, mas não somente, na *Sociologia*.

Além de fornecer à academia e ao próprio Willems uma nova oportunidade de publicações, a revista *Sociologia* parece ter criado uma nova dinâmica de publicações por parte de seu diretor fundador. A produção de Willems à frente da revista é tão intensa que ele mesmo parece ter se esquecido de muitos de seus artigos publicados pelo periódico. Em um exame das listas de publicações que acompanham os relatos autobiográficos de Willems¹⁵ é possível constatar que vários dos artigos escritos pelo professor para *Sociologia* são deixados de fora.

Ao analisarmos a relação de Willems com um de seus mais célebres alunos no período em que foi professor no Brasil, podemos ter ideia da importância da revista *Sociologia*. O primeiro contato entre Willems e Florestan Fernandes foi precisamente através do periódico. Fernandes foi, a pedido de Roger Bastide, apresentado a Willems para que pudesse publicar em *Sociologia* parte do trabalho que tinha realizado enquanto aluno de primeiro ano para a disciplina de Sociologia I sobre o Folclore em grupos infantis na cidade de São Paulo (“Folclore e grupos infantis” – v. 4, n. 4, 1942; “Educação e cultura infantil” – v. 5, n. 2, 1943; “Aspectos mágicos do folclore paulistano” – v. 6, n. 2-3, 1944). Florestan Fernandes é outro intelectual que, dessa forma, relata a grande contribuição de Willems à frente da revista *Sociologia*. Segundo Fernandes (1977, p. 162), “pela primeira vez vi qual era a diferença entre o ‘amador’ e o ‘profissional’

15 Ver apêndice 2.

o 'aprendiz' e o 'mestre'; e creio que aproveitei bem a lição, que iria servir de ponto de referência no meu modo de entender e praticar a pesquisa empírica sistemática como sociólogo". Além disso, Fernandes atribui a Willems, entre outros autores, as primeiras tentativas de sistematização dos conhecimentos sociológicos no Brasil, empreendidas com o propósito de contribuir para o progresso da teoria sociológica. Além de *Sociologia*, estariam o *Dicionário de Etnologia e Sociologia* (Balduz; Willems, 1939), o *Dicionário de Sociologia* (Willems, 1950a), e a publicação *Leituras sociológicas* (Willems; Barreto, 1940) no rol de obras de compilações do professor que demonstra a preocupação na sistematização de conceitos sociológicos no contexto acadêmico brasileiro. A publicação de *Leituras sociológicas* visava colocar o leitor brasileiro em contato com obras da literatura sociológica internacional, entendendo que predominava no Brasil a tradução de apenas algumas obras francesas em um mercado editorial incipiente. Ainda em relação ao aprendizado desse primeiro contato, afirmou Florestan Fernandes (1978, p. 10-11):

O contato com o professor Willems, que não havia sido meu mestre até então, foi muito importante. A crítica da técnica de investigação foi ele quem fez. Ele já tinha experiência anterior; estudou os alemães no sul do Brasil, conhecia as técnicas de pesquisa de campo usadas pelos americanos e, de outro lado, como tinha origem alemã e estudou em universidade alemã, possuía outra base teórica para criticar aquelas técnicas. Para mim isso foi muito interessante. Pude salvar uma parte do material enquanto a outra deixei como estava, porque não tinha como refazer toda a pesquisa. Esse episódio foi muito importante para mim porque, já no primeiro ano de curso, a experiência no trato com o material empírico foi aprofundada de uma maneira que não era comum. [...] eu saí um pouco de tendência do estudante de ficar preso a certos livros e descobri que a pesquisa é instrumental para o trabalho intelectual: a teoria se constrói através da pesquisa.

Se atentarmos para o editorial presente em uma das primeiras edições de *Sociologia*, publicado em 1939, vemos como as preocupações de Willems citadas por Florestan estavam enunciadas:

“SOCIOLOGIA” é revista e compêndio a um tempo. Entendendo que uma ciência tão ligada à realidade social e à necessidade de observação e investigação incessantes, não pode ser condensada apenas em livros, resolvemos dar-lhe uma apresentação mais plástica, suscetível de ser renovada e aperfeiçoada continuamente. Além de proporcionar ao estudante o contato com a matéria dos programas oficiais, “SOCIOLOGIA” pretende incentivar, mediante suas seções de consultas e pesquisas, o “trabalho de campo”, a observação direta e a investigação de fatos concretos para lançar, deste modo, os fundamentos de uma **SOCIOLOGIA BRASILEIRA**, isto é, uma Sociologia das realidades sociais do nosso país (Aos nossos [...], 1939, p. 7).

Notamos, aqui, como as preocupações do professor com as técnicas empíricas do trabalho de campo estavam enunciadas pelo editorial da revista e na própria concepção de ensino e pesquisa de Willems. Dessa forma, como sugerido por Jackson (2009b, p. 185):

Não é demais lembrar que a fase de maior aproximação entre a USP e a ELSP, diretamente relacionada com a presença de Emílio Willems, foi determinante para o desenvolvimento futuro do projeto acadêmico e do programa de pesquisas liderado por Florestan Fernandes à frente da Escola Paulista de Sociologia, nas décadas de 1950 e 1960. O sociólogo percebeu naquele momento que o alcance de uma pesquisa coletiva ultrapassava muito qualquer empreendimento individual e, também, que a fundamentação empírica de uma análise sociológica deveria ser extremamente rigorosa.

Desenvolvo, a seguir, como Willems iniciou os seus estudos empíricos no estado de São Paulo. Afinal, o professor descobriu “que estava mal

preparado para realizar pesquisas empíricas”, a participação nas duas instituições e o contato com as pesquisas fizeram com que ele aprendesse “mais do que em todos os [s]eus cursos universitários” (Willems, 1983, p. 6). Considerando-se que Willems foi determinante para o futuro desenvolvimento do projeto acadêmico que vigoraria na academia paulista das décadas seguintes, procuro mostrar em que consistiam os trabalhos de campo do professor.

Alguns trabalhos de campo

Durante o período em que atuou à frente das instituições de ensino superior na capital paulista, Willems realizou uma série de pesquisas de campo no interior e litoral do estado de São Paulo, todas elas “relacionadas com os assuntos básicos do curso” (Anuário [...], 1953b, p. 660). Destaco a seguir algumas considerações sobre a presença de Willems em campo que, como mencionado anteriormente, tiveram importância central no entendimento do pesquisador sobre o caráter empírico das ciências sociais e para a academia brasileira.

Em 1941, Willems realizou, em companhia de Baldus, uma viagem ao Vale do Ribeira para investigar a aculturação dos imigrantes japoneses na região. Sobre a pesquisa de campo, Willems (1941d) escreveu empolgado a Fernando de Azevedo:

Aqui, os nossos trabalhos estão-se desenvolvendo muito bem. O material colhido já é muito grande, mas os dados a serem colhidos aumentam à medida que se vai aprofundando o estudo. O que se dá no Sul, pode ser observado também aqui: O problema da aculturação é extremamente complexo. É só com uma turma de pesquisadores mais ou menos treinados que se consegue trabalhar satisfatoriamente. Creio que é o primeiro “field work” de caráter sociológico e organizado que se está fazendo no Brasil.

Apresento como Willems se utilizou dos conceitos de aculturação e procurou realizar as referências metodológicas dos trabalhos que conhecia na literatura. Ressalto, aqui, a compreensão de Willems sobre a magnitude do estudo de campo para o desenvolvimento da reflexão científica, bem como a maneira como considerava que, para um trabalho desse tipo, seria essencial um conjunto de pesquisadores treinados. Se, como dito anteriormente, Willems defendeu a ideia de que a investigação coletiva deveria dar a tônica de projetos de maior envergadura empírica, o trabalho de campo no município de Registro (SP) deu ao pesquisador a primeira noção de como organizar um “field work”. Acompanhado por Lavínia Costa Villela, aluna do curso pós-graduado e assistente de Sociologia da Universidade de São Paulo, Rui Rodrigues, aluno do segundo ano do curso subgraduado, o professor Yozo Yawata, intérprete e pesquisador social, e Barbara B. Hadley, aluna da Universidade do Brasil, os professores puderam realizar um amplo trabalho de campo e ensinar na prática como realizar uma pesquisa. Esse trabalho de campo mostrou a Willems, também, como um estudo amplo, com a utilização de um “ecletismo crítico”, seria essencial para a pesquisa. Segundo o professor,

o apego dogmático a qualquer “escola” esteriliza, imediatamente, qualquer esforço produtivo. O “sadio ecletismo crítico” é, a meu ver, a única atitude que realmente nos convém. Aliás, sempre combati uma separação rígida destas disciplinas chamadas “Sociologia”, “Antropologia”, “Etnologia”, “Etnografia”, etc. Estou inteiramente do lado de Boas e Herskovits quanto à distinção de Sociologia e Antropologia. Esse meu ponto de vista não é apenas fruto de reflexões dedutivas, mas de trabalhos de campo. Um estudo “apenas” antropológico ou “apenas” sociológico não pode produzir resultados satisfatórios, como verifiquei mais uma vez na minha última expedição ao Vale do Ribeira onde estudei a colonização nipônica (Willems, 1941e).

Em 1945, Willems realizou aquele que seria o seu trabalho de campo de maior envergadura e que resultaria no seu trabalho mais comentado pela literatura nacional: o estudo de comunidade do município de Cunha. Willems (1993, p. 28) considerava o estudo de Cunha como um dos eventos mais significantes de sua carreira profissional.

Em sua primeira viagem ao campo, Willems (1945b) escreve as primeiras impressões a Fernando de Azevedo:

Há quinze dias que estou em Cunha ligando o útil ao agradável, quer dizer, trabalhando e veraneando. Estive primeiro em Minas, Estado que pouco conhecia. Viajei por Juiz de Fora, Barbacena para ficar alguns dias em São João. Na viagem para cá passei por Lavras conhecendo dessa maneira o sul de Minas. Foi um passeio muito agradável. No dia 5 comecei as minhas pesquisas aqui em Cunha, cidadezinha antiga, a mais de mil metros acima do mar, com clima extraordinário e uma paisagem deslumbrante.

Escolhi Cunha por ser um município que até 1930 esteve muito isolado conservando formas culturais que em outras zonas do Estado já desapareceram. Quis também medir o tipo físico que depois de quase duzentos anos de intercasamentos deve ser bastante homogêneo. As famílias antigas da vila são todas aparentadas. Na zona rural, a situação é semelhante. Aliás, o município é enorme e as distancias grandes. Ontem, por exemplo, passei mais de oito horas na sela. Medi mais de cem pessoas e colhi um material interessante que revela sobretudo a influência predominante na religião. Em 1932 construiu-se a primeira estrada de rodagem a Guaratinguetá. Desde então, a mudança das formas culturais anteriores vem se acentuando cada vez mais. E é justamente essa mudança que pretendo estudar. Através dos processos de individualização, secularização e desorganização social. Pareceu-me que o material colhido apresenta margem para um estudo nesse sentido. Os alunos que estão comigo estão aproveitando bastante. Quarta-feira voltarei a São João del-Rei para buscar a minha família. No princípio de fevereiro estarei de volta.

Notamos aqui como se deu o primeiro contato do pesquisador com o campo. A justificativa da escolha da comunidade por seu suposto isolamento (fato que será um dos motes das críticas aos estudos de comunidade), o projeto para averiguar tanto as mudanças culturais quanto físicas, sendo essas apresentadas como essenciais ao projeto de pesquisa na comunidade, mas que foram excluídas das edições posteriores da obra. Além disso, citou o aproveitamento dos alunos que ajudavam na pesquisa. Segundo Willems (1983, p. 8),

inspirado pelos trabalhos de Robert Redfield na Península de Yucatán, México, resolvi verificar as hipóteses propostas pelo exímio antropólogo de Chicago, numa comunidade tradicional de São Paulo. Escolhi Cunha porque a vila, depois de longo período de isolamento, estava passando por uma fase de mudanças culturais do tipo que Redfield havia observado no México. Realizei o trabalho de campo em 1945 e 1946, em companhia de Gioconda Mussolini, Florestan Fernandes, Alceu Maynard de Araújo, Carlos Borges Schmidt e Paulo Florençano, colaboradores dedicados e inteligentes, alguns dos quais, anos depois, vieram a ocupar lugares de grande distinção nas ciências sociais.

A escolha do trabalho no município de Cunha, explicada tanto nas cartas que escreveu no período como na própria justificativa teórica da pesquisa, por seu suposto isolamento, é interessante por revelar a predileção da localidade para a condução de estudos sociológicos e etnográficos na academia paulistana naquele período. A escolha de Cunha para diversas pesquisas também ajuda a compreender as disputas institucionais nas quais Willems esteve envolto no período, já mencionadas no início deste capítulo. Se a pesquisa de Willems repercutiu nos estudos posteriores do município, como no trabalho de Campos (2012), bem como no de Shirley (1977), entre outros, um contemporâneo de Willems vislumbrou, assim como ele, a realização de um estudo de comunidade em Cunha. O professor Mário Wagner Vieira da Cunha relatou que tinha iniciado suas

pesquisas no município antes de ir estudar nos EUA em 1941 e que realizaria o seu doutorado em Chicago com um estudo da comunidade, sob a perspectiva teórica de Redfield, a mesma utilizada por Willems (Cunha, 2008), tendo publicado um artigo introdutório nos *Anais* do “IX Congresso de Geografia e História”, intitulado “O povoamento do município de Cunha” (Cunha, 1944). Essa suposta coincidência na escolha da comunidade para as pesquisas de ambos é um aspecto interessante nessa cizânia entre os professores. Como Willems chegou à escolha de Cunha não está documentado. Não sei precisar se o professor teve contato com a cidade a partir dos estudos de Mário Wagner Vieira da Cunha, se seu aluno Oracy Nogueira, natural do município, acabou por influenciar essa escolha, ou se foi algum outro motivo que o levou àquele município específico. A essa pergunta de como chegou a Cunha, realizada por uma de suas alunas em uma das passagens do professor de volta ao Brasil, Willems apenas respondeu, anedoticamente: “De ônibus” (Consorte; Pereira; Torres, 2010, p. 6). De toda forma, não deixa de ser curiosa a escolha do município por mais de um pesquisador por seu suposto isolamento, ainda mais na década de 1940.

Um incidente relatado por Willems (1993) em uma de suas autobiografias é interessante para compreendermos melhor o ambiente de pesquisa em Cunha. Conforme recordou o pesquisador, enquanto se locomovia no lombo de cavalos entre os diversos pontos de pesquisa do município, Willems encontrava apenas mulheres e crianças nas residências que visitava. Curioso com a total ausência de homens, o pesquisador foi informado da visão que os interlocutores tinham do pesquisador. Em prática semelhante à relatada por Monteiro Lobato em *Urupês*,¹⁶

16 “Em matéria de civismo não sobe de ponto. – Guerra? Te esconjuro! Meu pai viveu afundado no mato pra mais de cinco anos por causa da guerra grande. Eu, para escapar do ‘reclutamento’, sou inté capaz de cortar um dedo, como o meu tio Lourenço” (Monteiro Lobato, 1961, p. 287).

os homens de Cunha, ao verem a aproximação de Willems e ao ficarem sabendo das medidas antropométricas que o pesquisador realizava, escondiam-se na mata, acreditando que ele era um oficial do exército, realizando medidas para a confecção de uniformes militares e que, em breve, seriam enviados para a Itália nos esforços brasileiros na Segunda Guerra Mundial. A visão dos cunhenses de que Willems era um oficial do exército brasileiro, e não um estrangeiro, é curiosa, e demonstra como o pesquisador já estava bem adaptado ao português e aos costumes brasileiros. Situação bem diversa é descrita, por exemplo, por José de Souza Martins sobre Robert Shirley, pesquisador americano que realizou estudo de comunidade em Cunha nos anos 1970. Segundo o prefácio de Martins, Shirley era descrito pelos habitantes de Cunha como um “alamãozinho” [sic] (Martins, 1977, p. 20). Relembrando outro conto de Monteiro Lobato (2007), “Espião alemão”, em que em uma pequena cidade interiorana um americano é confundido pela população local por um espião alemão, a preocupação da guerra adentrava nos municípios rurais paulistas.

O fato de, durante a realização da pesquisa, Willems ter sido visto como agente do exército é revelador de um aspecto curioso da relação que se estabeleceria entre pesquisador e pesquisados, assim como é interessante a repercussão que a publicação do livro sobre o estudo em Cunha tem na literatura sobre a história das ciências sociais: como mais um “causo”, assim como a multidão de cunhenses que foi protestar pela publicação do livro. Segundo consta no relato de aluno da época, a FFCL teria sido cercada por moradores da cidade de Cunha, que teriam vindo de ônibus da cidade para protestar contra a publicação do livro de Willems. Segundo relatado por João Baptista Borges Pereira (Consorte; Pereira; Torres, 2010), Oracy Nogueira teria contado que moradores de Cunha teriam se reunido em frente à praça da Escola Caetano de Campos exigindo uma explicação do porquê de Willems ter revelado “as intimidades das famílias”. Oracy Nogueira, nascido em Cunha, teve

que aplacar a ira do prefeito e dos habitantes da cidade, e tentou explicar que se tratava de um trabalho científico, mas ouviu como resposta: “Oracy, você é cunhense e devia se envergonhar, porque na verdade, o professor Willems colocou Cunha de cuecas na rua” (Consorte; Pereira; Torres, 2010, p. 7).

Esse relato, apesar de não poder ser confirmado em nenhum outro depoimento ou por jornais da época, dá pistas interessantes sobre como o estudo foi recebido e reeditado pelo autor nas edições seguintes. Segundo Martins (1977, p. 21-22), grande parte da discórdia gerada em torno da aceitação dos próprios habitantes de Cunha girou em torno exatamente da forma depreciativa como era vista a caracterização de “caipira” no senso comum. Martins, que atribui a Willems a primeira tentativa sistemática de se estudar a cultura caipira, aponta a utilização do termo como motivo principal para a população da cidade se sentir exposta. Em um artigo em que ressalta a abordagem pioneira de *Cunha*, Judas Tadeu de Campos (2012) orienta-se no mesmo sentido. Ao avaliar a repercussão da obra, Campos (2012, p. 336) afirma que a pesquisa de Willems foi uma das maiores contribuições para a compreensão da cultura caipira e, mesmo com a importância desse grupo para a formação do modo de vida paulista, tanto o senso comum como a classe intelectual do próprio estado passaram a considerá-la como um modo de vida primitivo, que deveria desaparecer para o bem do progresso da nação. Fosse o problema a caracterização dos habitantes como caipiras ou não, Willems mudou o nome da cidade nas publicações seguintes. Cunha virou Itaipava, e a segunda e terceira parte do livro – as relativas aos dados antropométricos e achados arqueológicos – foram tirados da publicação comercial. Se em 1948 o estudo fora publicado pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, em 1961 o trabalho ganhou uma versão descrita pelo autor como “comercial” pela Difusão Europeia do Livro.

Ao longo das décadas de 1930 e de 1940, Willems realizou uma série de viagens¹⁷ ao litoral dos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, mas foi entre 1946 e 1948, após sua pesquisa em Cunha, que intensificou suas pesquisas com viagens ao litoral desses três últimos estados, principalmente São Paulo, que resultariam em sua publicação sobre a Ilha de Búzios (Willems; Mussolini, 1952). Segundo o *Anuário* da FFCL, foram três viagens destinadas a um estudo exploratório e à aquisição de uma visão de conjunto da região costeira. Os trabalhos de campo, de natureza intensiva, foram realizados na Ilha de Búzios abrangendo, de forma similar ao estudo de Cunha, uma análise relativa ao tipo físico dos caiçaras (Anuário [...], 1953b). Sobre as viagens ao litoral, escreve Willems (1983, p. 8) em uma de suas autobiografias:

A região toda, naturalmente fora das cidades, estava então bastante isolada, oferecendo oportunidades únicas para investigar a tradicional cultura híbrida, assim como as mudanças que se estavam processando. Em julho de 1947 dirigi-me à Ilha de Búzios, em companhia de Gioconda Mussolini e dois estudantes avançados.

Notamos, a partir de uma análise das pesquisas de Willems no litoral, como a preocupação de isolamento presente no estudo de Cunha ainda justificava a investigação. Isso a despeito do fato de que, na publicação do estudo em versão inglesa em 1951, ou seja, depois da grande repercussão de seu estudo de comunidade em Cunha, Willems afirmasse que o que seria um estudo sobre o isolamento da comunidade se tornou um estudo sobre o contato cultural, já que a ilha “se diferencia, muito menos do que se supunha, de certas comunidades da ilha de São Sebastião e do litoral

17 Parte dessas viagens foi realizada em companhia de Carlos Borges Schmidt, e as fotografias podem ser encontradas no acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo.

em frente” (Willems; Mussolini, 2003, p. 14). O grupo de pesquisa para esse estudo era composto pelo médico Oscar Rezende de Lima e por Iris Koehler, ambos graduados pela ELSP, instituição que financiou a pesquisa, bem como por Gioconda Mussolini, que nesse período já se especializava no campo de estudos sobre a cultura caiçara.¹⁸ É interessante e revelador das estruturas de prestígio no campo acadêmico do período que Willems figure como autor “em colaboração com Gioconda Mussolini”. A especialista em cultura caiçara era, afinal, justamente Mussolini.

18 A pesquisa da professora Gioconda Mussolini pode ser amplamente consultada no Arquivo IEB-USP, acervo “Estudos pioneiros sobre os caiçaras de Ilha Bela”, DRP018.

Partida aos EUA

No ano de 1948, Willems recebeu o convite de T. Lynn Smith para ensinar na Universidade de Vanderbilt durante a *summer school*, no verão norte-americano, no recém-criado Instituto de Estudos Brasileiros. Mesmo afirmando não conhecer absolutamente nada sobre a Vanderbilt, o Tennessee ou sobre os Estados Unidos (Willems, 1993, p. 29) – exceto pela antropologia dos EUA, devo objetar – o antropólogo decidiu aceitar o convite, curioso sobre o país e com o projeto do instituto.

O papel que a Universidade de Vanderbilt assumiu, tanto para Willems como para o desenvolvimento dos chamados estudos latinos e especialmente brasileiros nos EUA, merece destaque. De fato, a universidade do Tennessee foi a primeira instituição de grande porte a criar um instituto voltado exclusivamente para os estudos brasileiros. Dessa forma, com a criação do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt, em 1947, Willems assumiu mais uma vez um papel de pioneirismo. O instituto, criado em setembro de 1947 com fundos e encorajamento da Carnegie Foundation de Nova York depois do retorno do reitor Harvie Branscomb de uma viagem ao Brasil, atraiu no verão de 1948, segundo reportagem do jornal americano *The Jackson Sun* (Dutra [...], 1949), educadores de alto nível, inclusive o Dr. Emílio Willems da Universidade de São Paulo.¹

1 Além disso, no periódico *The Montgomery Advertiser*, é possível encontrar uma nota sob o título “Names Brazilian Professor” com o perfil de Willems. Publica o jornal: “Vanderbilt University today announced the appointment →

Segundo o site oficial da universidade, o desejo de Branscomb em transformar a Vanderbilt de uma instituição regional em uma instituição de importância nacional, colocando a universidade “no mapa”, ganhou fôlego a partir da vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial. Segundo Furlong (2008), o governo americano incentivou o estudo acadêmico de seus parceiros durante a guerra. Dessa forma, a forte impressão que o Brasil deixou em Branscomb, tanto como país com potencial de investimento acadêmico quanto como uma chave para a ampliação da influência norte-americana na América do Sul, contribuiu para o novo instituto criado. Segundo Marshall Eakin, professor de história entrevistado na reportagem sobre a trajetória da instituição no site do instituto:

Quando Branscomb cria este centro no final dos anos 40, em muitos aspectos não há nenhum outro lugar do planeta que tenha o tipo de concentração nos estudos brasileiros que nós temos [...]. Nesse momento, nos Estados Unidos, há muito poucos estudiosos estudando a América Latina, muito menos o Brasil (cf. Furlong, 2008, tradução minha).²

Em maio de 1949, o presidente dos então Estados Unidos do Brasil, Eurico Gaspar Dutra, realizou a primeira viagem de um chefe de Estado brasileiro para os Estados Unidos da América. Dutra foi celebrado em cortejos oficiais em várias cidades, como Nashville, mas especialmente na Universidade de Vanderbilt, uma de suas paradas no país do norte.

→ of a Brazilian Scientist as visiting professor of anthropology. Dr. Emilio Willems is a German-born anthropologist who going there in 1930 for field after studies became a citizen of Brazil” (Names [...], 1949).

2 No original: “When Branscomb creates this center in the late ‘40s, in many ways there’s nowhere else on the planet that has the kind of concentration in Brazilian studies that we have [...]. At that point in the United States, there are very few scholars studying Latin America, much less Brazil”.

Lá recebeu o título de “Primeiro Presidente Honorário” do Instituto de Estudos Brasileiros. O jornal *O Estado de S. Paulo* transcreveu trecho do discurso do mandatário na ocasião:

Como brasileiro, sinto meu coração profundamente comovido pela significação desta cerimônia. Em meio desta atmosfera de alta cultura, vejo-me em contato com uma comunidade universitária que devota parte de seus esforços à coleta e à difusão do conhecimento acerca do Brasil.

A Universidade de Vanderbilt é, de fato, a primeira instituição de ensino superior dos Estados Unidos que cria um instituto essencialmente dedicado aos estudos do Brasil, cujo fim é aprofundar e definir as verdadeiras realidades que rodeiam o povo e a terra brasileiros. Em vista disso, não posso furtar-me à manifestação do contentamento que me invade ao verificar tal demonstração de interesse e mesmo afeição pelo Brasil.

A amizade entre nossos dois países somente poderá ser aumentada mediante organizações do quilate do Instituto de Estudos Brasileiros, que possam confrontar o Brasil com seus destinos históricos. Os cursos existentes no “currículo” daquele Instituto preenchem precisamente aquela alta finalidade de tornar os laços de amizade entre os Estados Unidos da América e os Estados Unidos do Brasil mais lúcidos e consistentes.

Assim, é com a mais vívida honra e emoção que, ao receber o título honorário de membro do Instituto de Estudos Brasileiros desta Universidade, agradeço a honra que me é conferida, com as mais ardentes e constantes esperanças de que esta excepcional iniciativa de aproximação cultural seja um completo sucesso (Copeland, 1949).

De fato, o instituto parece ter deixado boa impressão, vislumbrada no comentário da imprensa brasileira. O enviado especial do jornal *O Estado de S. Paulo* escreveu à época:

O dia de hoje do presidente Dutra foi quase todo dedicado à visita à Universidade de Vanderbilt. Pudemos assim observar mais de perto o problema das relações culturais entre Brasil e os Estados Unidos, sobretudo naquilo que falta a nosso país. O Instituto de Estudos Brasileiros desta Universidade, dirigido pelo professor Lynn Smith, é exemplar, constituindo verdadeira surpresa para o visitante. Como tudo isto é feito por iniciativa local de alguns professores que conhecem e amam o Brasil, compreende-se facilmente o que poderia ser feito no caso de dispormos a enviar algum auxílio a estes gratuitos amigos (Marcha [...], 1949).

Assim, a aproximação ocorrida entre Estados Unidos e Brasil passou também, se não de forma efetiva, ao menos de forma simbólica, pela Universidade de Vanderbilt. O pronunciamento do reitor Branscomb ao fornecer o título honorário a Dutra ressaltava o entrelaçamento entre política de Estado e uma agenda acadêmica entre os dois países: “Por mais de um século o Brasil tem fortalecido e retribuído à altura a amizade dos Estados Unidos. O governo do general Eurico Gaspar Dutra tem perpetuado esses sentimentos de amizade e mútua compreensão que sempre caracterizaram as relações do Brasil para com os Estados Unidos” (Copeland, 1949). Nesse sentido, eis que o convite a Willems para lecionar na referida universidade ganha mais peso. A aproximação cultural entre os dois países amigos parece ser a chave para compreendermos o convite. Como escreve o cônsul-geral americano Cecil Cross (1949) para o reitor da Universidade de São Paulo, Lineu Prestes:

Para o referido Instituto [Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt], é extremamente importante a colaboração do Prof. Willems, tanto para o desenvolvimento do seu programa, como para o seu departamento de sociologia e antropologia.

E continuou:

Indubitavelmente, a contribuição do Prof. Willems à divulgação da cultura brasileira nos meios universitários do meu país, será de inestimável valor para a maior aproximação cultural entre Brasil e os Estados Unidos.

É com grande satisfação que o Departamento de Estado coopera neste plano, a fim de tornar possível a presença de um erudito professor da Universidade de São Paulo nos Estados Unidos.

Da mesma forma, o convite a Willems também teve apoio interno da Universidade de São Paulo. Em ofício do professor chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia, Fernando de Azevedo, ao diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de junho de 1949, o professor ressaltou o convite de “um centro de primeira ordem de atividades didáticas e científicas” e colocou a cooperação de professores brasileiros como sendo “do mais alto interesse, tanto da Universidade de São Paulo como do Brasil” (Azevedo, 1949) para contribuir ao único instituto do gênero na América do Norte. Além disso, a visita do presidente brasileiro, seu cargo de presidente honorário do referido instituto e a afirmação dos dirigentes da Universidade de Vanderbilt que “frisaram a necessidade de uma cooperação mais estreita com o Brasil” foram pontos destacados por Fernando de Azevedo para o diretor da FFCL e que estavam presentes também no ofício do reitor Lineu Prestes para o governador do estado de São Paulo, Ademar de Barros.³

Entretanto, a colaboração de Willems com o instituto, apesar de ter sido considerada como fundamental pelo Departamento de Estado americano, não deixou de apresentar alguns problemas, como recorda

3 Escreve o reitor: “Trata-se, senhor governador, de convite honroso para o nosso país e, especialmente para a Universidade de São Paulo. O Excelentíssimo Senhor Presidente da República, tendo em maio último, visitado o Instituto em apreço, foi eleito seu primeiro Presidente Honorário e nessa ocasião, tanto o Senhor Presidente como os dirigentes daquela Universidade frisaram a necessidade de uma cooperação mais estreita com o Brasil” (Prestes, 1949).

o antropólogo em sua autobiografia de 1993. Segundo ele, devido à sua origem alemã, o cônsul se recusou a dar à família do professor qualquer tipo de visto sem “investigar” o “caso” antes. É preciso lembrar que à época havia nos EUA uma grande desconfiança com alguns cidadãos de certas nacionalidades. Russos e alemães podiam sempre serem suspeitos de ser, respectivamente, comunistas e nazistas. A origem de Willems (1993, p. 31) não deixou de gerar suspeitas por parte dos americanos, que só garantiram o visto temporário após averiguarem que ele não era um “criminoso de guerra”.

Willems narrou em carta para Fernando de Azevedo suas primeiras impressões de Nashville. Apesar de longo, creio que vale a pena reproduzir um trecho da carta do antropólogo, uma vez que o texto é extremamente rico em impressões que ajudam a compreender a experiência na nova universidade. Escreveu o professor:

Cheguei a Nashville em meados de setembro. Felizmente as aulas começaram no fim desse mês, de modo que pude preparar-me convenientemente, alojando minha família e matriculando as crianças no High School. A 28 de setembro abriram-se os cursos. Você certamente pode imaginar o que significa dar aulas numa língua estrangeira. É verdade que me valeu a experiência do ano passado, mas mesmo assim o choque foi bastante forte. Faço tempo integral dando nove aulas semanais, a maioria sobre Brasil, mas também algumas puramente etnológicas e, além disso, um curso sobre antropologia física. Divido o tempo entre o Instituto de Estudos Brasileiros e o Departamento de Sociologia e Antropologia. Tive a satisfação de ser compreendido pelos alunos desde o primeiro dia, apesar do meu inglês meio gaguejado. Agora já dou aulas bastante fluentes, quase normais, embora naturalmente meu inglês ainda deixe muito a desejar.

Já se tem falado e escrito tanto sobre os Estados Unidos, mas parece-me que muitas particularidades na estrutura das universidades ainda não foram bem compreendidas. Você sabe que aqui o College

é parte da universidade, e esse fato é suficiente para distingui-la das universidades brasileiras, francesas, alemãs e, creio, europeias em geral (com exceção talvez das inglesas). Os dois anos do Junior College são comparáveis ao nosso velho Colégio Universitário, mas o Senior College é realmente de nível universitário contendo os cursos de introdução. Em confronto com o College, as escolas graduadas são pequenas, cabendo-lhes em geral um terço ou um quarto da matrícula total. O College é indispensável, pois a High School é geralmente de má qualidade. Perde-se muito tempo nesses doze anos de educação primária e secundária. É o tipo da “play-school” de país rico que se pode dar ao luxo de educar extremamente devagar. O freshman médio é ignorante, mas bem-educado, idealista e muito maleável.

As tradições universitárias, baseadas sobre o conceito da alma mater, são cultivadas com extremo cuidado e verdadeira dedicação. Mas em contraste com a Europa (exceto Inglaterra) e América Latina, procura-se realmente guiar e educar o aluno. A matrícula é feita pelos professores que atendem individualmente os alunos escolhendo-lhes os cursos e compondo-lhes o curriculum. Isso seria impossível, por exemplo, na Alemanha, pois estaria em contradição com a “liberdade acadêmica”. Felizmente, o nefasto sistema de seriação (invenção portuguesa) não existe aqui. Os alunos são constantemente observados e qualquer irregularidade na frequência e qualidade dos trabalhos escolares acarreta intervenções do Dean. Nas reuniões da Congregação discutem-se quase exclusivamente assuntos educacionais. As fraternities e sororities dos estudantes procuram complementar essa educação, e a universidade organiza anualmente um vasto programa de conferências, concertos, representações teatrais (em teatro próprio) e exposições de arte.

A Vanderbilt tem uma longa tradição no Sul. Ela é procurada de preferência pelos filhos das famílias abastadas e muitos pais e avós já se educaram nela. A instituição do “alumnus” (nos diríamos ex-alunos) é notável. Em regra, os ex-alunos continuam ligados à universidade e os ricos continuam patrocinando as fraternities e dando

consideráveis somas de dinheiro à universidade. No ano passado os alummini “renderam” 150000 dólares à Vanderbilt.

Naturalmente há deficiências. Uma delas é o football que absorve mais atenção e energia do que parece desejável. De outro lado ele representa uma excelente fonte de renda para as universidades. Muitos professores são demasiadamente especializados e a qualidade das aulas, do ponto de vista didático, não é frequentemente o que deveria ser, na minha opinião.

Nas ciências sociais predominam o mesmo espírito profissional que caracteriza as demais ciências. A pesquisa, a participação em congressos científicos e a organização dos cursos absorvem totalmente o interesse dos professores (Willems, 1949d).

Esse longo trecho da carta de novembro de 1949 apresenta algumas impressões interessantes do professor sobre os EUA, especialmente sobre o seu primeiro contato com a universidade. Para além da acomodação de sua família, fato esse que, apesar de geralmente ser considerado secundário, tem para Willems importância central, vemos como ele estava inseguro com o idioma inglês. O professor que dominava o alemão, o português, o francês, e que lia e escrevia em inglês, estava inseguro de ministrar os cursos nessa língua. A vontade de se comunicar em inglês era tamanha que, ao se mudar para os EUA, o professor combinou com Egon Schaden que os dois só se escreveriam nessa língua, para praticarem. Além disso, Willems nos narrou suas atividades docentes. Uma diferença interessante sobre a sua adaptação ao modo de ministrar suas aulas é revelada por ele. Segundo o antropólogo, havia uma indiferença geral nos EUA em relação à capacidade do ensino. No Brasil ele utilizava o que chama de estilo “latino” de lecionar, que enfatizaria a fluência e qualidades literárias, algo raramente encontrado nas conferências nos EUA. Segundo o professor, era comum a leitura de manuscritos com um tom monótono soporífero por parte de seus colegas, o que era difícil de suportar (Willems, 1993, p. 36).

Suas nove aulas semanais, em sua maioria sobre o Brasil, a divisão de seu tempo entre o Instituto de Estudos Brasileiros e o Departamento de Sociologia e Antropologia e o curso de Antropologia Física são temas importantes para compreendermos as atividades acadêmicas e diferenças na estrutura universitária nos EUA que serão desenvolvidas mais adiante. Estrutura universitária, aliás, que é o tema de várias linhas escritas na carta. O tema impressionou tanto Willems em suas “particularidades na estrutura ainda não bem compreendidas” que ele escreveu, em 1953, um artigo publicado na revista *Anhembi* denominado “Universidades norte-americanas”. O “college” universitário é descrito por Willems como um “organismo peculiar que desafia definições convencionais” (Willems, 1953a, p. 257). Segundo o autor, o ensino pré-universitário, que não existia enquanto unidade separada ou um apêndice da universidade, foi integrado pelo sistema educacional americano, gerando uma nova unidade que seria o colégio subgraduado, no qual se encontraria parte importante do sistema acadêmico americano.

Outro ponto apresentado pelo professor e que chama a atenção é a relação das fraternidades, ou de certas estruturas acadêmicas que só existiam nas universidades norte-americanas. Se nessa primeira carta Willems pareceu encantado com o efeito que a fraternidade, essa instituição acadêmica singular do sistema universitário naquele país, produzia nos alunos, em sua autobiografia de 1993 o autor mostra certa frustração com essas particularidades do ensino americano, que pode ser vista com o problema atribuído ao futebol. Segundo ele, o nível intelectual dos alunos estava aquém do esperado, e o professor atribuía tal fato ao, como veio a descobrir, conceito americano de “fun”. Para Willems (1993, p. 32), a ênfase na vida social das fraternidades e sororidades, demonstradas em festas, encontros, bebedeiras e sexo nos carros dos alunos, levava a maioria do corpo discente a escolher cursos que não requereriam muito esforço. No entanto, a primeira impressão do professor parece ser bem favorável ao modelo de ensino da universidade americana e ao estilo

profissional das ciências sociais, característica, segundo ele, das outras ciências, e que o agradou profundamente.

Chegando a Nashville em 1949, Willems se deparou com a sua primeira decepção com a Vanderbilt: T. Lynn Smith havia deixado a universidade para lecionar na Universidade da Flórida e, segundo Willems (1993, p. 31), a partida do líder do Departamento de Sociologia e Antropologia e diretor do Instituto de Estudos Brasileiros afetou o desenvolvimento de ambos os institutos. No entanto, isso não desanimou Willems sobre o desenvolvimento da universidade. Em carta escrita para Schaden, com quem não deixou de ter contato, mesmo tendo migrado para outro país, Willems (1949e, tradução minha) descreveu o crescimento da instituição:

Parece que o status da Vanderbilt está crescendo. Há alguns dias a Fundação Rockefeller destinou 1.200.000 dólares para o desenvolvimento de Escola de pós-graduação da Vanderbilt e quase ao mesmo tempo a Vanderbilt foi aceita pela Associação das Universidades Americanas. Isso significa que corresponde aos elevados padrões estabelecidos por essas instituições muito exclusivas.⁴

No entanto, em 1949 Willems lecionava para uma turma de aproximadamente 35 alunos, número considerado pequeno pelo professor. Para ele, todo o Departamento de Sociologia era relativamente pequeno (contava nesse momento com apenas cinco professores) e a antropologia correspondia a uma disciplina bastante reduzida no currículo (Willems, 1949c). Podemos perceber, dessa forma, que a grande expansão que se deu na

4 No original: “It seems as if Vanderbilt’s status were going up. A few days ago Rockefeller Foundation appropriated 1.200.000 dollars for the development of Vanderbilt’s Graduate School and almost at the same time Vanderbilt was accept [sic] by the Association of American Universities. This means that it corresponds to the high standards set up by this very exclusive institutions”.

academia dos EUA ainda não estava plenamente concretizada naquele momento, ao menos na universidade na qual Willems passou a lecionar.

De fato, como escreveu muitos anos depois, o Instituto de Estudos Brasileiros, instituto esse que gerou tanta expectativa em Willems (1993, p. 32) e que foi um dos motivos para aceitar a transferência para os EUA, acabou se tornando uma grande decepção. O financiamento da Carnegie Foundation, que deveria fornecer treinamento graduado em linguagem, história, economia, antropologia e ciência política sobre o Brasil, não passava de recursos para quatro ou cinco estudantes coletando dados no Brasil para suas dissertações, e para outros cinco ou seis na Vanderbilt. Além disso, Willems descobriu uma certa animosidade do resto da universidade para com o instituto. Aparentemente, a comunidade da universidade não havia sido consultada antes da criação deste. Na realidade, em 1952, o instituto deixou de existir. A verba da Carnegie Foundation não foi renovada, e os programas de pesquisa foram diluídos entre os departamentos da universidade. O grande plano de transformar a Vanderbilt em um centro de referência de estudos brasileiros sofreu um forte baque, mas serviria como base para o Centro de Estudos Latino-Americanos criado dez anos depois na mesma instituição e que “tornaria a universidade uma líder nos estudos sobre Brasil e América Latina”⁵ (Furlong, 2008, tradução minha). Segundo Furlong (2008, tradução minha), “as universidades de todo o país depressa se apanharam nesta rica área de estudo iniciada na Vanderbilt. De acordo com Eakin, os estudos latino-americanos proliferaram nos campi durante a década de 1950 e especialmente depois de 1960”.⁶

5 No original: “Make the university a leader in Brazil and Latin American studies for years to come”.

6 No original: “Universities across the nation soon caught on to this rich field of study begun at Vanderbilt. Latin American studies mushroomed on campuses during the 1950s and especially after 1960, according to Eakin”.

Apesar da ida de Willems para os EUA pela primeira vez em 1948, ele continua vinculado como professor nas duas instituições de São Paulo nas quais por tanto tempo lecionou e, pelo menos até o ano de 1951, continua dividido entre regressar para as atividades no Brasil e permanecer nos Estados Unidos. Uma decisão que se mostra cheia de angústias, como fica claro nas cartas que envia para Fernando de Azevedo à época: “A única pessoa a que devo esta explicação: você fez com que entrasse na Universidade de S. Paulo e, desde então, durante 14 anos, você tem acompanhado as minhas atividades com a compreensão de um amigo sincero e leal” (Willems, 1950c). São diversas as razões apresentadas pelo professor para a decisão de deixar definitivamente o Brasil. Como mostro a seguir, mais do que a decepção intelectual pela repercussão negativa do livro *Cunha*, fato este que na realidade não encontra sustentação em momento algum nos escritos de Willems, o aspecto financeiro, tanto para a manutenção de Willems e de sua família quanto para a possibilidade de financiamento de suas pesquisas, além de problemas políticos na congregação da USP, foram preponderantes para a decisão final. Na realidade, uma análise das fontes ajuda a compreender a experiência precária que sentia possuir na academia brasileira e apenas torna mais pungente o fato de que, apesar das dificuldades enfrentadas nos EUA, Willems decidiu não retomar suas atividades docentes no país sul-americano. Antes de mais nada, Willems afirmava não sentir “nenhum prazer especial em viver nos US”, pelo contrário, sentia-se “como exilado” e deixou claro em sua autobiografia de 1993 que sua mudança nada teve da “realização de um sonho americano”, mas “pelo menos posso trabalhar aqui sem me preocupar constantemente com o aluguel da casa, contas de venda e taxas de colégio” (Willems, 1950c).

Em carta de 1^o de junho de 1950, Willems anuncia sua decisão final a respeito da possibilidade de continuar nos EUA ou retornar ao Brasil. Curioso notar que nela aparece pela primeira vez a grafia “Brazil”, com Z, em seus escritos – forma americanizada de se referir ao país em que

viveu por tanto tempo e que passa a empregar com maior frequência a partir desse momento. Escreve o professor para o amigo Fernando de Azevedo, única pessoa a quem Willems “sentia que deveria dar explicações”, como mencionado acima:

Depois de longas e inúmeras hesitações vejo que já não posso adiar uma decisão a respeito de meu regresso. [...]

Está fora de qualquer dúvida que não posso voltar em julho. Há várias razões para isso, que vou expor uma por uma e com a maior franqueza possível. A razão decisiva e infelizmente eliminatória é minha situação econômica. Ela já se estava tornando insustentável no ano passado e contribuiu essencialmente para que me afastasse temporariamente do Brasil. Quero que você me compreenda: não estou me queixando de ninguém a não ser de mim mesmo. Cometi um erro de visão que não posso corrigir mais, pois é muito tarde para isso. Acreditava que fosse possível dedicar-me exclusivamente a uma carreira científica que desse a mim e a minha família um nível de vida aceitável, sem preocupações e privações exageradas. Pois esse foi meu erro. Depois de dez anos de luta e de tentativas de ajustamento compreendo que tenho vivido uma ilusão. Ciência mais advocacia, mais consultório médico, ou mais fábrica de macarrão (de pregos, de extinguidores de incêndio ou de qualquer outra coisa) é perfeitamente possível, mas ciência só é impossível, pelo menos para um pai de família com três filhos dependentes com aspirações educacionais acima do grupo escolar (Willems, 1950c).

Com uma rápida análise da correspondência de Willems é possível compreender algumas de suas angústias com relação à carreira acadêmica. Willems considerava o ordenado de professor das duas instituições em São Paulo insuficiente para manter sua família no Brasil – sobretudo depois de testemunhar a estrutura universitária norte-americana, a despeito das dificuldades que passou a conhecer no desenvolvimento do

projeto acadêmico na Vanderbilt. As impressões de Willems nos levanta questões sobre a importância de uma reflexão sobre a classe social dos professores universitários de então. O autor, no início de seu prefácio de *Latin American culture*, descreve o período em que aqui esteve como “um imigrante que enfrentava a difícil tarefa de ganhar a vida e criar uma família com o escasso rendimento de um professor” (Willems, 1975, p. xi, tradução minha⁷). Dessa forma, é possível vislumbrar a forma como o professor lidava com os problemas financeiros de sustentar sua família – mulher e três filhos pequenos – com o ordenamento de professor. Um professor que não possuía outros meios financeiros dificilmente conseguia manter uma família com os salários universitários, se nos basearmos na experiência de Willems e lembrarmos que também se angustiava com a questão da estabilidade, ainda não alcançada nesse período. Se, como vimos, Willems tentou realizar uma missão “ecumênica” no sentido de reunir USP e ELSP em um mesmo projeto científico, do ponto de vista de suas finanças pessoais as duas instituições eram realmente inseparáveis, nas palavras do professor:

A verdade é que com mulher e três filhos em idade colegial simplesmente não posso viver dos vencimentos que a Universidade me paga. Você mesmo é chefe de família e sabe que isso é praticamente impossível. Dou-lhe minha palavra de honra que não possuo propriedades nem quaisquer fontes de renda fora do que ganho com o meu trabalho. Minha resolução de afastar-me temporariamente do Brasil não foi inteiramente voluntária; foi em grande parte ditada pelo fato de que minha situação financeira se tinha tornado insustentável (Willems, 1951b).

7 No original: “An immigrant who had been facing the difficult task of earning a living and raising a family on the meager income of a teacher”.

No entanto, apesar da questão salarial ser um problema apresentado de forma constante, não foi só a ela que Willems atribui sua decisão de permanecer nos EUA. O financiamento de suas pesquisas e de seus projetos acadêmicos teriam nesse país uma chance maior de se concretizarem. Na mesma carta para Fernando de Azevedo, datada de 1º de junho de 1950, o professor escreveu:

Detesto lamúrias e não quero ser prolixo. A situação nua e crua é esta: não tenho dinheiro para financiar o nosso regresso em julho. Porém, quero ser absolutamente franco com você: mesmo se não houvesse esses intransponíveis obstáculos financeiros hesitaria em voltar agora. Estou certo de conseguir, dentro de alguns meses, uma bolsa substancial para ir a Portugal e fazer pesquisas que considero básicas para a continuação dos meus trabalhos no Brasil. [...] Nenhuma instituição brasileira poderia financiar um projeto como esse, mas aqui encontro essa possibilidade. [...]

Pois se voltar agora perco essa oportunidade e ficarei novamente imobilizado em S. Paulo, sem dinheiro para levar adiante meus planos de pesquisa.

Também o Instituto de Estudos Brasileiros precisa de mim (Willems, 1950c).

A diferença entre o investimento em pesquisa no Brasil e nos EUA deixava Willems inconformado com a situação da academia no país em que viveu por tanto tempo. Ao mesmo tempo que percebia o crescente interesse nas universidades americanas pela América Latina, notava a falta de verbas a que os estudos no Brasil estavam fadados.

O interesse pela América Latina está crescendo rapidamente. Charles Wagley está planejando uma grande pesquisa na Bahia. Para isso ele já conseguiu 200 contos do governo da Bahia, por intermédio do Anísio Teixeira. Bernhard Siegel de Stanford foi ao interior da Bahia

para realizar estudos de aculturação. No ano passado saíram quatro teses de doutoramento feitas por estudantes americanos em São Paulo. E que estamos fazendo? Não temos dinheiro para comprar uma passagem de ônibus a Itapeverica. É de desesperar. [...]

Sinto que da minha estadia nos US depende a continuidade das minhas pesquisas brasileiras. Tenho de ficar aqui até conseguir os recursos necessários. Além disso, o Instituto Brasileiro requer minha presença por mais alguns meses. Pouca coisa se pode fazer em três meses e minha saída no fim do ano anularia praticamente o que segui construir (Willems, 1949d).

Outro fator que aborrecia o professor em demasia na Universidade de São Paulo eram as disputas políticas internas do Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.⁸ Como escreveu em correspondência para Florestan Fernandes em 1953: “Sabem os ‘ressentidos’ que certamente não estaria nos Estados Unidos agora se, entre 1946 e 1948, certos desenvolvimentos ‘burocráticos’ não tivessem enchido a medida do que estava disposto a tolerar? Mas são águas passadas e melhor é não tocar nelas!” (Willems, 1953c). As disputas, principalmente com o grupo ligado a Plínio Ayrosa, professor de etnologia, criavam uma instabilidade na situação profissional de Willems na USP, o que também acabava refletindo na disciplina de Antropologia. Dessa forma, com o afastamento de Willems para a Vanderbilt, a instabilidade

8 Não eram só as reuniões administrativas na USP que aborreciam o professor. Em suas memórias, Willems escreveu que achava pessoalmente inaceitável a condição esperada das faculdades americanas em participar em assuntos administrativos. Segundo o professor, ele “não tinha qualquer objeção às reuniões da faculdade e departamentais, mas havia uma proliferação de comitês para todos os tipos de propósitos, consumindo muito tempo e energia, muitas vezes sem nenhum resultado visível” (Willems, 1993, p. 37, tradução minha); no original: “I had no objection to faculty and departmental meetings, but there was a proliferation of committees for all kinds of purposes, consuming a lot of time and energy, often without any visible result”.

em torno da recém-criada cadeira 49 de Antropologia da USP e de seu ocupante pareceu aflorar, e a ideia de um concurso público para o posto, para suprir a necessidade de um quadro docente para a disciplina, ampliada pela ida do professor aos EUA, passou a ser ventilada. Um concurso, é importante destacar, que parecia ser pensado para a área de antropologia física, naquele momento ainda com certa centralidade na disciplina. Sobre o assunto, escreveu Willems (1949d):

De São Paulo ouvi estranhos rumores. A julgar pelo Estado de S. Paulo, uma nova onda de “extingue-te” se apoderou da universidade ameaçando institutos e cadeiras. E parece que meus amigos Plínio Ayrosa e Paulo Sawaya querem pôr a cadeira de antropologia em concurso. Ouvi também de outros concursos motivados por “conveniências administrativas”. Não sei o que se está passando, mas uma coisa é certa: se a Cadeira de antropologia for a concurso, em 1950, não poderei inscrever-me. A situação de absoluta penúria não foi removida até agora e enquanto ela perdurar, não poderei elaborar tese nenhuma. Espero poder continuar as minhas pesquisas com fundos que estou tentando levantar aqui, mas isso também não é coisa que se possa fazer em poucas semanas. E improvisar uma “tesezinha” qualquer é inteiramente contrário a meus princípios. Acho que deverei apresentar um trabalho que esteja pelo menos à altura das minhas publicações anteriores (o que não me satisfaria, pois sinto que posso fazer muito mais). Tenho a impressão que tudo isso não está sendo compreendido. Antes da minha partida um dos meus “amigos” me aconselhou que “medisse os alunos da Faculdade e fizesse minha tese sobre os resultados”. Respondi a ele que, em vez de investigar minhocas da Amazônia, tratasse de estudar os tico-ticos da Praça da República. Assim a Faculdade “sairia mais barata” ao governo.

O trecho acima revela duas questões para as quais gostaria de chamar a atenção. A primeira delas é o fato de Willems se recusar a fazer uma

“tesezinha” para prestar o concurso. Se algo pode ser dito de seus trabalhos, é que o professor sempre primou por apresentar uma pesquisa que fosse realmente satisfatória – sobretudo pelos seus próprios padrões, claramente altos. O professor critica, em outros momentos, a publicação de trabalhos em anais de congressos, recusando-se a escrever “qualquer coisa”⁹ para ser publicado. Outra questão são as disputas em torno do trabalho na faculdade. Os trabalhos de antropologia física realizados pelo professor aparentemente nem sempre foram muito bem-vistos enquanto ele esteve no Brasil. A brincadeira sobre medir os alunos da faculdade para fazer uma tese iam em direção às críticas à segunda parte do livro sobre a cidade de Cunha, “Contribuição para o estudo antropológico da população de Cunha” (Willems, 1948b, p. 176-224), e levaram à exclusão dessa parte da segunda edição da obra em 1961. A insegurança provocada pelas disputas em torno do que iria ocorrer com a cadeira e as condições burocráticas pelas quais iria ter que passar se fosse candidato são analisadas por Willems em outro momento. Creio que uma longa citação é interessante para refletir sobre as formas como o professor se preocupava com o tema:

É verdade que o regime de tempo integral talvez resolva meu caso, mas a preparação de concurso leva tempo. Precisaria de um ano pelo menos para colher os dados e mais um ano para elaborar a tese. Tudo isso só na melhor das hipóteses. Além disso, parece-me que em 1949

9 Em carta para Florestan Fernandes em que Willems lamenta a ausência no “XXXI Congresso de Americanistas” realizado em São Paulo, o professor justifica que não enviaria um texto para o evento. Segundo Willems (1955d), “uma vez em Portugal, a contribuição de um estudo para o congresso também estava fora de questão. Não me posso acomodar à ideia de escrever ‘qualquer coisa’ somente por se tratar de congresso. Pelo menos 75% de tudo que se lê em congressos não vale a pena publicar. É publicado, no entanto, porque existe verba para esse fim, e assim as atas de congressos, em toda parte, estão cheias de contribuições cujo destino deveria ter sido a lata de lixo”.

não havia unanimidade no C.T.A. sobre se a cadeira deveria ser só de antropologia física ou se ambas as disciplinas, antropologia física e cultural, deveriam ser incluídas. É claro que essa dúvida deve ser completamente afastada antes mesmo da abertura de concurso. Quero deixar bem claro que não serei candidato a uma cadeira de antropologia física apenas. Também não me inscreveria em um concurso, aberto a dúvidas de interpretação e suscetível de obstrução ou anulação provocadas por uma resolução do Conselho Universitário ou Conselho Nacional de Educação. Sei que há mais de uma pessoa na Faculdade desejosa de provocar uma tal resolução. Como na lei federal a cadeira é denominada Antropologia e Etnografia, e a Etnografia foi separada da Antropologia na Universidade de S. Paulo, as possibilidades de uma interpretação desfavorável às orientações que tenho procurado imprimir à cadeira, são de 50:50. No momento, porém, essas são especulações inúteis. [...]

Tenho certeza agora que não desejo “continuar como contratado”. Fui contratado desde 1938 e já não me parecem aceitáveis as condições de instabilidade inerentes à posição de contratado. De outro lado, não estaria em condições de prestar concurso – na hipótese de ser admitido à sacra cerimônia de inscrição. Tenho compromissos que me obrigam, pelo menos para os dois próximos anos, a trabalhar em certos projetos que me interessam profundamente. Não posso nem quero interromper esses trabalhos para escrever tese e memorizar pontos de concurso. Pois seria isso mesmo. Nos últimos anos tenho trabalhado num campo bastante especializado; tive pouca oportunidade de me ocupar com as mil e uma questões que se costumam exigir em concursos. Isso se refere principalmente à antropologia física a que me dediquei muito pouco nos últimos três anos. Teria um trabalho enorme, com prejuízo de todas as minhas atividades atuais para tentar conseguir, com o grave risco de ser “reprovado” ou vencido por competidor mais forte, o que já tenho: estabilidade no cargo que ocupo.

Creio que, examinando objetivamente a situação, você há de convir comigo que tenho razão. Além do mais, prestar concurso de provas, com “pontos”, notas, medidas etc. é, pelo menos na minha idade, um pouco ridículo e bastante humilhante. Somente por uma necessidade inexorável sujeitar-me-ia a esse processo. É verdade que nunca pensei muito nesses aspectos, mas finalmente, um balanço completo e meticuloso da situação me obrigou a refletir sobre todos esses lados do problema.

Estou falando tão egoisticamente de mim mesmo que se poderia perguntar se minha família não influi nas minhas decisões. Fato é, porém, que consultei minha senhora e meus filhos. Tivemos conversas longas e animadas cujo resultado não me surpreendeu. Eles sentem que devo ficar aqui, em vez de me meter em aventuras cujos resultados são imprevisíveis. Naturalmente, minha senhora quer ficar perto da filha que se casou em setembro. O rapaz mais velho quer estudar engenharia e acha que tem mais facilidades aqui. Se voltar perderá pelo menos um ano para poder ingressar no colégio. O mesmo se dá com o menor. Em outras palavras: na hipótese de uma volta para S. Paulo, teria toda família contra mim. Sinto-me muito mal diante disso, pois não lhes poderia oferecer o padrão de vida que temos aqui, apesar do aumento de vencimentos... (Willems, 1951a).

O trecho nos mostra como uma série de fatores, velados ou não, fizeram com que o professor desistisse de se candidatar ao cargo. Com quase 50 anos, Willems não se submeteria ao que considerava uma humilhação, prestar um concurso. Aquele que foi o principal professor de antropologia da Universidade de São Paulo na década de 1940 agora teria que se apresentar a uma banca para provar que seria capaz de lecionar na mesma cadeira que ajudou a fundar. Os trabalhos prestados pelo professor na universidade não bastariam. Teria agora que se submeter a uma prova em que ser reprovado seria uma humilhação para o professor que já possuía a estabilidade acadêmica nos EUA.

Nota-se, aqui, outra diferença entre os modelos norte-americano e brasileiro de organização institucional. A ausência de “cadeiras”, nos EUA, era vista por Willems como um fator que contribuiria para manter a “elasticidade do sistema”. Dessa forma, “o número de professores ‘efetivos’ e contratados” variaria a partir das necessidades do ensino e da pesquisa e dos fundos de cada instituição, possibilitando que determinadas instituições atribuíssem importância a determinados campos específicos de estudo (Willems, 1953a, p. 261). As “necessidades” da Vanderbilt, nesse sentido, deixavam a desejar quanto ao estudo da antropologia. Um dos problemas apontados por Willems sobre a Vanderbilt foi exatamente a falta de estabilidade fornecida pela universidade americana, instabilidade diferente da que Willems sofreu no Brasil. Segundo o professor, a Vanderbilt não conseguia acompanhar o mercado acadêmico norte-americano. A universidade oferecia uma estrutura desejável para professores iniciantes e ambiciosos em seguir a carreira acadêmica, mas faltavam os recursos necessários para mantê-los (Willems, 1993, p. 37), já que outras instituições pagavam melhor. Relembrando a década de 1960, na qual houve uma grande expansão no sistema universitário americano, Willems afirmou que o mercado de trabalho era excelente, e as boas universidades superavam-se umas às outras por oferecerem cargos aos estudantes promissores. Nesse sentido, o professor afirmou que teria facilmente achado outro trabalho com melhor remuneração, caso estivesse interessado em se mudar da Vanderbilt. No entanto, estava satisfeito com sua vida em Nashville e, como único antropólogo no campus, estava livre para seguir seus interesses de pesquisa sem problemas (Willems, 1993, p. 37).

Como consequência desse modelo, no entanto, está o sistema baseado em uma lógica que Willem caracterizou com a expressão “publish or perish”, ou seja, em que os professores têm que “publicar acima de tudo” para se manterem competitivos – já naquele momento uma preocupação percebida no campo intelectual. Sobre esse sistema, Willems escreveu:

Assim como existe atualmente, esse sistema competitivo apresenta desvantagens óbvias. O professor que deseja fazer carreira precisa publicar acima de tudo. É a bibliografia que conta: publish or perish é o moto prevalecente que constitui, a um tempo, incentivo e perigo. A qualidade das publicações não sofre com esse princípio tanto quanto se tem afirmado frequentemente, pois a crítica, vigilante e severa, encarrega-se de separar o joio do trigo. Mas, inegavelmente, publica-se demais. Inúmeros congressos científicos em que cientistas novos e pouco conhecidos têm oportunidade de apresentar seus trabalhos, criam automaticamente a necessidade de publicar resultados. Congressos organizados para fins específicos e concorridos por especialistas de renome e geralmente atarefadíssimos, levam à preparação de estudos ad hoc. Esses estudos consistem, não raro, de repetições do que foi dito e escrito em outras ocasiões. Assim, não admira que a proporção entre qualidade e quantidade das publicações científicas nem sempre seja ideal. Em quase todas as ciências há figuras notáveis que fazem parte de tantas comissões, diretorias e conselhos que mal lhes sobra tempo para levar adiante seus próprios projetos de pesquisa. E o ensino naturalmente perece (Willems, 1953a, p. 261).

Jackson (2009b, p. 184) afirma que a atuação de Willems nas instituições das quais fez parte em São Paulo (USP, ELSP e revista *Sociologia*) logrou reuni-las temporariamente numa espécie de “projeto ecumênico”, em que alunos graduados na USP teriam realizado o mestrado na ELSP durante a década de 1940 sob sua influência. Defendo, no entanto, que o projeto ecumênico se estendeu para além do Brasil. A ideia de agregar pesquisadores ao seu redor migrou com Willems para a Vanderbilt e, durante muito tempo, o professor tentou montar nos EUA um braço que estivesse em constante contato com os pesquisadores brasileiros. Se na década de 1940 seu esforço era reunir os pesquisadores das duas escolas em São Paulo, a partir da década de 1950 passou a integrar a academia norte-americana nesse circuito. Como contou em carta em 10 de fevereiro de 1956 para Florestan Fernandes:

Muito obrigado pela carta de 18 de janeiro, particularmente pelas sugestões referentes a possíveis candidatos a bolsa de estudo da Vanderbilt. Peço considerar estas possibilidades como permanentes. Em outras palavras, o nosso convite continua em pé, ano após ano, e enquanto eu estiver aqui, o candidato (se for realmente bom) terá uma chance razoavelmente boa.

Se o Amadeu Lan[n]a está realmente interessado em Antropologia física ele não deve perder tempo. Creio que Michigan, Chicago, Harvard e Indiana oferecem boas oportunidades. Estou pronto para apoiar qualquer tentativa que ele fizer nesse sentido (Willems, 1956).

Além disso, Willems foi um forte incentivador para a ida de Florestan Fernandes à academia norte-americana. Ciente dos problemas que Fernandes passava na USP, sugere o alemão:

Compreendo os problemas de ordem moral (no sentido de “o” moral, naturalmente) que assaltam a gente no Brasil. Parece-me que você deveria sair um pouco desse ambiente em que a gente facilmente se transforma numa peça de mobília em que todo mundo se coça e dá pontapés. Se você quiser passar uma temporada nos Estados Unidos, farei de tudo que puder para ajudar-lhe. Creio que você teria uma boa chance na Guggenheim. Uma bolsa de \$2.500 mais seu ordenado e talvez uma bolsa para a viagem seria folgado para você e sua família. Também seria uma ótima experiência para sua senhora e a crianças. Pois pense no assunto... (Willems, 1954a).

O nome de Schaden também foi levado à academia dos EUA por Willems. O professor o sugeriu para David F. Aberle, que virara o novo editor de resenhas da *American Anthropologist* em 1953, para que Schaden tivesse contato com a revista e realizasse resenhas das monografias de Curt Nimuendajú e Robert Lowie sobre os Tukuna. Conforme afirmou Willems (1953b, tradução minha), “parece importante para mim ter seu nome na

A. A., e esse poderia ser um bom começo”.¹⁰ Além disso, Schaden foi sempre um parceiro de Willems no envio de material antropológico. Os dois professores mantiveram contato, principalmente nos primeiros anos da ida de Willems aos EUA, e continuaram o hábito de realizar remessas postais com publicações importantes no período. Em carta de 1948, por exemplo, Willems (1948d) relata o envio de exemplares do *Boletim* da Faculdade de Filosofia da USP para os departamentos de antropologia de Harvard, Columbia, Yale, Princeton, Clark, Califórnia, Chicago, Michigan, Wisconsin e Texas, além de museus especializados.

Outro nome que teve sua aproximação com a academia norte-americana realizada a partir dos esforços de Willems foi Eunice Ribeiro Durham. Assistente de Schaden na Universidade de São Paulo, a professora realizou na Vanderbilt seus estudos pós-graduados como aluna de Willems. Durham foi extremamente elogiada na ocasião, sendo descrita por Willems (1955e, tradução minha) de maneira positiva: “Nunca vi uma pessoa ficar tão bem e tão rapidamente ajustada como a Eunice. Desde o primeiro dia, ela está completamente à vontade, e está indo muito bem nos seus estudos”.¹¹ Durham cursou uma série de disciplinas na Vanderbilt: *Economic Life of Primitive Societies* – Prof. Willems, *Social Structure and Dynamics of Structural Change* – Prof. Willems, *Seminar in Research Methods* – Prof. Reiss e *Seminar in Social Stratification* – Prof. Artis. E ainda realizou um seminário a pedido de Willems (Durham, 1956) sobre o livro *African political systems* (Fortes; Evans-Pritchard, 1940). O êxito que Willems via em Eunice Durham ao cursar as disciplinas nos EUA, inclusive, era encarado como preparando o caminho para

10 No original: “It seems important to me to get your name into the A.A., and this would be a good start”.

11 No original: “I have never seen a person getting so well and rapidly adjusted as Eunice. From the first day on she has been completely at ease, and she is doing very well in her studies”.

outros alunos brasileiros que também quisessem realizar um estágio na instituição.¹²

Com o estabelecimento definitivo de Willems nos EUA, eis que começa o período de professor visitante, ou, nas suas palavras, “professor itinerante” e “ambulante”, muito influenciado, também, pelo grande calor que assolava o Tennessee no verão. Nesse período, em que passou a integrar o quadro de professores na Vanderbilt, Willems também trabalhou como professor visitante na Universidade Estadual de Michigan e Universidade de Michigan (1952), na Universidade de Colônia em 1956, na Universidade da Califórnia, Berkeley (1957), na Universidade do Chile e Universidade Católica do Chile (1959), na Universidade Nacional da Colômbia (1962/1963)¹³ e viajou realizando pesquisas e participando de congressos em Nova York e Boston (1949), Universidade de Washington (1950), Portugal (1954), México e Princeton (1955), Hamburgo, Munique, Mainz e Frankfurt (1956); Münster (1961), para citar apenas algumas das instituições e suas localizações.

Willems faleceu em 1997 na cidade americana que o acolheu e como professor emérito da universidade na qual se fixou desde a década de 1950. O “professor ambulante”, que passou por uma série de instituições, estabeleceu-se com sua família em Nashville e passou a fazer parte da classe média americana. Com seu óbito, a Universidade de Vanderbilt criou um

12 Sobre a impressão deixada por Durham na Vanderbilt e a possibilidade de receber novos alunos brasileiros na universidade, escreve Willems (1955f) para Fernandes na USP: “Conversarei com a Eunice Ribeiro sobre possíveis candidatos a bolsas da Vanderbilt para o ano próximo. [...] O nosso diretor, que é extremamente exigente e um crítico impiedoso, está satisfeitíssimo com ela. Este êxito inicial é vantajoso, pois pode preparar o caminho para outros alunos da Faculdade que quiserem vir. O nosso departamento aceita só um número limitado de estudantes, de maneira que aqui não há o problema de esperar em fila quando se quer falar com um professor. E esta é uma das desvantagens das grandes escolas”.

13 A estadia do professor na Colômbia resultou na publicação de dois estudos publicados no país (Willems, 1964b, 1965a).

acervo com o seu nome e um obituário em sua homenagem foi publicado, ressaltando-o como um “homem maravilhoso e amável, antropólogo conhecido e respeitável. Ele era de uma escola clássica de erudição na qual era versado em diversos idiomas e intimamente familiarizado com a cultura e tradições históricas de seu foco de pesquisa, que era a América Latina e especialmente o Brasil” (Gregor, 1997, tradução minha).¹⁴ Na Alemanha, a *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie* também publicou uma homenagem ao professor (Lüschen, 1998). No Brasil, não tenho notícias de que alguma nota tenha sido publicada na ocasião.

Principais contribuições teóricas

Para além da importância institucional e como divulgador científico no país com a criação da revista *Sociologia*, a enciclopédia *Leituras sociológicas* (Willems; Barreto, 1940), e dois dicionários especializados, Willems se tornou referência para diversos campos de estudo. Como apresentado anteriormente, a obra antropológica do autor foi, assim como a sua trajetória de vida, tortuosa e variada. Foram trabalhos que poderiam ser enquadrados como teoria da comunicação; sociologia educacional; trabalhos sobre assimilação e aculturação; principalmente de imigrantes, mas não só, estudos de antropologia física, antropologia rural; antropologia da religião, especialmente sobre o protestantismo; os chamados *American studies*, entre outros. Apresento, a seguir, algumas das principais publicações do autor e a importância que tiveram para a formação de uma agenda de pesquisa na antropologia brasileira.

14 No original: “A wonderful, kind man, a very well-known and respected anthropologist. He was very much of a classical school of scholarship in that he was versed in several languages and intimately familiar with the culture and historical traditions of his research focus, which was Latin America and especially Brazil”.

Aculturação

Emílio Willems foi um dos primeiros antropólogos no Brasil a realizar estudos sistemáticos com base no conceito de aculturação, considerando que era fundamental compreender esse processo em contextos como o brasileiro. De fato, o autor chega até a afirmar que “a história do Brasil é um único processo de aculturação” (Willems, 1945a, p. 145). É importante ressaltar, nesse sentido, que o antropólogo alemão é o autor de diversos estudos sobre o tema (Willems, 1941c, 1942b, 1943a, 1944, 1946, 1948a, 1949a, 1968a, entre outros). Se, desde a década de 1930, alguns estudos brasileiros com o viés culturalista boasiano já se utilizavam do conceito de aculturação, Willems foi o responsável por realizar pesquisas baseadas em trabalhos de campo sistemáticos. Como apresentado, a partir de seu trabalho de campo sobre a aculturação japonesa em Registro (SP), o pesquisador compreendeu que a realização de pesquisas extensas, seguindo o modelo de “field works”, tais como os que vinham sendo realizados nos EUA, seriam essenciais para desenvolver os seus estudos.

É preciso lembrar que, se por um lado Willems foi aluno de Thurnwald,¹⁵ quando realizou seu doutorado em Berlim, e conhecia os estudos de mudança cultural alemães, por outro lado a adesão ao modo de fazer antropologia norte-americano, bem como a influência de Robert Redfield, Ralph Linton e Melville Herskovits (1895-1963),¹⁶ são notórias. Conforme destacou o próprio autor, prosseguir os estudos de mudança cultural foi o que permitiu que ele se aprofundasse na literatura sobre aculturação que “se estava desenvolvendo rapidamente nos Estados

15 Thurnwald (1932) realizou estudos sobre mudança cultural e utilizou o conceito de aculturação em 1932 para pensar a “psicologia da aculturação”.

16 Sobre Herskovits, Willems escreveu no verbete de seu dicionário que “pela vastidão da obra de pesquisa realizada e pela argúcia e penetração das suas análises, Herskovits pode ser considerado um dos mais eminentes antropólogos contemporâneos” (Willems, 1950a, p. 75-76).

Unidos” (Corrêa, 2013, p. 322). Os trabalhos de Willems tiveram de fato uma ressonância importante dos estudos que estavam sendo praticados nos EUA. Em *Alguns trabalhos recentes sobre aculturação* (Willems, 1943a), por exemplo, destacou a importância dos trabalhos de Herskovits e Linton em suas reflexões, não só do memorando publicado pelos autores com Redfield em 1936, mas de publicações subsequentes. Nesse trabalho de 1943, o autor afirmou que “o desenvolvimento do estudo teórico da aculturação nos últimos anos prende-se a três publicações” (Willems, 1943a. p. 13): o memorando de 1936, publicação em que Redfield, Linton e Herskovits (1936) analisam as implicações teóricas do conceito, o livro *Acculturation*, de Herskovits (1938), e a coletânea de Linton (1940) e seus colaboradores, em que sete autores apresentam os resultados de um trabalho de campo visando o estudo de aculturação de “tribos” indígenas da América do Norte.

Em 1935, o Social Science Research Council (Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais) designou um comitê para analisar os trabalhos realizados sobre a aculturação, as implicações teóricas do uso desse termo e também para explorar novas formas para investigações futuras. Como fruto desse comitê, os antropólogos responsáveis publicaram o *Memorandum for the study of acculturation* (Redfield; Linton; Herskovits, 1936). Esse memorando, que reconhecia a importância dos estudos sobre aculturação e as variações dos pontos de vista nos quais essa noção era utilizada, apresenta de forma sistemática a definição do conceito, bem como formas de abordar o problema, tipos de análise da aculturação, mecanismos psicológicos de seleção e integração de traços aculturados, e os resultados da aculturação. Não desenvolvo exaustivamente aqui o conteúdo das quatro páginas que compõem o memorando, mas reproduzo a seguir a definição do conceito, importante para minha análise. Segundo o memorando,

a aculturação compreende os fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos com culturas diferentes entram em contato

contínuo em primeira mão, com alterações subsequentes nos padrões culturais originais de um ou de ambos os grupos. (NOTA: Segundo esta definição, a aculturação deve ser distinguida da *mudança cultural*, da qual constitui apenas um aspecto, e da *assimilação*, que é por vezes uma fase de aculturação. Deve também diferenciar-se da *difusão*, que, embora ocorra em todos os casos de aculturação, não só é um fenômeno que ocorre frequentemente sem a ocorrência do tipo de contato entre os povos especificado na definição dada acima, como também constitui apenas um aspecto do processo de aculturação) (Redfield; Linton; Herskovits, 1936, p. 149, tradução minha).¹⁷

Em texto posterior ao memorando, Herskovits escreveu um pouco mais sobre o desenvolvimento e aplicação do conceito. Em *Acculturation: the study of culture contact* (Herskovits, 1938, p. 2, tradução minha), o autor mostrou como, “apesar da ênfase recente na investigação entre povos cujas culturas estão num estado de fluxo, ou onde se pode determinar historicamente que o contato produziu uma cultura de múltiplas origens, o reconhecimento do significado desse tipo de dados não tem nada de particularmente novo”.¹⁸ Segundo o autor, a palavra “aculturação”, que designaria melhor estudos desse tipo, teria já uma história respeitável e,

17 No original: “Acculturation comprehends those phenomena which result when groups of individuals having different cultures come into continuous first-hand contact, with subsequent changes in the original cultural patterns of either or both groups. (NOTE: Under this definition, acculturation is to be distinguished from *culture-change*, of which it is but one aspect, and *assimilation*, which is at times a phase of acculturation. It is also to be differentiated from *diffusion*, which, while occurring in all instances of acculturation, is not only a phenomenon which frequently takes place without the occurrence of the type of contact between peoples specified in the definition given above, but also constitutes only one aspect of the process of acculturation)”.

18 No original: “Despite recent emphasis on research among peoples whose cultures are in a state of flux, or where it can be historically determined that contact has produced a culture of multiple origins, recognition of the significance of this kind of data is nothing particularly new”.

em 1928, foi definida pelo dicionário de Webster como “a aproximação de uma raça ou tribo humana para outra na cultura ou nas artes por contato”, sendo revisada em 1934 para “a aproximação de um grupo social a outro na cultura ou nas artes por contato; a transferência de elementos culturais de um grupo de pessoas para outro” (Herskovits, 1938, p. 2, tradução minha).¹⁹

Em texto em que discute a importância do livro de Herskovits citado acima, Malinowski (1939) também comenta os estudos de aculturação segundo “an American approach”. Dando ênfase inicial aos trabalhos de mudança cultural realizados na Europa, o autor afirma que a importância da aculturação como um objeto de pesquisa foi reconhecida em muitos países onde os negócios coloniais foram práticas importantes (Malinowski, 1939). No entanto, discorre sobre a importância dos estudos de Herskovits, afirmando que esses são úteis contribuições ao trabalho que se está desenvolvendo recentemente para observar os contatos culturais e suas mudanças (Malinowski, 1939, p. 48).

De fato, o conceito de aculturação tomou tanta centralidade e importância na literatura americana que, em 1953, quase vinte anos depois da publicação do memorando, o Social Science Research Council realiza um seminário sobre aculturação (“Summer Seminar on Acculturation”). O texto resultante desse seminário, intitulado *Acculturation: an exploratory formulation*, publicado na *American Anthropologist* no ano seguinte, começa com um novo balanço da utilização do conceito. Segundo os autores do texto, o fenômeno da aculturação continuaria tendo largo interesse entre os antropólogos. De tal forma que a cada ano “novas pesquisas e programas aplicados estão sendo formulados para o estudo mais aprofundado

19 No original: “The approximation of one human race or tribe to another in culture or arts by contact [...] the approximation of one social group of people to another in culture or arts by contact; the transfer of cultural elements from one group of people to another”.

dos fenômenos e para a possível aplicação dos conhecimentos para questões práticas” (Acculturation [...], 1954, p. 973, tradução minha).²⁰

De maneira geral, para os autores e autoras que tiveram como referência essa agenda teórica, mas também mais especificamente no caso da obra de Emílio Willems, pensar a utilização do conceito, principalmente em relação aos estudos rurais, pode ser revelador. Se, conforme aponta Mormont (1990, p. 21), a sociologia rural deveria devotar alguns de seus esforços para estudar como exatamente as sociedades rurais resistiram ao mundo externo, mas, ao invés disso, a maior parte de seu trabalho focava os mecanismos de mudança, adaptação, e integração na sociedade moderna, vemos que o conceito de aculturação está, mesmo que indiretamente nesse caso, presente na orientação paradigmática adotada. Uma vez que os estudos sobre o rural vislumbraram por muito tempo o fim iminente do campesinato, ou qualquer que seja a categoria dada aos sujeitos em questão, a aculturação é um conceito que está associado diretamente a esse processo, tal como compreendido nessa perspectiva. Ou seja, como assimilação e perda cultural.

No *Dicionário de etnologia e sociologia* (1939) produzido por Willems em parceria com Herbert Baldus, o conceito de aculturação também ganha uma definição. Nesse verbete, aculturação é definida a partir de uma citação de Herskovits utilizada também por Arthur Ramos (1937, p. 384 *apud* Baldus; Willems, 1939, p. 18), como compreendendo “aqueles fenômenos resultantes de contato, direto e contínuo, dos grupos de indivíduos de culturas diferentes, com mudanças consequentes nos padrões originais culturais de um ou ambos os grupos”.

Anos mais tarde, Willems produz um novo dicionário, dessa vez voltado somente à sociologia (Willems, 1950a). Nesse novo dicionário

20 No original: “New research and applied programs are being formulated for further study of the phenomena and for possible application of the knowledge to practical affairs”.

elaborado pelo autor, a definição de aculturação ganha uma nova roupagem e é apresentada da seguinte forma:

Aculturação. Designa mudanças na cultura de dois ou mais grupos quando postos em contato direto e contínuo. Contatos dessa natureza implicam geralmente a transmissão de certos elementos da cultura material e não material de uma sociedade a outra. Todavia, a transmissão vai precedida por uma seleção que implica a aceitação de alguns e a rejeição de outros elementos culturais [...]. Muito comum também é a modificação de elementos aceitos. É frequente a desintegração [...] de uma ou várias culturas, sob a influência dos contatos que se estabelecem entre os seus portadores. Após uma fase de desintegração e conflitos [...], acompanhada de desorganização [...] social, ocorre a reintegração que pode envolver o desaparecimento, total ou parcial, das configurações anteriores e a fusão de certa parte de seus elementos numa configuração nova. É óbvio que os processos aculturativos afetam as pessoas que representam o substrato humano das culturas em contato. No que diz respeito às mudanças das personalidades atingidas, é preferível o termo *assimilação*.²¹ *socialização, nacionalização, brasilização, acomodação, ajustamento, aclimação, amalgamação, miscigenação* (Willems, 1950a, p. 1-2).

É possível afirmar, sem correr o risco de imprecisão, que Willems teve importante papel na difusão de determinados conceitos sociológicos no país. Sendo o fundador da primeira revista especializada na área, a revista *Sociologia*, em 1939, bem como autor de dois dicionários com verbetes sobre etnologia e sociologia, e sendo professor de duas instituições de

21 Sobre o conceito de assimilação, Truzzi (1992, p. 518) interpretou a utilização dele no Brasil, criando uma separação em três períodos distintos, entre eles, o uso “propriamente acadêmico e estritamente associado a uma interpretação cultural do termo a partir dos anos quarenta, inaugurado provavelmente com a obra de Emílio Willems, e que se prolongou até pelo menos os anos setenta”.

ensino superior em que viria a formar grande parte dos intelectuais paulistas, USP²² e da ELSP,²³ o professor teve papel fundamental na difusão de alguns conceitos-chave utilizados em ciências sociais nesse período, como o da aculturação. Principalmente conceitos ligados aos estudos sobre o mundo rural.

Apesar de não se utilizar do conceito de aculturação em *Cunha* (Willems, 1948b), mas analisar a mudança cultural a partir de outras ferramentas teóricas, o primeiro estudo de comunidade realizado no país nos revela a preocupação com o tema. Embora seja a única vez que utiliza o termo, eis que Willems iniciou o seu texto da seguinte maneira:

Nos últimos vinte anos vêm-se multiplicando as pesquisas antropológicas dedicadas ao estudo de comunidades que não podem ser consideradas “primitivas”. De modo geral, essa dilatação do horizonte da Antropologia prende-se ao fato de ter sido meramente convencional a restrição das investigações anteriores aos chamados “primitivos”. No arsenal metodológico da ciência do homem não existe recurso nenhum que não possa ser aplicado a comunidades “civilizadas”. Aliás, a *aculturação* gradativa de um número cada vez maior de sociedades tribais e o desaparecimento de muitas outras são fatores que teriam limitado

-
- 22 Como já descrito, o programa de aulas do curso de Antropologia datado do ano de 1943 para os alunos da faculdade era composto por: “1 – A Antropologia: conceito e delimitação; 2 – O problema da formação das raças; 3 – Raça, mentalidade e cultura; 4 – Seleção e peneiramento; 5 – Contatos raciais e culturais; 6 – Exemplos de cruzamentos raciais; 7 – O problema do negro na América; 8 – *Aculturação e assimilação*; 9 – Conflitos raciais e culturais: o homem marginal; 10 – A assimilação dos imigrantes no Brasil; e *Exercícios práticos: estudos aculturativos no Estado de São Paulo*”(Guia [...], 1943, p. 179-180, grifo meu).
- 23 Como professor da ELSP nas disciplinas de Assimilação e Aculturação no Brasil Meridional (1941); Assimilação e Aculturação entre os Imigrantes Alemães no Brasil Meridional (1942); Sociedade Urbanas e “de Folk” (Divisão de Estudos Pós-Graduados, março-maio 1948); Comunidades Rurais em São Paulo (setembro-novembro 1948); entre outras.

sensivelmente os objetivos da Antropologia se os seus representantes não se houvessem lembrado, em boa hora, de alargar o campo de trabalho incorporando-lhe pesquisas sobre comunidades que até então pareciam reservadas à Sociologia (Willems, 1948b, p. 5, grifo meu).

É possível perceber como Willems recuperou o conceito na forma de pensar a antropologia. A aculturação de sociedades tribais levaria o interesse do antropólogo a outros campos de pesquisa, reservados classicamente à sociologia. Com isso, o autor parece borrar as fronteiras estabelecidas entre a sociologia e antropologia, nunca rígidas na atuação do pesquisador.

Em *A aculturação dos alemães no Brasil*, Willems (1946) publicou o que seriam seus maiores estudos sobre aculturação. O livro escrito com base nas observações do autor nos anos em que morou no sul do país apresenta o desenvolvimento do conceito de aculturação entre os imigrantes²⁴ observado durante a década de 1930, ou seja, a partir de uma pesquisa de campo prolongada. Segundo Willems, anos depois, em relato a Mariza Corrêa (2013, p. 320),

naquele tempo o estudo científico de contatos culturais estava na primeira infância, e o famoso memorando sobre aculturação seria lançado somente em 1935.²⁵ Parecia-me então que a convivência estreita e contínua de grupos culturalmente diferentes não podia deixar de produzir mudanças mais ou menos incisivas. Brusque oferecia o cenário de uma população em pleno processo de aculturação e, baseado em observações diárias durante mais de três anos, achei confirmação abundante da hipótese de inevitabilidade de tais mudanças.

24 Sobre a contribuição e críticas dos estudos de imigração de Willems, ver Seyferth (1988, 2011).

25 Apesar de o memorando ter sido publicado em 1936, foi o resultado de um comitê designado em 1935 pelo Social Science Research Council para estudar o assunto.

Nesse trabalho, a família teuto-brasileira torna-se, na visão de Willems, um novo padrão econômico no Sul brasileiro, baseado no trabalho da pequena propriedade agrícola. Desse modo, como aponta Voigt (2007, p. 201), o imigrante alemão, por seu isolamento, não teria sofrido grande aculturação nas colônias agrícolas, mas teria sido, pelo contrário, um grande inovador cultural no Brasil. Isolamento é uma questão fundamental aqui, da mesma forma que a escolha da cidade de Cunha para a pesquisa foi seu suposto isolamento, assim como a Ilha de Búzios, em outro estudo (Willems; Mussolini, 2003). Além disso, é preciso lembrar que Seyferth (1988, p. 32) afirma que a obra de Willems sobre os alemães no sul do país é “ponto de partida e principal fonte de outros trabalhos antropológicos e sociológicos que tratam do mesmo tema²⁶ – a assimilação de imigrantes”.

Outro grupo de imigrantes que foi pesquisado por Willems foi o dos japoneses. Saito e Maeyama (1973, p. 8), em *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*, também afirmam que é a partir da década de 1940 que “desperta o interesse real pelo estudo do grupo japonês” pelos antropólogos e sociólogos, atribuindo a Willems papel de destaque nesse momento. Segundo os autores,

como um dos primeiros antropólogos no Brasil, de formação sólida, Willems havia terminado sua monumental obra sobre aculturação dos alemães (1947) e, ato contínuo, iria estender suas pesquisas ao grupo japonês, cujo intento não chegou a ser cabalmente cumprido, primeiro devido à situação anormal reinante durante e após a Grande Guerra e, em segundo, por sua transferência para os Estados Unidos. Assim, a década de 1940 terminou como uma fase pioneira dos estudos sobre japoneses no Brasil (Saito; Maeyama, 1973, p. 8).

26 Apesar de não se utilizar do referencial teórico do autor, Ellen Woortmann (1995) utiliza os dados de Willems em abundância em seu estudo sobre os colonos do Sul.

De fato, como prefaciou Willems (1946) em *A aculturação dos alemães no Brasil*, o estudo da aculturação dos japoneses e seus descendentes seria o foco de seus estudos. Sobre esse assunto, Willems publicou, em parceria com Baldus, “Cultural change among Japanese immigrants in Brazil” (Willems; Baldus, 1942), além de “Shindô-Renmei: um problema de aculturação” (Willems; Saito, 1947), escrito em parceria com Hiroshi Saito, “Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo” (Willems, 1948a) e “The Japanese in Brazil” (Willems, 1949b). No que diz respeito ao estudo das comunidades japonesas no Brasil, eis que é atribuído a Willems mais uma vez um papel de pioneirismo, dessa vez também pela literatura norte-americana. No texto *The Acculturation of the Japanese immigrants in Brazil*, de Yukio Fujii e T. Lynn Smith (1959, p. 54, tradução minha), os autores iniciam as notas bibliográficas da seguinte forma:

Os primeiros estudos sérios sobre os japoneses no Brasil foram feitos por Emílio Willems numa série de artigos sobre os japoneses em São Paulo. O seu trabalho de pesquisa, que começou pouco depois de 1940, concentrou-se na comunidade japonesa no distrito de Registro. Ele e seus associados dedicaram especial atenção aos aspectos aculturativos do vestuário, habitação e dieta. A homogamia japonesa e o conflito cultural também receberam atenção.²⁷

Interessante ressaltar, do trecho acima, a menção não só a Willems, mas também a seus “associados” realizando pesquisa empírica em Registro. Fato marcante e presente ao longo de todos os projetos de Willems é o caráter aglomerativo do professor em torno de suas pesquisas. Como

27 No original: “The first serious studies of the Japanese in Brazil were made by Emilio Willems in a series of articles dealing with the Japanese in São Paulo. His research work, which began shortly after 1940, was centred on the Japanese community in the Registro district. He and his associates paid particular attention to the acculturative aspects of dress, housing, and diet. Japanese homogeneity and cultural conflict also received attention”.

apontado, um grande número de pesquisadores, em sua maioria estudantes, eram constantemente levados a campo, sob orientação do professor, para ajudar na coleta de dados e para aprender a realizar uma pesquisa. O exemplo mais marcante dessa experiência formativa colaborativa é *Cunha*, em que constam como assistentes de pesquisa nomes que viriam a ser referências em seus respectivos campos. Da mesma forma, o professor também foi acompanhado de alunos da Escola Livre de Sociologia e Política na Ilha de Búzios, e, antes de seu trabalho sobre os protestantes no Brasil e no Chile, escreveu para Fernando de Azevedo se oferecendo para treinar alunos da FFCL em seu trabalho de campo. É importante também lembrar que os estudos sobre a assimilação dos imigrantes japoneses em São Paulo, que se iniciam em 1941, também tiveram o acompanhamento de Herbert Baldus, bem como de assistentes e alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, bem como da Escola Livre de Sociologia e Política, sendo que esta última instituição custeou a viagem para o Vale do Ribeira.

Willems, já em 1941, havia elaborado um plano geral de estudo nas áreas colonizadas do estado de São Paulo, mas com a entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial teve que abandonar o trabalho de campo, contando apenas com os questionários que havia coletado nas escolas primárias do estado. Como escreve o pesquisador a respeito, “já estava com as malas prontas para prosseguir nas minhas pesquisas de campo na zona de Lussanvira quando rompeu a guerra entre o Japão e os Estados Unidos. Em vez de estimular estudos aculturativos, como nos Estados Unidos, as condições criadas pelo estado de guerra tiveram, entre nós, efeitos opostos, tornando praticamente impossível qualquer trabalho de campo” (Willems, 1980, p. XI). Dessa forma, Willems apresenta aqui uma diferença importante entre a forma de lidar com os estudos aculturativos nos EUA e no Brasil. Segundo Willems, se, no primeiro país, uma avalanche de cursos novos e estudos foram incentivados a partir da guerra, no Brasil o trabalho de campo entre imigrantes foi impedido pelo governo,

ainda mais estudos realizados por um pesquisador alemão em comunidades com imigrantes japoneses. Em consonância, Peixoto (2001, p. 511) mostra como “é a experiência da guerra que dá um novo impulso aos programas de investigação e ao treinamento de antropólogos nos EUA”.

O estudo de Willems sobre a aculturação dos japoneses repercutiu, também, na imprensa americana. O jornal *The Des Moines Register*, da cidade de Des Moines, Iowa, publicou em 1949 uma reportagem sobre a imigração japonesa utilizando como base o artigo de Willems na revista norte-americana *Far Eastern Survey* (Willems, 1949b), ressaltando como o estado policial criado em relação aos imigrantes certamente não funcionaria como política pública. Consta no artigo:

Os Estados Unidos têm agora vergonha da forma histórica como tratamos a nossa minoria nipo-americana nos primeiros anos da guerra, mas será que já ouviram falar do Brasil? A experiência do Brasil foi uma espécie de caricatura da América, com resultados ainda mais estranhos.

Lembra-se das histórias de como centenas de japoneses brasileiros estavam convencidos de que o Japão tinha ganhado a guerra, muito depois da rendição, e tinham se deslocado do interior para o litoral para “receber a marinha japonesa vitoriosa”?

Agora um cientista social brasileiro, Dr. Emílio Willems, da Universidade de São Paulo, escreveu os antecedentes desse bizarro incidente para a revista *Far Eastern Survey*, para que faça sentido²⁸ (Police [...], 1949, tradução minha).

28 No original: “Police State Method didn’t work: The United States is now ashamed of the hysterical way in which we treated our Japanese American minority in the early years of the war, but have you heard about Brazil? Brazil’s experience was a sort of caricature of America’s, with even weirder results. Remember the stories about how hundreds of Brazilian Japanese were convinced that Japan had won the war, long after the surrender, and made their way from the interior to the coast to ‘welcome the victorious Japanese navy’?”

O papel de Willems enquanto difusor de conceitos utilizados na academia norte-americana também teve ressonância nas pesquisas de seus alunos que embarcaram nos estudos do contato cultural. Florestan Fernandes foi um dos alunos de Willems que desenvolveu estudos sobre a aculturação de imigrantes. Ele o faz primeiramente com uma resenha do livro de Willems (Fernandes, 1949), mas também publica uma série de artigos sobre a aculturação dos sírio-libaneses em São Paulo (Fernandes, 1956, entre outros). Conforme apontou Florestan Fernandes (1958, p. 49),

Na investigação das culturas transplantadas pelos imigrantes a contribuição da etnologia tem sido bem menor que a da sociologia. Por enquanto, somente Emílio Willems tentou descrever e interpretar, de forma sistemática, os problemas de dinâmica cultural que caem nesta área. Os focos teóricos de seus trabalhos sobre a aculturação de alemães no sul do Brasil ou sobre a aculturação de japoneses em São Paulo são variados e complexos.

De fato, Fernandes tinha planos de seguir os projetos de pesquisa sobre a aculturação dos sírio-libaneses. Tanto que, em 1950, Willems, em Nashville à época, escreveu sobre o assunto para seu antigo aluno. Segundo Willems, no “espólio deixado pelo T. Lynn Smith” para a Vanderbilt, quando esse se transferiu para a Flórida, havia um estudante na faculdade americana que estaria realizando sua tese de doutoramento sobre os sírios no Brasil. Clark Knowlton (1919-1991) era aluno de Willems na Universidade de Vanderbilt e obteve uma bolsa de estudos pela universidade para ir ao Brasil. Sobre seu período na Vanderbilt, recordou Knowlton (2013a, tradução minha):

Now a Brazilian social scientist, Dr. Emilio Willems of the University of São Paulo, has written up the background of this bizarre incident for Far Eastern Survey magazine so that it makes sense”.

De todos estes professores, o Dr. Emílio Willems foi o que mais me influenciou. Um imigrante alemão no Brasil depois da Primeira Guerra Mundial, ele tinha gradualmente feito nome na antropologia no Brasil. Convidado à Vanderbilt pelo Dr. T. Lynn Smith, ele veio para a universidade para permanecer. Tive a sorte de ele se interessar consideravelmente pelo meu trabalho e foi de grande ajuda para mim como presidente da minha comissão de doutoramento. [...] As atividades do Instituto Brasileiro, liderado por Smith, trouxeram à Vanderbilt vários estudiosos brasileiros, estudantes de pós-graduação e até o presidente brasileiro, General Dutra. Smith anunciou que havia aceitado um cargo na Universidade da Flórida em julho de 1948, chocando seus alunos de pós-graduação. Depois de deixar o Instituto Brasileiro, ele ressequiu. A maioria dos professores e estudantes de pós-graduação trazidos à Vanderbilt por Smith partiram pouco depois. Eu sobrevivi através da minha estreita amizade com o Dr. Emílio Willems e porque muitos dos professores estavam gratos a Ruth por fazer o seu trabalho.²⁹

Willems, apesar da reticência a aceitar a orientação de um aluno no meio da pesquisa, venceu seus “escrúpulos iniciais” em orientar uma tese com uma “herança deixada por outrem, com métodos e interesses um tanto

29 No original: “Of all these teachers, Dr. Emilio Willems influenced me the most. A German immigrant to Brazil after World War I, he had gradually made a name for himself in anthropology in Brazil. Invited to Vanderbilt by Dr. T. Lynn Smith, he came to the University to remain. I was fortunate in that he took considerable interest in my work and was of great assistance to me as chairman of my Ph.D. committee. [...] The activities of the Brazilian Institute, headed by Smith brought a number of Brazilian scholars, graduate students, and even the Brazilian president, General Dutra to Vanderbilt. Smith announced that he had accepted a position at the University of Florida in July, 1948, stunning his graduate students. After he left the Brazilian Institute withered away. Most of the faculty and graduate students brought to Vanderbilt by Smith left shortly afterwards. I survived through my close friendship with Dr. Emilio Willems and because so many of the faculty were grateful to Ruth for doing their work”.

diferentes”, reconhecendo as qualificações de Knowlton e passando a orientá-lo. Entretanto, sobre o tema, pediu ajuda a Florestan:

Estou lhe escrevendo tudo isso porque você tem trabalhado sobre os sírios e talvez pretenda ainda fazer sua tese sobre eles. Daí a conveniência de esclarecer certos aspectos. Não creio que Knowlton seja um competidor para você. Ele está principalmente interessado em aspectos demográficos e ecológicos. A assimilação dos sírios como problema aparece só numa parte do plano. Naturalmente contei a ele que você estava fazendo um trabalho e, provavelmente, ele vai procurar você para pedir sugestões (Willems, 1950b).

A resposta ao pedido de Willems não tardou e, duas semanas depois, Florestan Fernandes escreveu que nada tinha a objetar. Segundo Fernandes (1950), “o campo está aberto a todos e parece normal que outros estudiosos se interessem pelo assunto”. Além disso, colocou-se à disposição para “prestar-lhe graciosamente a sua modesta cooperação, no caso de ser solicitada”. No entanto, não é o que narrou Knowlton em sua autobiografia. Segundo o americano, durante os primeiros meses em que se estabeleceu em São Paulo para realizar a pesquisa, deparou-se com um sério problema: quando chegou à cidade descobriu que Florestan Fernandes se ressentia da vinda de um estudante americano invadindo o seu campo. No entanto, com a visita de Knowlton a Fernandes em 12 de abril de 1951 na FFCL, os dois viraram amigos rapidamente, assim como suas esposas, e o intelectual brasileiro “eliminou graciosamente as suas objeções ao meu estudo” (Knowlton, 2013b, tradução minha),³⁰ como depois lembrou o americano.

30 No original: “Graciously removed his objections to my study”.

Interessante contextualizar, aqui, o fato de Florestan Fernandes não ter seguido suas pesquisas sobre o assunto e tampouco ser conhecido por elas. O sociólogo brasileiro iria defender o seu doutorado sobre *A função social da guerra na sociedade tupinambá* em 1951, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, mas revelou que a ideia inicial era realizar o seu doutoramento com um trabalho sobre sírios e libaneses, mas que desistiu da ideia porque “não podia fazer a pesquisa nas condições de trabalho acessíveis a partir da Universidade [de São Paulo], pois não dispunha dos recursos necessários” (Fernandes, 1975, p. 43). Com isso, manteve o seu estudo sobre os Tupinambá sobre o qual já havia escrito sua dissertação de mestrado na ELSP. No entanto, o trabalho sobre os sírios e libaneses permaneceu sendo desenvolvido em segundo plano e foi só com o pedido de Bastide para que o ajudasse com os estudos sobre relações raciais tendo como foco os negros que Fernandes deixou de lado os estudos anteriores. Dessa forma, a suposta competição entre Fernandes e Knowlton sugerida pela carta de Willems, em que ambos os pesquisadores em fase de doutoramento se interessariam pelo mesmo campo de pesquisa, não se concretizou.

Assim, a contribuição de Willems nos estudos de assimilação e aculturação de Fernandes é chave em seu programa de pesquisa e teria se firmado como um “modelo a ser seguido”. No campo dos estudos sobre imigração, Piza (2012) mostra como a aculturação permaneceu como referência de trabalho até a década de 1960, quando uma perspectiva teórica alternativa e crítica ao conceito de aculturação é desenvolvida por Eunice Durham. Utilizando-se da importância destacada por Seyferth (2004, p. 7-8, 33 *apud* Piza, 2012, p. 35) da obra de Willems para a “formatação dos estudos de comunidades imigrantes predominantes nas ciências sociais até a década de 1970 não apenas em São Paulo, mas em todo o Brasil”, Piza (2012) aborda o que chama de uma “continuidade crítica” de Durham e Ruth Cardoso – ainda na década de 1960, por romperem com a ideia de aculturação. Interessante notar aqui que, ao realizar

disciplinas com Willems na Vanderbilt, Eunice Durham (1957), como escreve em carta para Schaden em 1957, acreditava que seu professor alemão “colocaria obstáculos em aceitar o trabalho de Descalvado³¹ como tese para o Master”, pois ele acharia que “os trabalhos sobre aculturação ou assimilação” estariam “fora de moda”. Ou seja, no final da década de 1950 Willems já percebia o declínio desse tipo de fundamentação teórica e orientava, mesmo dos EUA, a mudança de abordagem da então estudante de mestrado da USP.

Outro aluno de Willems e seu sucessor na cadeira de Antropologia da USP, Egon Schaden, também se utilizou do conceito em suas pesquisas, primeiramente para estudos sobre imigrantes e depois para povos indígenas.³² Na etnologia indígena brasileira, o conceito de aculturação permaneceu sendo empregado ao longo de algumas décadas. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1964, p. 14),

31 A família de Eunice Durham era de Descalvado, cidade do interior de São Paulo com forte tradição italiana. Foi lá que a antropóloga fez sua pesquisa de campo para o desenvolvimento de seu mestrado, *Mobilidade e assimilação: a história do imigrante italiano num município paulista* (Durham, 1964).

32 Segundo José Maurício Arruti (1997, p. 12), mesmo durante as décadas de 1960 e 1970, grupos que tinham sido considerados como extintos e que durante a década de 1930 e 1940 retomaram a reivindicação de suas identidades continuavam sendo pensados como exemplos de assimilação, aculturação, e proletarização descaracterizadores, e que os estudiosos permaneceriam “presos ao diagnóstico básico do iminente desaparecimento, da decadência cultural e da desagregação”. Além disso, como nos mostra o autor, a configuração que se delineou para os estudos sobre comunidades negras rurais a partir de 1980 convergiu, assim como os estudos sobre grupos indígenas, para o abandono das noções de aculturação e assimilação (Arruti, 1997, p. 14). Da mesma forma, no texto de Pacheco de Oliveira (1998, p. 67) “Uma etnologia dos ‘índios misturados’” o autor afirma que “a antropologia brasileira registrou nas décadas de 50 e 60 preocupações inovadoras e reflexões bastante originais diante de problemáticas e padrões de trabalho científico colocados em prática naquele momento nos centros metropolitanos de produção e consagração da disciplina”, dentre elas a crítica aos estudos de aculturação e ao conceito de assimilação.

a etnologia moderna conta com diversas tradições de estudo do fenômeno das relações entre povos de culturas diferentes, fundadas – essas tradições – em pontos de vista específicos. [...] Nesse sentido, duas tradições imediatamente se impõem: a britânica, conhecida por “social change studies”; e a norte-americana, divulgada pelos “acculturation studies”. Ambas, e principalmente a segunda, marcaram presença no Brasil, influenciando as pesquisas aqui conduzidas sobre o mesmo tema.

Pesquisador dos povos guarani, Schaden se utilizou do conceito na etnografia que produziu³³ e publicou, entre outros textos, no artigo “Aculturação e assimilação dos índios do Brasil” (Schaden, 1967) e *Aculturação indígena* (Schaden, 1969). Levando-se em consideração, como aponta Cardoso de Oliveira (1964, p. 22),³⁴ que “a influência norte-americana sobrepuja as demais”, em que as teorias de aculturação “fascinaram os etnólogos e os circunscreveram a sua problemática”, a importância de Willems e de seu sucessor em estabelecer o parâmetro de análise que seria seguido é fundamental. Sobre a utilização do conceito, Schaden se aproxima da

33 A etnologia brasileira também bebeu na fonte do conceito da aculturação e assimilação, tendo trabalhos como a “Aculturação indígena no Rio Negro” (Galvão, 1959) e *O processo de assimilação dos Terêna* (Cardoso de Oliveira, 1960) como exemplos que valem a pena ser destacados. É importante lembrar, ainda, que os estudos de Roberto Cardoso de Oliveira sobre o impacto do contato dos povos indígenas com a sociedade nacional foram inicialmente influenciados e orientados por Florestan Fernandes, que refletia naquele momento sobre a integração das populações afrodescendentes à sociedade de classes, e que foi seu orientador na USP.

34 Essa publicação é chave para a substituição dos conceitos de aculturação e assimilação na etnologia indígena. Nesse texto de Cardoso de Oliveira (1964, p. 128), o pesquisador introduz a ideia de uma *fricção interétnica* que seria “o contato entre grupos tribais e segmentos da sociedade brasileira, caracterizados por seus aspectos COMPETITIVOS e, no mais das vezes, CONFLITUAIS, assumindo esse contato muitas vezes proporções ‘totais’ envolvendo toda a conduta tribal e não tribal que passa a ser moldada pela situação de fricção interétnica”.

posição adotada por Willems ao apontar a importância da pesquisa empírica e aplicada. Segundo o autor,

a antropologia aplicada se defronta muitas vezes com problemas práticos oriundos do contato entre unidades étnicas regidas por padrões diferentes. A solução desses problemas se inclui mesmo entre as suas tarefas mais importantes. Os estudos de aculturação são, por isso, os que maior interesse despertam a partir do momento em que se deixa de considerar o estudo do homem como preocupação exclusivamente teórica (Schaden, 1967, p. 7).

Antropologia aplicada

Uma questão importante a ser ressaltada é o caráter da aplicação do conceito de aculturação. Conforme aponta Bastide (2009, p. 35), a “Antropologia Aplicada nasceu (mesmo que, em seguida, tenha expandido seu campo) dos estudos sobre a aculturação; ela surgiu quando a aculturação, de livre, passou a planejada”. A ideia de uma antropologia aplicada desenvolvida nos EUA em diálogo com a noção de mudança cultural provocada tem nos estudos de aculturação uma ferramenta fértil para se desenvolver e teve, com Emílio Willems, um papel fundamental na definição de uma agenda científica em meados do século passado no Brasil. Como afirma Peixoto (2001, p. 511), é a “experiência da guerra que dá um novo impulso aos programas de investigação e ao treinamento de antropólogos nos EUA e que após 1941, aponta Stocking, começa-se a falar em ‘antropologia aplicada’ [...]”. Willems comenta esse impulso aos programas de investigação e treinamento de antropólogos americanos a partir da experiência da guerra. Escreveu o professor:

A última guerra foi conduzida simultaneamente em todos os continentes e oceanos. Os exércitos aliados entraram em contato com

adversários e populações civis de muitas raças e culturas diferentes. Conhecimentos pormenorizados sobre a psicologia dos povos mais diversos, sua organização social, as relações que mantinham entre si, as ideias que haviam desenvolvido sobre os aliados, suas maneiras de conduzir a guerra, os métodos administrativos, políticos, econômicos e educativos que deviam ser postos em prática em territórios libertos ou conquistados e muitos outros problemas ainda surgiram que levaram à mobilização de centenas de especialistas em todos os campos das ciências sociais, sobretudo nos Estados Unidos. O que na primeira guerra mundial foi apenas um sonho de alguns idealistas, tornou-se realidade na segunda: antropólogos, economistas, sociólogos, psicólogos e geógrafos empenharam-se a fundo nas tarefas que lhes foram confiadas, dando o melhor de seus esforços não somente para a condução da guerra, mas sobretudo para a obra de reconstrução e reorganização de territórios ocupados.

Esta participação foi, ao mesmo tempo, uma experiência valiosa. Percebeu-se, antes de mais nada, a necessidade de coordenar o esforço de vários especialistas para o estudo adequado de áreas geográficas e culturalmente definidas. Reafirmou-se assim a velha ideia da pesquisa conjunta da qual participariam especialistas de todas as ciências sociais (Willems, 1948c, p. 305-306).

Dessa forma, Willems mostrou como as pesquisas dos diversos campos das ciências sociais tiveram, nos esforços de guerra, um terreno fértil para se desenvolverem, sendo que o seu caráter aplicado e também de conjunto foram dois dos pilares decisivos, o que vai ao encontro da visão que o próprio autor assumiu das ciências sociais.

Em “O problema rural brasileiro do ponto de vista antropológico”, Willems (2009) analisou algumas formas de abordar o que, para alguns especialistas da época, seria “o problema rural”. Segundo o autor, que tem como referência o conceito de “continuum rural-urbano” tal como desenvolvido por Robert Redfield, traçando uma reta pelo país, “numa extremidade está a metrópole moderna representando um tipo de

civilização urbana”, ao mesmo tempo que “acompanhando a reta, depara-se com um tipo de cultura rural estreitamente ligado à cidade”, até finalmente chegar às “populações caboclas cuja vida parece decorrer em um mundo diferente do nosso” e que “pouco ou nada as liga ao mercado urbano”(Willems, 2009, p. 187-188). A crença no que os especialistas denominavam de “problema rural brasileiro”, em face de um contexto de urbanização crescente, poderia ser resolvida, dessa forma, com a intervenção dos poderes públicos nessas populações. Com isso, a contribuição da antropologia deveria ser a de fornecer o conhecimento da cultura cabocla,³⁵ pois a sua visão objetiva, segundo Willems (1943c, p. 23), seria a condição mais rudimentar para aquilatar as dificuldades e consequências de uma intervenção organizada.

No entanto, conforme afirmou o autor, “infelizmente ainda está tudo por fazer neste terreno. Conhecemos mal a cultura cabocla, de modo que os poucos dados colhidos até hoje têm de ser valorizados pela comparação com outras culturas sertanejas da América a fim de obtermos pelo menos alguns característicos gerais” (Willems, 1943c, p. 23). Conforme afirma Lima (2013, p. 252), esse princípio de intervenção proposto por Willems tinha estreita ressonância com o proposto por Herskovits em sua obra, em que buscava a reconstrução nos estudos monográficos de um *background* histórico das populações locais por questões que permitissem o posterior estabelecimento de comparações e um programa extensivo de pesquisa. Nesse sentido, em uma perspectiva claramente aplicada, deveria ser realizado um programa de pesquisa em que fossem combinados a pesquisa monográfica e estudos comparativos para a formulação de leis científicas para a subsequente intervenção dos poderes

35 Ao longo da obra de Willems é possível observar uma variação na utilização da categoria, algo significativo na reflexão. Se em determinados momentos o autor se utiliza de “caboclos”, “caipiras”, “sertanejos”, “folk”, ou “rústicos”, a categoria “camponês” passa a figurar em seus escritos a partir da década de 1960.

públicos. É nesse sentido que uma reflexão sobre os estudos sobre a aculturação pode auxiliar na análise aqui empreendida.

Ao propor um papel aplicado da antropologia pelos poderes públicos, Willems foi em direção à atuação de especialistas em outros países. Para o autor, essa investigação “nada tem de novo ou de extraordinário em outras partes do mundo” (Willems, 2009, p. 203). Nos EUA, por exemplo, Willems identificou que os especialistas em sociologia rural cooperariam, “intimamente, com os departamentos técnicos e administrativos dos governos federal e estaduais, para a solução de certos problemas rurais” (Willems, 2009, p. 203). Nesse sentido, a parceria de Willems com Carlos Borges Schmidt, diretor de Publicidade Agrícola – que era um órgão da Secretaria de Agricultura Indústria e Comércio do estado de São Paulo –, é significativa, já que, como indica Jackson (2009b, p. 183), “o apoio estatal [...] na edição de seus escritos indica um dos pontos de sustentação de Emílio Willems no campo intelectual paulista nos anos de 1940”, uma vez que, tanto “O problema rural do ponto de vista antropológico” (Willems, 2009) como *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil* (Willems, 1948b) foram publicados respectivamente em 1944 e 1948 pelo mesmo órgão.

Ao resenhar o livro de Schmidt (1946), *O meio rural*, Willems acentuou a forma de intervenção proposta pelo autor, em pleno acordo com o que o próprio Willems sugeria. Segundo o professor,

o autor exige a ação imediata, mas sempre *pari passu* com o exame metuculoso dos fatos. Os planos devem estar de acordo com as possibilidades reais do presente: planos dispendiosíssimos aplicados a populações inadequadamente preparadas implicariam num fracasso certo (Willems, 1942a, p. 193).

Em 1945, Willems foi nomeado pela resolução estadual n. 144 de 15 de janeiro, como membro de uma comissão, a serviço do governo do estado,

incumbida de estudar as “condições de habitação rural no Estado de São Paulo” (Anuário [...], 1953b, p. 660). Além disso, no início da década de 1940, estava sendo implantado no estado paulista o plano de criação de um Internato Agrícola, que planejava afastar os educandos de seu meio tradicional e que era visto pelas autoridades como a solução para os problemas rurais brasileiros. Tal plano estava por trás das preocupações de Willems ao publicar “O problema rural do ponto de vista antropológico” (Willems, 2009). Sobre esse plano de intervenção, continuou Willems:

Carlos Borges Schmidt recomenda, acertadamente em tese, “a ação educacional primária mediante uma fórmula de *escola rural*, ativa, que se amolde às condições do meio, não só inerentes à natureza, mas no próprio sentido do rumo que devem tomar as empresas agrícolas”. Estou de inteiro acordo com o autor quanto à inutilidade ou até perigo que representa “a alfabetização pura e simples”. Estamos fartos de saber que a atual escola que de rural só tem o nome, tem sido um instrumento de desajustamento e êxodo, não só no Brasil. [...] Todavia, parece que a maioria dos nossos educadores ainda não divisou a gravidade do problema, pois continua-se combatendo o “analfabetismo” na convicção de se haver encontrado na arte de ler e escrever uma receita mágica capaz de remover tudo aquilo que é considerado mal (Willems, 1942a, p. 194).

Segundo Willems, a aculturação de elementos humanos constituiria outro objetivo de estudo entre antropólogos e sociólogos nas áreas rurais. E a “sua solução científica deverá obedecer a um plano semelhante ao que acima deixei traçado. Também os estudos aculturativos terão de começar por monografias regionais ou locais cujo número há de corresponder exatamente às áreas habitadas por imigrantes ou seus descendentes” (Willems, 2009, p. 204). Nesse sentido, o debate de Willems sobre os conceitos de aculturação e assimilação “não deve

ser visto como exercício diletante” como nos mostra Nísia Trindade Lima (2013, p. 252). Segundo a autora, fica evidente nos trabalhos de Willems sobre a aculturação e assimilação de imigrantes e sertanejos a preocupação do autor em assegurar maior uniformidade cultural, e se sobressai o caráter político das ciências sociais do período em torno da mudança cultural, em que se tratava “de uma sociologia e de uma antropologia que aspiravam a se constituir em bases de pedagogia de transformação do caboclo, do imigrante *acabocado* e de outros atores sociais, de ruptura com o multissecular processo de transmissão cultural” (Lima, 2013, p. 253).

Em 1954, mesmo ano em que defendeu o seu doutoramento em sociologia, apresentando a tese *d’Os parceiros do Rio Bonito*, Cândido apresentou no “XXXI Congresso de Americanistas” o trabalho intitulado “L’état actuel et les problèmes les plus importants des études sur les sociétés rurales du Brésil”. Nesse trabalho, Cândido analisou a produção sobre o rural produzido até então e afirmou:

E nós aqui chegamos finalmente a esses, isto é, aos estudos visando uma forma dominante e sistemática a organização social e a cultura. Nesse domínio, como em outros, a iniciativa deveu-se a Emílio Willems, que foi talvez o primeiro a levar no meio rural uma investigação projetada de acordo com os conceitos e técnicas da antropologia moderna. Ele quis, em sua obra sobre Cunha, aplicar no Brasil os procedimentos em voga pelos antropólogos norte-americanos nos estudos de comunidade.

Sua obra soara nova para nós, pelo chamado decidido à pesquisa de campo e pela visão integrada dos fenômenos culturais, com tudo o que essa atitude comporta de ruptura com o amadorismo e as generalizações fundadas sobre as análises fragmentadas. Deve-se tomar seu estudo da festa do Espírito Santo para compreender até que ponto ele nos liberta do tom jornalístico e de toda a tirania do pitoresco, incorporando os estudos do folclore rural à antropologia e à sociologia.

A influência de Willems não poderia ser mais feliz, no sentido de uma marcha decidida para a pesquisa empírica (Cândido, 1955, p. 325-326, tradução minha).³⁶

Considerando a importância de Willems para a adoção de novos métodos de pesquisa e sua influência para uma “marcha decidida para a pesquisa empírica” [...] (Cândido, 1955, p. 326), principalmente sobre o rural brasileiro, eis que os estudos sobre aculturação levados a cabo pelos antropólogos norte-americanos e empregados aqui ganham mais relevo para pensarmos sobre a consolidação da pesquisa antropológica no Brasil. Segundo Willems, nota-se nos estudos aculturativos desenvolvidos por Herskovits e Linton que “o problema teórico foi desenvolvido em contato estreito com a ‘prática’” e que “felizmente não existe, no caso dos estudos aculturativos, uma tradição embaraçante e acadêmica, de maneira que a teoria pode ser desenvolvida sem entraves históricos e discussão estéril de doutrinas obsoletas, *pari passu* com a pesquisa de campo” (Willems, 1943a, p. 15). Mais uma vez o pesquisador se posiciona a favor de um modelo teórico e prático em que se alinha aos EUA, rejeitando as “doutrinas obsoletas” europeias.

36 No original: “Et nous voilà arrivés finalement à celles-ci, c’est-à-dire, aux études visant d’une façon dominante et systématique l’organisation sociale et la culture. Dans ce domaine, comme ailleurs, l’initiative revient à Emilio Willems, qui fut peut être le premier à mener dans le milieu rural une investigation conçue d’après les concepts et les techniques de l’anthropologie moderne. Il voulut, dans son oeuvre sur *Cunha*, appliquer au Brésil les procédés en vogue parmi les anthropologues nord-américains pour l’étude des communautés. Son oeuvre sonnait neuf chez nous, par l’appel décidé à la recherche sur place et l’aperçu intégratif des phénomènes culturels, avec tout ce que cette attitude comporte de rupture avec l’amateurisme et les généralisations fondées sur des analyses fragmentaires. On n’a qu’à prendre son étude de la fête du Saint-Esprit pour comprendre jusqu’à quel point il nous délivrait du ton journalistique et de toute la tyrannie du pittoresque, en incorporant les études de folk-lore rural à l’anthropologie et à la sociologie”.

Coube a Willems realizar essa ruptura com o amadorismo e as generalizações fundadas sobre análises fragmentárias realizadas anteriormente sobre o campo e impor uma nova forma de trabalho científico. Aqui, a crítica é aos ensaios de interpretação do Brasil vigentes durante a década de 1930 e aos quais os estudos de Willems viriam a se contrapor com suas pesquisas empíricas sistemáticas. Na mesma direção de Cândido, Willems publicara em 1944 que:

É impressionante que no meio de uma verdadeira avalanche de publicações *não haja entre nós um trabalho sequer* que trate do “problema rural brasileiro” com aproveitamento pleno dos recursos da moderna Antropologia cultural. As causas são conhecidas mas não pretendo abordá-las aqui. Basta dizer que sem exame metuculoso nenhum diagnóstico será possível. Não há quem duvide desta verdade, mas haverá muitos que duvidem da necessidade, da utilidade ou mesmo possibilidade de um diagnóstico antropológico (Willems, 2009, p. 20).

A partir dessas afirmações, nota-se, entre outras coisas, uma aproximação com os estudos financiados nos EUA pela Smithsonian Institution, agência responsável pela cooperação entre pesquisadores norte-americanos com instituições latino-americanas. Em um estudo sobre a história da instituição, Figueiredo (2010, p. 245) traz à tona o memorando “Alguns valores práticos da Antropologia”, que defende a “aplicação do conhecimento antropológico de povos, grupos sociais e culturas específicas ao planejamento e à política de intervenção tendo em vista a resolução dos problemas atuais enfrentados pelas sociedades modernas”. Nesse contexto, “a aposta era que os estudos ajudassem a entender como as inovações afetavam a organização social, o sistema cultural e o modo de vida dos grupos atingidos, e pudessem, desta forma, contribuir para a eficácia das intervenções, para o aumento da capacidade de adaptação às mudanças e para a minimização do impacto que essas acarretam” (Figueiredo, 2010, p. 246). Mesmo atribuindo a relação entre a instituição

e a pesquisa no Brasil aos pesquisadores associados Pierson e Kalervo Oberg, a autora não deixa de observar que o projeto também tem ressonância em Willems, sendo uma “tendência ampla que dizia respeito à própria agenda das ciências sociais brasileiras do período e sua conexão com o desenvolvimento” (Figueiredo, 2010, p. 266).

Estudos de comunidade

Inspirado pelo trabalho de Redfield, o primeiro estudo de comunidade realizado no Brasil (Willems, 1948b) também está claramente alinhado com um modelo de pesquisa elaborado na academia norte-americana. Como nos mostra o autor no prefácio do livro, são várias as obras citadas e que “sem ligar às unilateralidades ou resíduos doutrinários porventura existentes nas obras deste ou daquele autor (que o identificariam como membro de uma determinada ‘escola’) o presente trabalho propõe-se investigar uma comunidade rural do Brasil, com os recursos metodológicos que se encontram amplamente empregados” (Willems, 1948b, p. 6). Willems afirmou que não se prende a “escolas”, mas tornou claro, na escolha das obras que serviram de modelo para o estudo, a forte influência da chamada Escola de Chicago, principalmente a partir da orientação de Radcliffe-Brown, que lecionou na Universidade de Chicago de 1931 a 1937 e que entre 1942 e 1944 foi colega de Willems como professor da ELSP. As obras: *Tepoztlan: a Mexican village* (Redfield, 1930), *Chan Kom, a Maya village* (Redfield; Rojas, 1934), *The folk culture of Yucatan* (Redfield, 1941), *St. Denis: a French Canadian parish* (Miner, 1939), *Suye Mura, a Japanese village* (Embree, 1939) e *Acculturation among the Japanese of Kona, Hawaii* (Embree, 1941) são modelos a que o autor confere a existência, em grande medida, à orientação do “mestre de Oxford”, Radcliffe-Brown, no Departamento de Antropologia da Universidade de Chicago. Além disso, é preciso mencionar o impacto das obras de “um dos discípulos mais antigos do antropólogo de Oxford”, W. Lloyd Warner, professor de

antropologia da Universidade de Chicago, autor de *A Black civilization: a social study of an Australian tribe* (Warner, 1937), e organizador da coleção Yankee City Series (cf. Warner, 1941), bem como de seus discípulos que vieram a ocupar cadeiras em diversas universidades americanas, como Conrad Arensberg, em Harvard, autor de *The Irish countryman, an anthropological study* (Arensberg, 1937) e de *Family and community in Ireland* (Arensberg; Kimball, 1940), e também Allison Davis, Burleigh B. Gardner e Mary R. Gardner, autoras de *Deep South, a social anthropological study of caste and class* (Davis; Gardner, 1941). Além desses, em cujas obras a influência da Escola de Chicago aparece de forma clara, ainda é possível ressaltar outros intelectuais e suas obras: Robert e Helen Lynd, autores de *Middletown* (Lynd; Lynd, 1929) e *Middletown in transition* (Lynd; Lynd, 1937), Guy R. Johnson (1930), autor de *Folk culture on St. Helena Island*, Hsiao-Tung Fei (1939), autor de *Peasant life in China: a field study of country life in the Yangtze Valley*, e James West (1945), autor de *Plainville, U. S. A.* Herskovits, além dos já citados estudos sobre aculturação, aparece como referência com os textos *Life in a Haitian valley* (Herskovits, 1937) e *Trinidad village* (Herskovits, 1947). Assim, o autor parecia estar atento à produção antropológica norte-americana, sobretudo aquela do grupo de intelectuais ligado à chamada Escola de Chicago, para realizar esse estudo seminal de uma comunidade brasileira.

Um dos aspectos mais conhecidos da obra de Willems e que gerou uma série de estudos na academia brasileira diz respeito aos polêmicos “estudos de comunidade” no Brasil. Willems, sendo o primeiro pesquisador a empregar esse método no país com seu trabalho sobre Cunha, sofreu diversas críticas ao publicar seu livro e alguns trabalhos recentes apontam para a disputa e crítica em torno desse referencial teórico e modelo de investigação (cf. entre outros Jackson, 2009a; Oliveira; Damasceno, 2009; Oliveira; Maio, 2011).

Como apresentado, Willems foi um leitor da literatura ensaística brasileira e os estudos de comunidade aparecem na bibliografia das ciências

sociais brasileiras como centrais na contraposição a tal literatura. Oliveira e Maio (2011) mostram bem a importância dos estudos de comunidade no desenvolvimento das ciências sociais no país. Ao reconstruírem algumas das questões do debate gerado pelos estudos na academia brasileira, os autores mostram como eles foram lidos como uma superação da literatura ensaística vigente. Partindo do texto de Oracy Nogueira (1955), por exemplo, apresentam que um dos primeiros aspectos da contribuição dos estudos de comunidade seria “caracterizado pelo esforço intelectual de superação da produção sociológica anterior ao processo de institucionalização dessas ciências, considerada conjectural e não científica” (Oliveira; Maio, 2011, p. 534), ou seja, os estudos de comunidade, por sua preocupação com a pesquisa empírica sistemática, apareceriam como um contraponto ao ensaísmo nas ciências sociais brasileiras. Dessa forma:

Os Estudos de Comunidades estão, pois, vinculados a certo momento do desenvolvimento das ciências sociais no país, tendo constituído um esforço de se contrapor e superar trabalhos considerados de caráter ensaístico, em que prevaleciam interpretações gerais sobre a sociedade brasileira (Oliveira; Maio, 2011, p. 531).

O caráter empírico atribuído aos estudos de comunidade, mas que, como enunciado, já estava presente em outros trabalhos de Willems anteriores a *Cunha*, teria dado a tônica dos novos estudos socioantropológicos na década de 1940 e também na década de 1950, substituindo o modelo ensaístico de grandes explicações sobre o Brasil. Segundo Goldwasser (1974, p. 74),

operando uma revisão crítica da tradição acadêmica que os precedia, os Estudos de Comunidade, por seu embasamento empírico, se figuravam então como a alternativa mais legítima para a substituição dos modelos explicativos anteriores, contestados como conjecturais e paracientíficos.

Dessa forma, é possível compreender como os estudos de comunidade iniciados no Brasil por Willems, mas que pulularam³⁷ no final da década de 1940 e 1950, foram importantes na formação de uma geração de intelectuais. Como apontam Oliveira e Damasceno (2009, p. 254), “independentemente da variedade destes estudos”, foram vários os estudos de comunidade realizados nos anos seguintes, sendo o “Projeto do Vale do Rio São Francisco”, coordenado por Pierson, e o “Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Universidade de Columbia”,³⁸ coordenado por Wagley, os mais representativos. “É inegável sua importância na formação dos cientistas sociais brasileiros. É nesta tradição de pesquisa que se formam as primeiras gerações de antropólogos e sociólogos saídos das escolas de graduação e pós-graduação dos cursos de ciências sociais do país” (Oliveira; Damasceno, 2009, p. 254).

No entanto, se a tradição dos estudos de comunidade ajudou a formar uma geração, isso não ocorreu sem críticas ao modelo adotado. A importância da polêmica em torno do uso desse tipo de pesquisa no Brasil é tão forte na bibliografia que, conforme aponta Jackson (2009b), a liderança acadêmica que Willems possuía na década de 1940 começaria

37 Charles Wagley (1954, p. 4) identifica em 1954 que “nos últimos dez anos, mais de 20 estudos de comunidades têm sido realizados tanto por cientistas sociais brasileiros, como por estudiosos estrangeiros dedicados ao assunto no Brasil”. Dentre os estudos citados por Wagley, estão os livros de Willems *Cunha* (Willems, 1948b) e *Buzios Island* (Willems; Mussolini, 1952); o trabalho de Lucila Herrmann (1948) em Guaratinguetá; o estudo de Donald Pierson (1951) sobre Cruz das Almas; e o trabalho do próprio Wagley (1953) em uma comunidade amazônica. Além dessas publicações, outras ainda não publicadas e os dois grandes projetos (o projeto do Vale do São Francisco e o programa Bahia-Columbia) são lembrados pelo autor.

38 Nesse projeto foram realizados os estudos de comunidade: *Vila Recôncavo: a sugar plantation community of the northern coast of Brazil* (Hutchinson, 1952); *Minas Velhas: a study of urbanism in the mountains of Eastern Brazil* (Harris, 1952); entre outros.

a ser abalada a partir da dura crítica a *Cunha* em resenha de Caio Prado Jr. (1948-1949) e que se seguiu entre outros autores, inclusive por alunos de Willems que estiveram presentes no trabalho de campo em Cunha, como Florestan Fernandes e Gioconda Mussolini. Amparando-se principalmente nas resenhas nacionais feitas sobre o estudo de Cunha na época de sua publicação (Franco, 1963; Holanda, 1979; Ianni, 1961; Mussolini, 1955; Nogueira, 1955; Prado Jr., 1948-1949; Wagley, 1954), Jackson (2009a) mostra como as disputas teóricas em torno de tais métodos de pesquisa eram também disputas políticas entre os dois modelos de ciências sociais, o modelo uspiano e o da ELSP. Essas críticas se centrariam no que os autores consideravam ser um empirismo exagerado de *Cunha*, que denotaria uma ausência de preocupações teóricas. Ao analisar as críticas, principalmente as oriundas dos pesquisadores ligados à Universidade de São Paulo em torno dos estudos de comunidade, Jackson (2009a, p. 273) salienta o que seria uma “imbricação profunda entre ciência e política que caracterizou os decênios de institucionalização das ciências sociais em São Paulo”. Assim, a disputa entre as diferentes concepções de ensino e pesquisa da USP e da ELSP, em que o referencial teórico dos estudos de comunidade aparece politizado pelas resenhas críticas que o livro de Willems sofreu, levaria a uma recepção aquém do esperado pelo autor alemão e foi, segundo Jackson, um dos motivos de sua ida para os EUA.

Parece interessante que as críticas ao estudo de comunidade de Willems tenham sido iniciadas por Caio Prado Jr., não só por revelar, como bem apontado por Jackson (2009a), uma clivagem política e teórica, mas por mostrar também uma disputa geracional. Tanto Caio Prado Jr. como Sérgio Buarque de Holanda, que também criticou o trabalho de Willems, são autores associados em grande parte ao ensaísmo brasileiro, ao qual os estudos de comunidade se contrapuseram, tendo sido seguidos em suas críticas pela geração seguinte, que, de alguma forma, esteve ligada aos estudos de comunidade em suas formações acadêmicas. Assim, os estudos de comunidade realizados no Brasil ficaram restritos a uma

geração de pesquisadores, muitos deles associados de alguma forma a projetos institucionais norte-americanos, que sofreram duras críticas tanto da geração anterior de estudiosos, cujos métodos os estudos de comunidade criticavam, como pela geração seguinte de pesquisadores brasileiros formados nas universidades brasileiras e que passaram a se contrapor e a negar a alcunha desses estudos.

No entanto, Luiz Carlos Jackson (2009b, p. 185) lembra que “devemos reconhecer que a maioria dos estudos sociológicos e antropológicos sobre as sociedades rurais,³⁹ realizados depois de *Cunha* e de outros ‘estudos de comunidades’, lhes são diretamente devedores”. Seja pelo esforço de realizar um empreendimento coletivo, em que os pesquisadores formavam equipes de investigação, seja pela sólida base empírica adotada em que o trabalho de campo passaria a dar a tônica das pesquisas, os estudos rurais realizados em São Paulo tiveram em Willems um ponto de inflexão para o desenvolvimento posterior do campo de estudo. Segundo o autor, as pesadas críticas que o estudo de *Cunha* recebeu

restringiram o reconhecimento de seu legado na USP, mas sua continuidade pode ser reconhecida na tradição dos estudos realizados por Gioconda Mussolini, Antônio Cândido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, que desenvolveram criticamente a percepção aguda que Willems teve sobre o papel dos sitiantes pobres no povoamento e na formação da sociedade rural brasileiras (Jackson, 2018, p. 292).

Se nos voltarmos, porém, às resenhas internacionais do livro, a repercussão é outra. Três pesquisadores publicam nos EUA resenhas sobre o livro, para as quais gostaria de chamar a atenção. A primeira dessas resenhas é publicada no primeiro semestre de 1949 na *American Anthropologist*

39 Como nos revela Magnani (1996), os estudos da antropologia urbana em São Paulo também são devedores aos estudos de pequenas comunidades rurais.

e é realizada por Charles Wagley (1949), da Universidade de Columbia. Escreveu Wagley (1949, p. 306, tradução minha):

Talvez o centro de antropologia social mais ativo ao sul do Rio Grande é São Paulo, Brasil. Cientistas e professores como Herbert Baldus, Mário Wagner Vieira da Cunha, Otávio da Costa Eduardo, Kalervo Oberg, Donald Pierson, Egon Schaden, entre outros, estão treinando estudantes, conduzindo pesquisas de campo e escrevendo.⁴⁰

Interessante ressaltar, aqui, que o autor americano que pesquisou no Brasil, publicando o estudo de comunidade *Amazon town* (Wagley, 1953), lista nomes ligados à ELSP como os membros do centro mais ativo no campo da antropologia social em São Paulo. É importante assinalar que Wagley conduziria, alguns anos mais tarde, o “Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia – Universidade de Columbia”, projeto que seria um dos grandes estudos de comunidade realizados no Brasil. Wagley (1949, p. 306, tradução minha) continuou sobre o assunto:

A presente monografia é a obra de uma das principais figuras desse grupo, nomeadamente, Emílio Willems, autor de *A aculturação dos alemães no Brasil e Assimilação e populações marginais no Brasil* (São Paulo, 1940), assim como de numerosos artigos publicados no Brasil e no exterior. O presente volume tem a alta qualidade e a consistência teórica que o trabalho anterior de Willems nos ensinou a esperar. [...] Apesar de algumas falhas, esse estudo acrescenta muito ao nosso conhecimento do Brasil rural, e é um acréscimo bem-vindo a uma longa

40 No original: “Perhaps the most active center south of the Rio Grande in the field of social anthropology is [São] Paulo, Brazil. Scientists and teachers, such as Herbert Baldus, Mario Wagner Vieira da Cunha, Octavio da Costa Eduardo, Kalervo Oberg, Donald Pierson, Egon Schaden, and others, are training students, conducting field research, and writing”.

lista de estudos de comunidades modernas realizados por antropólogos. Também deve ser de considerável valor para os planejadores e administradores no Brasil, assim como para os cientistas sociais interessados no processo de mudança social em geral.⁴¹

É possível assinalar na resenha de Wagley duas colocações importantes para compreendermos o contexto em que os estudos de comunidade se encontravam no Brasil. Em primeiro lugar, Wagley ressalta que o estudo de Willems vem na esteira de uma longa lista de estudos de comunidades modernas realizados por antropólogos. A contribuição de Willems, dessa forma, estaria amparada nessa “longa lista” de estudos, em sua maioria norte-americanos e na qual o próprio Wagley se colocaria. O segundo ponto importante apresentado por Wagley é exatamente o caráter aplicado que os estudos de comunidade teriam. O valor que a obra teria para “planejadores e administradores públicos” mostra como esses estudos tinham como característica o diálogo com o poder público.

Outro pesquisador que resenhou *Cunha* no exterior foi T. Lynn Smith, na *American Sociological Review*. O autor que, como apresentei, foi o responsável por levar Willems para lecionar na Universidade de Vanderbilt, afirmou que:

O Professor Willems fez um uso judicioso e eficiente das modernas técnicas sociológicas e antropológicas na preparação do estudo mais

41 No original: “The present monograph is the work of one of the leading figures of this group, namely, Emilio Willems, the author of *A Acculturação dos Alemães no Brasil* and *Assimilação e Populações Marginais no Brasil* (São Paulo, 1940), as well as numerous articles published in Brazil and elsewhere. The present volume has the high quality and the theoretical awareness which Willems’ earlier work has taught us to expect. [...] Despite a few faults, this study adds much to our knowledge of rural Brazil, and it is a welcome addition to a long list of modern community studies by anthropologists. It should also be of considerable value to social planners and administrators in Brazil as well as to social scientists interested generally in the process of social change”.

profundo, objetivo e interessante de um município brasileiro que chegou ao conhecimento deste revisor (Smith, 1949, p. 693, tradução minha).⁴²

E finaliza nos dando uma interessante pista sobre as percepções das possibilidades de circulação e de impacto de uma obra, dado o contexto e a língua de publicação:

Ele merece ser amplamente lido, tanto no Brasil como em outros países. Em muitos aspectos é lamentável que uma obra tão importante esteja enterrada no “túmulo da língua portuguesa”, e que tantos cientistas sociais nos Estados Unidos ainda desconheçam o considerável corpo de excelente material sociológico e antropológico que se está se acumulando no Brasil (Smith, 1949, p. 694, tradução minha).⁴³

Por fim, Franklin Frazier publicou uma outra resenha na *American Journal of Sociology*, contribuindo para o rol de críticas ao trabalho de Willems e também destacando o problema da limitação na sua circulação em decorrência da língua em que foi escrito:

Este livro [...] é uma importante contribuição para o estudo antropológico e sociológico do impacto da “civilização” sobre a “cultura folk”. Além disso, o número crescente de sociólogos que se interessam pelo problema dos contatos raciais e culturais fora dos Estados Unidos devem considerá-lo (se lerem português) uma contribuição valiosa

42 No original: “Professor Willems has made judicious and efficient use of modern sociological and anthropological techniques in the preparation of the most thorough, objective, and interesting study of a Brazilian *município* that has come to the attention of this reviewer”.

43 No original: “It deserves to be read widely both in Brazil and elsewhere. In many ways it is unfortunate that such an important work is buried in “the tomb of the Portuguese language”, and that so many of the social scientists in the United States are still unaware of the considerable body of excellent sociological and anthropological material which is accumulating in Brazil”.

para o seu conhecimento da situação brasileira (Frazier, 1950, p. 508, tradução minha).⁴⁴

Assim, o estudo de comunidade realizado por Willems teve uma recepção positiva na academia dos EUA. Ao contrário do que ocorreu no Brasil, o texto foi bem-visto nos EUA. As críticas brasileiras se centrariam no que os autores consideravam ser um empirismo exagerado de *Cunha*, que denotaria uma ausência de preocupações teóricas. Além disso, Guerreiro Ramos (1995, p. 105-106) criticou o que seria uma “transplantação literal de medidas adotadas em países plenamente desenvolvidos” e que formulava “interpretações genéricas dos aspectos global e parciais das estruturas nacionais e regionais”. Ou seja, as críticas parecem apontar exatamente para essa aproximação de Willems com os modelos de pesquisa dos EUA.

Followers of the new faith: culture change and the rise of the Protestantism in Brazil and Chile

Em 1967, foi publicado pela Vanderbilt University Press o livro *Followers of the new faith: culture change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile*, de autoria de Emílio Willems (1967a). Suas 290 páginas, mais dez do prefácio e apêndice contendo vinte tabelas e dois mapas, custando à época US\$ 7.50 (ou £ 3.8 na publicação inglesa feita pela editora C. Hurst & Co.), foi o resultado de uma pesquisa realizada entre 1959 e 1960 no Brasil e no Chile em que o autor produziu o que afirmou ser uma tentativa de compreender o surgimento e o desenvolvimento do protestantismo proselitista

44 No original: “This book [...] is an important contribution to the anthropological and sociological study of the impact of ‘civilization’ upon the ‘culture of the folk’. Moreover, the increasing number of sociologists who are becoming interested in the problem of race and culture contacts outside the United States would find it (if they read Portuguese) a valuable contribution to their knowledge of the Brazilian situation”.

dentro do contexto de duas culturas latino-americanas, sendo, como afirmou, um estudo apenas exploratório em seus métodos e resultados. Sobre o novo projeto, recordou Willems (1983, p. 9-10):

Em 1958 resolvi organizar um projeto de pesquisa de maior envergadura. Deparando com congregações protestantes em viagens anteriores e observando formas de comportamento coletivo que se desviavam consideravelmente de padrões costumeiros, decidi ir ao fundo do fenômeno, escolhendo o Brasil e o Chile como área de investigação. Com o auxílio da Fundação Rockefeller e da Comissão Fulbright, passei seis meses no Chile e seis meses no Brasil (1959-1960), colhendo dados e lecionando na Universidade do Chile e na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Reuni o material num livro publicado em 1967 (*Followers of the New Faith*). De acordo com a minha orientação “tradicional”, vi o Protestantismo como processo de mudança cultural, de um passado em que a Igreja católica possuía o monopólio de salvação até o desenvolvimento de um pluralismo religioso cada vez mais diferenciado.

Esse livro teve uma repercussão ampla, sendo um dos textos de Willems mais citados e fonte privilegiada para analisar os estudos sobre religião e mudança cultural de sua autoria, ou seja, para compreender o processo de pesquisa e elaboração do livro, bem como dimensionar a repercussão e crítica na literatura especializada sobre o trabalho do autor, internacionalmente. Foram quase vinte publicações de resenhas do livro produzidas entre 1968 e 1970 nas revistas especializadas dos Estados Unidos, Inglaterra, França e Brasil. Convém anunciar, aqui, que esse livro de Willems jamais foi traduzido no Brasil, fato esse que mostra o processo de “esquecimento” que a obra do autor sofreu no país após sua ida para os EUA.

A publicação, apesar de não ser traduzida para o português, foi uma fonte importante para os estudos sobre protestantismo que se seguiram na academia brasileira. Conforme escreveu Oracy Nogueira (1983, p. 62),

ele “constitui uma importante contribuição ao estudo socioantropológico da religião, campo em que vêm surgindo trabalhos cada vez mais numerosos, no Brasil, tendo o seu como uma das fontes de inspiração teórica e metodológica”. No mesmo sentido vai o trabalho recente de Santiago Filho; em sua tese de doutorado, o autor retoma os estudos de Willems sobre o protestantismo. Segundo ele,

a importância de trazer à tona seus [de Willems] estudos de religião encontra-se no fato de que Willems antecipa diversas discussões e hipóteses que serão o centro do debate nos estudos de religião realizados no Brasil após a década de 70. [...] A tese de que o crescimento do pentecostalismo é concomitante ao crescimento da secularização em nossa sociedade, que a participação política dos pentecostais é uma resposta de sua condição sectária e que uma situação de pluralismo ganha impulso com o crescimento dessa manifestação religiosa, são alguns exemplos de problemas já tratados pelo autor na década de 60. Há, sem dúvida, um projeto pioneiro de estudos sobre o protestantismo e o pentecostalismo iniciado por Willems (Santiago Filho, 2017, p. 94).

O interesse de Willems pelos estudos religiosos já estava presente ao longo de toda a sua obra. No entanto, se em seus textos da década de 1940 o foco na análise da mudança cultural estaria em conceitos como aculturação e assimilação, referências diretas dos estudos norte-americanos, principalmente advindas das obras de Herskovits, de Linton e de Redfield, nos estudos de religião o foco se torna outro, e o método de análise, estrutural-funcionalista. No estudo sobre *Cunha*, Willems “consagra boa parte de sua atenção à descrição da expansão do protestantismo, especialmente do metodismo, pela área rural do município, através da conversão de membros das famílias de sítiantes, integrantes da classe média rural” (Nogueira, 1983, p. 56). Dessa forma, a observação na pesquisa anterior “seria importante para seu estudo posterior sobre o protestantismo no Brasil e no Chile” (Nogueira, 1983, p. 56).

O foco no protestantismo como fator de mudança cultural no Brasil só passou a ser trabalhado sistematicamente em 1954, como revelou Willems (1954b) em carta para Fernando de Azevedo, escrita de Nashville, Tennessee, em 6 de março de 1954. O desenvolvimento do protestantismo no Brasil e no Chile teria ocorrido, segundo o autor, em um período caracterizado por grandes mudanças socioculturais e que a crescente adesão a algumas igrejas e seitas poderia ser interpretada em função dessas mudanças. Para o autor, o desenvolvimento do protestantismo, que se tornaria mais tarde um movimento de massas, teria sido acompanhado de certas mudanças na estrutura social e no sistema de valores das duas sociedades sob escrutínio. Nelas, as maiores concentrações de protestantes seriam encontradas justamente em comunidades e áreas mais drasticamente afetadas por essas mudanças.

Em 7 de abril de 1958, Willems revelou para seu ex-orientador, Fernando de Azevedo, a ideia de sua pesquisa. Ele escreveu:

Estou pensando em ir ao Brasil em 1959 para realizar pesquisas sobre mudança cultural e religião. Como a coleta de dados será demorada e dispendiosa, já comecei a tratar do problema de financiamento. Aqui vai o plano, em linhas gerais:

Vou requerer um “Fullbright Fellowship” do governo americano. [...] É necessário, no entanto, que uma instituição brasileira requeira meus serviços ou, pelo menos, apoie meu pedido. [...] A universidade brasileira não assume responsabilidade financeira de espécie alguma. Não poderei lecionar, pois as pesquisas que pretendo fazer exigirão numerosas viagens. Mas poderia prestar à universidade de S. Paulo o serviço de treinar alunos em trabalhos de campo. Fato é que vou precisar de auxiliares de pesquisa, e estes poderiam ser alunos da Faculdade (Willems, 1958b).

A carta de Willems para Fernando de Azevedo revela algumas questões importantes, como o treinamento de alunos em pesquisa de campo, tal

como já foi citado nos casos da pesquisa de *Cunha* e da aculturação dos japoneses no interior paulista. Na pesquisa de 1959-1960, Willems contou com uma série de assistentes das mais diversas instituições, além de seu filho mais novo, Antenor Willems, que viajou dos EUA com o pai. Um dos nomes de maior destaque foi Fernando Moraga. Willems escreveu no relatório para a Rockefeller que teve muita sorte em contratá-lo no começo da pesquisa. Como professor e membro de uma igreja metodista, Moraga teria sido “um assistente extremamente eficiente e incansável, que recolheu uma grande quantidade de dados, principalmente entre as seitas pentecostais que eram extremamente pouco cooperantes” (Willems, 1960b, p. 1, tradução minha),⁴⁵ e um assistente que se devotou em tempo integral à pesquisa, com entrevistas de membros do clero e obtendo histórias de vida de convertidos ao protestantismo.

Além de Moraga, Willems contou com alunos de graduação do Centro de Estudios Antropológicos da Universidade do Chile, realizando a pesquisa de acordo com as necessidades e oportunidades de cada um. No Brasil, a Escola de Livre Sociologia e Política foi o centro da pesquisa (o professor ofereceu um curso na instituição em 1960, “Estudos Antropológicos da Organização Social”), e alunos de graduação como José Fábio Barbosa da Silva viraram assistentes de pesquisa. No Rio de Janeiro, José Maria Lopes fez parte da equipe, assim como Key Yuasa, aluno de graduação do Seminário Presbiteriano de Campinas. Além disso, Santos Copela,⁴⁶ da Universidade de São Paulo, também colaborou, sendo todos

45 No original: “An extremely efficient and untiring assistant, who gathered a wealth of data, primarily among the extremely uncooperative Pentecostal sects”.

46 Não consegui localizar informações sobre o pesquisador, mas Willems (1960b, p. 3) ressalta que Copela trabalhou durante a pesquisa no estado de São Paulo e entrevistou aproximadamente sessenta pastores e cento e cinquenta estudantes seminaristas.

os assistentes e entrevistadores “cuidadosamente selecionados e trabalhadores muito eficientes” (Willems, 1960b, p. 3, tradução minha).⁴⁷

Além disso, o plano de financiamento de Willems também merece comentários. Não é de hoje que o financiamento de pesquisas no Brasil é escasso. Como já revelava Willems ao mudar do Brasil para os EUA, seus planos não ocorreram da forma prevista. Como revela o autor, em carta de 31 de julho de 1958, após reuniões em Washington:

Acabo de voltar de Washington onde tive uma longa conversa com Trustin Russell. Ele começou por transmitir a intenção da Comissão Fullbright de declinar o meu pedido. Alegam os membros da comissão que os meus contatos com o Brasil foram tão íntimos e prolongados que, interpretando o espírito da lei, preferiam enviar outra pessoa que pudesse fazer uma contribuição inteiramente nova ou pelo menos diferente. Russell disse em seguida que a comissão gostaria de propor-me ir ao Chile (Willems, 1958c).

Dessa forma, surgiu a proposta de fazer um estudo comparativo entre o protestantismo no Brasil e no Chile. Na sua proposta de plano de pesquisa enviada para a Rockefeller, Willems afirmou que entre 1945 e 1958, ao investigar a cultura mestiça na costa de São Paulo e na comunidade de Cunha, teve a oportunidade de observar o impacto do protestantismo proselitista na cultura camponesa brasileira, incorporando algumas dessas observações na monografia sobre Cunha. Além disso, em 1952, o aluno de graduação de Willems na Vanderbilt, John Saunders, foi para o Rio de Janeiro para estudar uma congregação metodista suburbana, cujos resultados foram incorporados no artigo “Protestantism as a factor of cultural change in Brazil” (Willems, 1955).

47 No original: “All assistants and interviewers, having been carefully selected, were eficiente workers”.

Um dos “pareceristas” da proposta de Willems, Charles Wagley, foi fundamental em apoiar o projeto junto à comissão da Rockefeller. Segundo Wagley, Willems era bem treinado, saído da Alemanha para o Brasil com um background sólido, e teria grande aptidão, “agarrando-se a novas ideias” (Rockefeller Foundation, 1959, tradução minha).⁴⁸ Apesar das preocupações com o desenvolvimento lento de algumas pesquisas de Willems, Wagley afirmou que este estava num estágio de sua carreira que lhe permitiria realizar um bom trabalho, sendo a ida do intelectual alemão para a academia norte-americana fundamental por fornecer um ambiente de estímulos competitivos. Nesse aspecto, o próprio Willems parece concordar com os estímulos que a competição na academia americana forneceria para os pesquisadores. Sobre isso, escreveu Willems:

O sistema universitário dos Estados Unidos é, acima de tudo, um sistema competitivo. Sua feição tipicamente americana resulta provavelmente desse fato. Não há governo a estabelecer padrões e normas refletindo o que determinado ministro pensa que deva ser feito em matéria de ensino superior. Os padrões vigentes provêm da emulação incessante das instituições, empenhadas em melhorar suas instalações, seu corpo docente, a qualidade do ensino e da pesquisa. Essa política requer uma administração vigilante, cheia de iniciativa e aberta a ideias novas. Em todas as escolas há uma renovação contínua do corpo docente. Procura-se contratar o professor que apresente o “curriculum vitae” mais promissor. A escola em que obteve seus graus universitários, suas publicações e suas experiências pedagógicas são avaliadas, sempre em confronto com as de seus competidores. Relações pessoais naturalmente ajudam ao candidato bom, mas raramente ao incompetente. Estabilidade no cargo só é concedida ao professor adjunto e ao catedrático, mas sem “concurso de provas”. As exigências da competição livre são tão grandes que o concurso

48 No original: “Latching on to new ideas”.

de provas seria inútil e inconcebível. Muitas universidades fazem sacrifícios consideráveis para atrair professores de renome. Acima de tudo oferece-se a tais professores salário mais alto do que lhes é pago ou oferecido por instituições competidoras. Entende-se que a uniformização de vencimentos seria um golpe de morte na política de elevação do nível das universidades. Assim, cada escola tem sua escala de salários. Esta, no entanto, nunca é rígida, de modo que dois professores catedráticos, por exemplo, podem ganhar vencimentos bastante diferentes. Se bem que isso leve, às vezes, a rivalidades e descontentamentos, o sistema não é considerado injusto. Rivalidades e descontentamentos são partes integrantes do sistema em que se encaram, antes de mais nada, as oportunidades de ascensão profissional e econômica. Evidentemente, esse princípio competitivo não poderia funcionar como funciona se a estrutura da sociedade norte-americana não fosse concebida em termos competitivos. Não há o perigo de uma instituição universitária converter-se em “árvore de Natal” decorada com nulidades “efetivas” (Willems, 1953a, p. 260).

Juntando-se a isso o conhecimento de Willems com os anos vividos no Brasil, esses fatores o colocariam na posição de realizar as questões certas.⁴⁹ Dessa forma, os laços prolongados do autor com o Brasil, ao invés de serem um problema para a pesquisa deveriam ser vistos como uma vantagem. Com o respaldo de Wagley, Montague Yudelman, diretor assistente de ciências sociais da Rockefeller, aceitou o projeto de Willems, interessando-se pela pesquisa.

49 Segundo os relatórios da Fundação Rockefeller, o parecer de Wagley afirmou que “os dezenove anos de Emílio Willems no Brasil vão certamente colocá-lo na posição de fazer as perguntas certas”, e continua: “Há uma gama muito interessante de questões que seriam abordadas em qualquer estudo como o proposto por EW” (tradução minha). No original: “EW’s nineteen years in Brazil will certainly put him in a position to ask the right questions”. [...] “there is a very interesting range of issues that would be covered in any study such as that proposed by EW” (Rockefeller Foundation, 1959).

Como resultado da pesquisa, além do livro em questão foram publicados: “Protestantismus und Klassenstruktur in Chile” (Willems, 1960a), “Protestantismus und Kulturwandel in Brasilien und Chile” (Willems, 1963), “Religiöser Pluralismus und Klassenstruktur in Brasilien und Chile” (Willems, 1965b), “Validation of authority in Pentecostal sects of Brazil and Chile” (Willems, 1967b), os capítulos de livro “Protestantism and culture change in Brazil and Chile” (Willems, 1964a) e “Religious mass movements and social change in Brazil” (Willems, 1966).

Convém lembrar, também, a influência católica em sua formação. Conforme exposto na primeira parte deste livro, a família de Willems tinha um forte tom católico e puritano e era intransigente em relação a isso, assim como a educação que recebeu das escolas alemãs no início do século XX. A região alemã de Niehl, cidade natal do então Emil Willems nos arredores de Colônia e que contava com 4000 habitantes em 1905, era composta majoritariamente por católicos. Além disso, sua vinda ao Brasil foi precisamente para lecionar latim e grego em um colégio católico em Brusque. No entanto, como exposto, Hilda, esposa de Willems e grande paixão desde os tempos em que ainda viviam na Alemanha, era protestante, fato esse que criara problemas na aceitação do relacionamento por parte das famílias.

Durante o ano de 1968, Emílio Willems escreveu seis cartas que estão no Fundo Florestan Fernandes. Nessas cartas, transparece uma preocupação central de Willems à época, que era a publicação, em português, de seu livro produzido na Vanderbilt University Press, *Followers of the new faith: cultural change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile* (Willems, 1967a). A respeito dessa obra, Florestan Fernandes apareceu, a pedido de Willems, como o interlocutor com as editoras brasileiras para publicar uma versão em português. Nessas cartas, é possível acompanhar o trabalho e as dificuldades encontradas em arrumar uma editora para sua publicação, bem como as diversas negociações para tanto. Sobre a publicação, escreveu Willems (1968b): “Um fator importante a

considerar é o prazo que a editora brasileira quer a partir da entrega do manuscrito traduzido até o lançamento do livro. Não quero que a edição brasileira seja uma obra póstuma minha. Não é que pretenda morrer já, mas também não sou tão jovem assim”. Mais de cinquenta anos já se passaram desde a publicação em inglês e o envio da carta e, no entanto, a publicação brasileira da obra ainda não aconteceu.

Influências e legados

Para um estudante de antropologia de hoje, os conceitos utilizados nos anos 1940-1950 na antropologia brasileira parecem saídos de um mundo de ficção científica. A antropologia física que consistia em metade das obrigações didáticas de Willems foi abandonada na formação dos antropólogos após as reformas das pós-graduações a partir da década de 1970, e sua herdeira, a antropologia biológica, voltou para as ciências médicas. Da mesma forma, a utilização da maioria dos conceitos empregados por Willems soam estranhos para a antropologia de hoje e há muito já caíram em desuso na teoria antropológica. “Assimilação”, “aculturação” foram substituídos. Os estudos de comunidade se tornaram uma nota nos estudos sobre o desenvolvimento das ciências sociais brasileiras.

Ao percorrermos a trajetória intelectual de Willems podemos entender melhor a afirmação de seu ex-aluno João Baptista Borges Pereira de que “Willems embarcava em vanguardas”. Willems estava atento às mais recentes teorias antropológicas do período e realizou pesquisas em diversas vertentes teóricas. Ao explorar os diversos conceitos e noções que o pesquisador utilizou ao longo de sua carreira, vemos como, ao explorar essas diversas correntes das ciências sociais, Willems produziu um repertório que marcou uma época do desenvolvimento da antropologia e das ciências sociais de forma geral no país. Afinal, como apontei ao longo do livro, se os conceitos utilizados por Willems parecem não ter mais lugar na produção científica dos nossos dias, suas pesquisas foram

fundamentais e marcadas por seu pioneirismo no país, sendo uma etapa decisiva para as pesquisas subsequentes.

Apesar do seu reconhecido legado, o nome de Willems aparece de forma dúbia na bibliografia. Ao mesmo tempo que é reconhecido, suas contribuições parecem ter caído em desuso. Mariza Corrêa descreveu bem esse processo. Segundo ela, apesar de Willems, assim como Donald Pierson, ter sido professor de boa parte da geração seguinte de sociólogos e antropólogos brasileiros, convívio com os outros estrangeiros que estiveram aqui na mesma época e com os cientistas sociais brasileiros de sua geração, sua contribuição à docência e à pesquisa, apesar de não ser subestimada, tampouco é conhecida em detalhes (Corrêa, 2013, p. 33). Nesse livro de Corrêa, a autora publica um pequeno relato autobiográfico de Willems em que o professor perpassa as principais lembranças sobre sua passagem no ensino superior no Brasil.

Um bom exemplo desse lugar dúbio de Willems é a entrevista concedida por Florestan Fernandes – aluno de Willems nas instituições paulistas na década de 1940 – em 1981 no Museu da Imagem e do Som e publicada em 1995 na revista *Novos Estudos Cebrap*. Afirmou o professor Fernandes (1995, p. 12): “Hoje ninguém lembra mais do Willem [sic], numa classe o estudante não sabe quem foi o Willem. No Brasil a pessoa morre enquanto está viva, ninguém manda o atestado de óbito para a família”. A fala de Florestan Fernandes apresenta uma questão importante que a publicação da entrevista parece comprovar: a grafia incorreta do nome de Emílio Willems ao longo de toda a publicação mostra que, em grande parte, mesmo com sua passagem de dezoito anos pelo Brasil, sua obra e atuação no e sobre o Brasil é pouco conhecida, e o professor parece ter passado por um processo de esquecimento a partir de sua ida para os EUA em 1949.

Uma das autoras que mais ajudou a divulgar a importância de Willems foi Gláucia Villas Bôas. Interessada na influência da sociologia alemã no Brasil e tendo a biografia escrita por Willems para Oracy Nogueira como

base, Villas Bôas (2000, 2006) mostrou a importância de Willems para estabelecer no Brasil uma sociologia alemã.

A autobiografia escrita para Oracy Nogueira e o texto escrito por Nogueira para a coleção *Grandes Cientistas Sociais* é uma importante fonte sobre Willems. Sobre a história dessa publicação, o leitor pode consultar o trabalho apresentado por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2008) e o manuscrito do livro redigido por Nogueira (1983) e nunca publicado que se encontra no acervo da Fiocruz.

Luiz Carlos Jackson é outro autor que tem uma produção relevante sobre o nome de Willems. O sociólogo mostrou como a polêmica dos estudos de comunidade se centraram numa dicotomia política entre ELSP e USP e afirma a importância dos trabalhos sobre o mundo rural de Willems para as pesquisas que se seguiriam.

Os pesquisadores interessados nos trabalhos sobre imigração também têm nas pesquisas de Willems um material fértil para seus estudos. Apesar do referencial teórico ter mudado, como demonstrado ao longo do texto, os dados coletados por Willems sobre a imigração germânica e japonesa no país continuam sendo usados atualmente. Da mesma forma, os estudos de Willems sobre o crescimento do protestantismo no Brasil fornecem para os antropólogos da religião insights de um tema que tem atraído cada vez mais interesse para se compreender o país atualmente.

Por fim, o leitor pode consultar minha dissertação defendida em 2020 sob o título *Antropologia entre três mundos: Emilio Willems e a institucionalização da antropologia brasileira* no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Alves Pinto, 2020). O que era para ser uma pesquisa sobre os estudos rurais de Emílio Willems e sua importância para esse campo de estudos na institucionalização da antropologia brasileira acabou se tornando uma pesquisa sobre a trajetória intelectual de Willems. Em primeiro lugar porque queria mostrar que a contribuição do professor para a antropologia no país era muito maior do que por ter sido o primeiro a realizar por aqui

os chamados “estudos de comunidade”. Em segundo, porque ao apresentar a minha pesquisa que se iniciava, sentia que eram raros aqueles que sabiam do papel institucional de Willems, desconhecendo inclusive os seus estudos de comunidade. Nela, estruturei a trajetória de Willems nos três principais países (Alemanha, Brasil e EUA) e mostro as ressonâncias que a academia de cada um deles teve sobre a obra do autor. Caso o leitor queira se aprofundar na trajetória de Willems, lá tem um material mais completo. Além disso, perpasso na conclusão sobre os relatos autobiográficos escritos por Willems – o pequeno texto escrito para Mariza Corrêa (2013); o relato enviado para Oracy Nogueira (Willems, 1983); e o que chamo de sua autobiografia familiar inédita (Willems, 1993) – três das principais fontes de pesquisa do trabalho.

Dessa forma, espero que este livro possa iluminar para novos alunos a importância que o antropólogo teve na academia brasileira e incentivar novas abordagens sobre suas pesquisas. Considerando que minha dissertação sobre a trajetória do antropólogo também se tornou uma reflexão sobre o esquecimento de sua contribuição, pretendi apresentar aqui o percurso do professor Emílio Willems para o público brasileiro. Assim, se recentemente Mário Eufrazio (2020, p. 191-192) apontou que apesar de alguns textos de Willems terem sido republicados, “até agora ninguém se dispôs a retomar de modo aprofundado e detalhado a análise da obra de Willems, pelo menos nas duas décadas que ele passou entre nós – para não dizer no seu conjunto”, espero que o esforço aqui despendido ajude nessa empreitada.

Notas biográficas

ALFRED VIERKANDT (1867-1953) foi um cientista social alemão, tendo atuado nas áreas de sociologia, etnografia e psicologia social. Desde 1913 foi professor de sociologia na Universidade de Berlim até se aposentar em 1934.

AMADEU JOSÉ DUARTE LANNA (1933-2020) foi aluno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tendo se formado em 1955. Realizou seu mestrado na FFCL sob orientação de Gioconda Mussolini com a dissertação *Aspectos econômicos da organização social dos Suyá*, em 1966, e o doutorado com a tese *Economia e sociedades tribais no Brasil: uma contribuição ao estudo das estruturas de troca*, em 1973, na agora FFLCH-USP e orientado por Eunice Durham. Assumiu no mesmo ano o cargo de professor assistente doutor de antropologia na USP. Também lecionou na Unesp de Marília (SP).

ANTENOR ROMANO BARRETO (1891-1982) foi professor do Instituto de Educação Caetano de Campos, que seria incorporado à Universidade de São Paulo. Foi professor de sociologia do “Colégio Universitário da Faculdade de Direito da USP. Participou de diversos projetos educacionais, dentre elas a criação da revista *Sociologia* e da enciclopédia *Leituras sociológicas* (Willems; Barreto, 1940), ambas em coautoria com Willems.

ANTÔNIO CÂNDIDO DE MELO E SOUSA (1918-2017) foi um crítico literário e sociólogo brasileiro formado na FFCL-USP. De 1939 a 1942 cursou Ciências Sociais e em 1942 se tornou assistente de Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia II. Em 1954 doutorou-se em sociologia com a tese *Os parceiros do Rio Bonito*, passando, na década de 1950, a se dedicar ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada.

ANTÔNIO DE SAMPAIO DORIA (1883-1964) foi um jurista brasileiro que assumiu as cátedras de direito constitucional e, posteriormente, de direito internacional privado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Além de sua atuação jurídica, se empenhou na administração escolar, sendo diretor-geral da Instrução Pública do estado de São Paulo em 1920 e autor de livros sobre a questão educacional brasileira.

ARTHUR RAMOS (1903-1949) foi professor de psicologia social na Universidade do Distrito Federal e professor de antropologia e etnologia na Faculdade Nacional de Filosofia a partir do decreto federal que instituiu os cursos de antropologia no currículo das faculdades de filosofia.

CARLOS BORGES SCHMIDT (1908-1980) era formado em engenharia agrônoma, tendo assumido em 1941 o cargo de diretor de Publicidade Agrícola do estado de São Paulo, instituição esta que publicou diversos textos de Willems. Trabalhou principalmente sobre a evolução das técnicas agrícolas no interior e litoral de São Paulo.

CHARLES WAGLEY (1913-1991) foi um antropólogo norte-americano que esteve no Brasil na década de 1940. Entre seus trabalhos mais importantes se encontra o estudo de comunidade de 1953, *Amazon town: a study of man in the tropics* (Wagley, 1953).

DONALD PIERSON (1900-1995) foi um sociólogo norte-americano formado na Universidade de Chicago. Em 1939 foi convidado para lecionar na Escola Livre de Sociologia e Política, onde se tornou diretor do Departamento de Sociologia e Antropologia. Sobre a trajetória de Pierson, ver Oliveira (2012).

EDWARD FRANKLIN FRAZIER (1894-1962) foi um sociólogo norte-americano, professor de sociologia na Universidade Howard desde 1934. Em 1931, realizou o seu doutorado na Universidade de Chicago e lecionou na Universidade de Fisk de 1929 e 1934. Negro, realizou estudos sobre as relações raciais nos EUA que receberam grande reconhecimento.

EGON SCHADEN (1913-1991) nasceu em São Bonifácio, estado de Santa Catarina, em 4 de julho de 1913. Em 1933, após realizar os estudos primários em Santa Catarina, migrou para São Paulo, onde cursou a Faculdade Paulista de Letras e Filosofia (instituição essa que teve uma curta existência), e em 1935 ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da recém-criada Universidade de São Paulo (FFCL-USP). Licenciando-se em filosofia em 1937 e em 1941 no curso de Didática da mesma faculdade, ingressou no doutorado em antropologia em 1943 sob orientação de Emílio Willems, sendo o primeiro a obter o título da instituição em 1945 com a tese *Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heroica de algumas tribos indígenas do Brasil*. Em 1949, com o afastamento de Willems, que fora convidado para atuar no Instituto de Estudos Brasileiros na Universidade de Vanderbilt, Schaden passou a exercer a função de professor em caráter temporário da recém-criada cadeira de Antropologia, tendo sido aprovado em concurso de livre-docência em 1953 com a tese *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*, mesmo ano em que fundou a *Revista de Antropologia*. Somente em 1965 passou ao provimento efetivo da cadeira de Antropologia; em 1967, Schaden foi aposentado da instituição.

EMIL DOVIFAT (1890-1969) foi um jornalista alemão nomeado professor extraordinário de ciência de jornais e jornalismo geral na Universidade de Berlim em 1926. Trabalhou para o Ministério da Propaganda nazista e fundou e colaborou com diversos jornais germânicos.

EUNICE RIBEIRO DURHAM (1932-2022) se formou em ciências sociais em 1954 na USP, mesma instituição na qual realizou o mestrado (1964) e o doutorado (1967). Foi professora assistente de Antropologia na FFCL e professora titular de antropologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP até sua aposentadoria.

FERDINAND TÖNNIES (1855-1936) foi um sociólogo alemão, formado na Universidade de Kiel, onde tornou-se livre-docente em 1881, e foi professor de ciência política e de sociologia na mesma instituição. Segundo Willems (1950a, p. 147), “a sua obra principal, *Comunidade e sociedade*, publicada em 1887, não despertou interesse no começo, mas tornou-se, neste século, de importância fundamental para o desenvolvimento da sociologia na Alemanha. Foi sobretudo a concepção de comunidade que exerceu profunda influência sobre a maioria dos sociólogos contemporâneos [...]”.

FERNANDO DE AZEVEDO (1894-1974) foi um sociólogo e educador brasileiro, orientador de Willems na tese de livre-docência em sociologia da educação e o responsável por indicar o professor alemão para lecionar antropologia na USP. Entre o vasto currículo de educador e sociólogo, Azevedo foi professor de sociologia no Instituto Caetano de Campos e, mais tarde, no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo. Foi também professor de sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e o responsável por reformas educacionais no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde assumiu a Secretaria de Educação.

FLORESTAN FERNANDES (1920-1995) foi um dos mais conhecidos sociólogos brasileiros. Em 1941 Fernandes ingressou no curso de Ciências Sociais da FFCL-USP onde, em 1945, tornou-se professor assistente na cadeira de Sociologia II. Em 1947, defendeu o seu mestrado *A organização social dos Tupinambá* sob a orientação de Herber Baldus na Escola Livre de Sociologia e Política e em 1951 o doutorado na FFCL-USP com a tese *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. Em 1953 tornou-se livre-docente e assumiu em caráter temporário a cadeira de Sociologia da FFCL, na qual desenvolveu grande parte de sua carreira como docente. Em 1964, obteve o título de professor titular, posição na qual permaneceu até ser afastado pelo regime militar em 1969. A partir de sua aposentadoria compulsória foi professor na Universidade de Columbia e na Universidade de Toronto, até retornar para o Brasil.

FRANZ VIKTOR WERFEL (1890-1945) foi um escritor austríaco que teve destaque enquanto poeta expressionista, dramaturgo e romancista.

GIOCONDA MUSSOLINI (1913-1969) foi aluna do Instituto de Educação e, posteriormente, da FFCL. Realizou o mestrado na ELSP e tornou-se professora assistente de Antropologia na USP. Realizou pesquisas de campo com Willems em Cunha, mas foi no litoral paulista que realizou a maior parte de seus estudos. Sobre a trajetória da professora Gioconda Mussolini, ver Ciacchi (2015).

GLEB VASSIELIEVICH WATAGHIN (1899-1986) foi um físico experimental de origem russa, um dos professores estrangeiros contratados para lecionar na Universidade de São Paulo no período de sua criação.

HANS FREYER (1887-1969) foi um sociólogo alemão e professor das universidades de Kiel e de Leipzig.

HEINRICH HERKNER (1863-1932) foi um economista alemão, professor de diversas universidades europeias. Entre 1913 e 1932, foi professor da Universidade Friedrich Wilhelms (hoje Universidade Humboldt) de Berlim.

HERBERT BALDUS (1899-1970) foi um etnólogo alemão formado em Berlim em 1928. Em 1933, realizou uma expedição etnológica no Brasil, onde permaneceu devido à ascensão do nacional-socialismo alemão. Em 1939, juntamente com Willems, tornou-se professor da ELSP em São Paulo, tendo publicado com ele o *Dicionário de etnologia e sociologia* (Baldus; Willems, 1939). Sobre a trajetória de Baldus, ver Passador (2002).

HIROSHI SAITO (1919-1983) foi um sociólogo de origem japonesa, especialista no estudo da imigração japonesa no Brasil. Foi aluno de Willems na ELSP, instituição na qual se tornou professor. Sobre a atuação de Saito, ver Fantin (2017).

JOSÉ FÁBIO BARBOSA DA SILVA (1934-) realizou o mestrado na ELSP em 1959, defendendo uma dissertação *Homossexualismo em São Paulo: estudo de grupo minoritário*. Lecionou na Universidade de Notre Dame, EUA, onde tornou-se professor emérito.

KALERVO OBERG (1901-1973) foi o chefe da Missão Técnica do Instituto de Assuntos Interamericanos (IAIA) no Brasil, sendo posteriormente incorporado aos quadros da Internacional Cooperation Administration e depois da United States Operations Missions (USOM), permanecendo, segundo Figueiredo (2010), envolvido com programas de desenvolvimento no Brasil e em outros países ao longo da década de 1950.

KARL DUNKMANN (1868-1932) foi um sociólogo alemão. Em 1924 fundou o Instituto de Sociologia Aplicada em Berlim e em 1928 a revista de sociologia aplicada *Archiv für angewandte Soziologie*, periódico que dirigiu até seu falecimento em 1932. Foi também professor na Universidade Técnica de Berlim.

KARL MANNHEIM (1893-1947) foi um filósofo social e sociólogo de origem húngara, professor da Universidade de Frankfurt de 1929 a 1933 e, a partir de 1945, da Universidade de Londres. Segundo o próprio Willems (1950a, p. 97), Mannheim “fez contribuições decisivas para o desenvolvimento da Sociologia do conhecimento”.

KEY YUASA (1936-2021) tornou-se pastor da Igreja Evangélica Holiness do Brasil. Realizou o doutorado em teologia na Universidade de Genebra sobre a Congregação Cristã no Brasil.

LEOPOLD MAX WALTHER VON WIESE UND KAISERSWALDAU (1876-1969) foi um sociólogo alemão, tendo uma atuação importante frente à Universidade de Colônia. Desde 1919 até a ascensão do nazismo foi professor de sociologia ali e esteve à frente da revista da universidade. Foi presidente da Sociedade Alemã de Sociologia até 1933.

MÁRIO WAGNER VIEIRA DA CUNHA (1912-2003) foi antropólogo e frequentou as aulas da FFCL e da ELSP durante a década de 1930, tendo sido professor assistente em diversos cursos da FFCL. Entre 1941 e 1944, estudou antropologia na Universidade de Chicago. Ao retornar, lecionou na ELSP e foi o primeiro diretor do Instituto de Administração da USP, onde se tornou catedrático de Ciência da Administração.

PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA (1895-1961) foi o primeiro professor da disciplina de Etnografia e Língua Tupi-Guarani na Universidade de São Paulo. Essa disciplina era independente da de Antropologia e só foram unificadas após o falecimento do professor. Formado em engenharia, passou a se interessar por etimologia de nomes de origem tupi na década de 1930 e foi contratado pela Universidade de São Paulo para lecionar desde a sua fundação, tornando-se catedrático em 1939.

RAINER MARIA RILKE (1875-1926) foi um poeta austríaco que se tornou um nome importante na literatura germânica na virada do século. O autor também fez sucesso no Brasil, tendo diversos textos traduzidos por nomes de peso como Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Augusto de Campos.

RALPH LINTON (1893-1953) foi professor de antropologia nas universidades de Wisconsin (1928-1937) e Columbia (Nova York) e diretor do Departamento de Antropologia da mesma universidade (1937-1946) até se tornar professor de antropologia de Yale em 1946. De 1939 a 1944, dirigiu a revista *American Anthropologist*.

RENÉ KÖNIG (1906-1992) foi um sociólogo alemão, doutorando no mesmo período em que Willems estudava em Berlim. Após obter o PhD, emigrou para a Suíça, fugindo do nacional-socialismo. A partir de 1949, assumiu a cadeira de Sociologia da Universidade de Colônia após o falecimento de von Wiese e se tornou um dos nomes mais importantes da sociologia da cidade, sendo o responsável pela publicação da revista *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*.

ROBERT REDFIELD (1897-1958) foi um antropólogo norte-americano, professor na Universidade de Chicago a partir de 1927. Realizou pesquisas de comunidade no México sendo um dos antropólogos mais conceituados da Escola de Chicago.

ROGER BASTIDE (1898-1974) foi um sociólogo francês que esteve presente na missão francesa que fez parte da criação da Universidade de São Paulo. Desde 1938 foi professor catedrático de Sociologia II na FFCL e especialista em religiões afro-brasileiras, sociologia da moda, entre outros temas de interesse sociológico. Sobre a obra de Bastide, ver Peixoto (2000).

ROLDÃO LOPES BARROS (1884-1951) foi um importante educador paulista, fazendo parte da elaboração do manifesto à educação de 1932 (cf. Costa, 2007). Foi o primeiro professor titular da cadeira de História e Filosofia da Educação, cargo que ocupou até sua aposentadoria.

RUTH VILAÇA CORREIA LEITE CARDOSO (1930-2008) foi uma antropóloga formada na FFCL da USP, em ciências sociais em 1951. Fez o mestrado em sociologia em 1959 com a dissertação *O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses* e o doutorado em 1972 com a tese *Estrutura familiar e mobilidade social* na mesma instituição. A professora Ruth Cardoso compartilha suas lembranças de seus tempos iniciais na FFCL da USP em entrevista concedida à Mariza Corrêa (2013, p. 333-400).

THEODOR JULIUS GEIGER (1891-1952) foi um sociólogo alemão, especialista em sociologia do direito, estratificação social e mobilidade social. Foi o primeiro professor de sociologia da Dinamarca, na Universidade de Aarhus. Willems descreve Geiger como o autor de diversos livros altamente originais.

THOMAS LYNN SMITH (1903-1976) foi um sociólogo norte-americano. Foi professor de sociologia na Universidade de Louisiana em 1931 e em 1937 se tornou o diretor do Departamento de Sociologia da mesma universidade. Especialista em sociologia rural, fez diversas viagens ao Brasil e publicou o livro *Brazil: people and its institutions* (Smith, 1946). Como desenvolveu mais adiante, Lynn Smith se transferiu em 1948 para a Universidade de Vanderbilt e foi o responsável pelo convite a Willems para se juntar àquela instituição. Lynn Smith retorna para a Universidade da Flórida, onde realizou parte de sua formação, em 1949. Sobre o autor, ver Lopes e Maio (2017).

WERNER SOMBART (1863-1941) foi um sociólogo e economista alemão. Doutor em 1888 pela Universidade de Berlim, foi influenciado por Weber e Marx. Em 1917, tornou-se professor em ciências político-econômicas na Universidade de Berlim. Para mais informações, ver Nogueira (2004).

Produção bibliográfica de Emílio Willems (segundo sua autobiografia *My life in three worlds*)

Livros

1. *Elementos de Historia Geral da Economia*. Porto Alegre, Edições da Livraria do Globo, 1936.
2. *Mobilidade e Flutuação das Profissões e O Problema Educacional no Brasil*. Tese de Concurso. São Paulo, 1937.
3. *Aspectos da Aculturação dos Japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1948.
4. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940.
5. *Leituras Sociológicas* [com Romano Barreto]. São Paulo, Edições da Revista Sociologia, 1940.
6. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1946.
7. *Dicionário de Sociologia*. Porto Alegre, Editora Globo, 1950.
8. *Buzios Island. A Caiçara Community in Southern Brazil* [com Gioconda Mussolini]. Monograph of the American Ethnological Society XX. New York, J. J. Augustin Publisher, 1952.
9. *Uma Vila Brasileira: Tradição e Transição*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
10. *Dictionaire de Sociologie*. Adaptation by Armand Cuvillier. Paris, Librairie Marcel Rivière, 1961.
11. *Antropologia Social*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.
12. *Followers of the New Faith: Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile*. Nashville, Vanderbilt University Press, 1961.

13. *Latin American Culture. An Anthropological Synthesis*. New York: Harper & Row Publishers, 1975.

14. *Der preussisch-deutsche Militarismus im sozialen Wandel*. Cologne: Verlag Wissenschaft und Politik, 1984.

15. *A Way of Life and Death, Three Centuries of Prussian-German Militarism. An Anthropological Approach*. Revised Edition. Nashville: Vanderbilt University Press, 1986.

Panfletos

1. *Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen*. Köln, 1930.

2. *O Problema Rural Brasileiro do Ponto de Vista Antropológico*. São Paulo, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1944.

3. *Brasil. Período Indígena*. Comisión de História, Instituto Panamericano de Geografía y História. México, 1953.

4. *A Família portuguesa contemporânea*. São Paulo, 1955, separata de *Sociologia*, XVII, 1, 1955.

5. *El cambio cultural dirigido*. Bogotá, Facultad de Sociología. Universidad Nacional de Colombia, 1963.

Artigos e capítulos de livros

1. "Fragen einer Soziologie des Theaters". *Die Tribüne*, II, 161-167, Dez. 1930.

1a. "Öffentliche Meinung als Urteil des Kollektivsubjektes". *Zeitungswissenschaft*, Vol. 6, No. 4, Berlin, 15. Juli 1931.

2. "Essai über den Snobismus". *Archiv für angewandte Soziologie*, II, 3, 1929.

3. "Die Bekanntschaft". *Kölner Vierteljahrhefte für Soziologie*, VIII: 399-406, 1930.

4. "Der deutsche Arztstand als Sozialgebilde". *Archiv für angewandte Soziologie*, IV: 94-120, 1932.

5. "Essai sur le Problème de la Colonisation au Brésil". *Revue Internationale de Sociologie*, année 42, p. 359-369, juillet-aôut 1934.

6. "Opinião pública e Imprensa". *Revista do Arquivo Municipal*, XXXV, p. 87-100, 1937.

7. "Peneiramento e Seleção". *Revista do Arquivo Municipal*, LII, p. 233-242, 1938.
8. "Posição Social e Educação dos Imaturos entre Povos Naturais". *Revista do Arquivo Municipal*, 49. pp. 5-34, 1938.
9. "Comunidade com Mortos". *Revista do Arquivo Municipal*, 50. pp. 71-84, 1938.
10. "Ensaio sobre a Diferenciação dos Processos de Seleção e Eliminação na População de São Paulo". *Revista do Arquivo Municipal*, LXVI, pp. 89-96, 1940.
11. "Assimilation of German Immigrants in Brazil". *Sociology and Social Research*, XXV, pp. 123-135, 1940.
12. "Problemas de uma Sociologia do Peneiramento". *Revista do Arquivo Municipal*, LXXV, pp. 5-63, 1941.
13. "Casas e túmulos de japoneses no Vale da Ribeira de Iguape" [com Herbert Baldus]. *Revista do Arquivo Municipal*. LXXVII, pp. 121-136, 1941.
14. "Procesos de Culturalización Linguística entre Poblaciones Brasileñas de Origen Germanico". *Revista Mexicana de Sociología*, III, pp. 35-45, 1941.
15. "Recreação e Assimilação". *Sociologia*, III, p. 302-310, outubro 1941.
16. "Subsidios bibliográficos para uma Sociologia da Guerra". *Sociologia*, III, pp. 227-233, agosto 1941.
17. "O Desnívelamento Econômico como Fator de Aculturação". *Revista de Imigração e Colonização*, II, pp. 700-811, abril-julho 1941.
18. "Cultural Change Among Japanese Immigrants in Brasil" [com Herbert Baldus]. *Sociology and Social Research*, XXVI, pp. 525-537, July-August 1942.
19. "Some Aspects of Cultural Conflict and Acculturation in Southern Rural Brazil". *Rural Sociology*, 7, p. 375-384, December 1942.
20. "A Emancipação Econômica Das Colônias Germânicas no Brasil". *Revista de Imigração e Colonização*, III: 71-88, Abril 1942.
21. "Linguistic Changes in German-Brazilian Communities". *Acta Americana*, I: 448-463, Oct. - December 1943.
22. "Alguns Trabalhos Recentes Sôbre Aculturação". *Boletim Bibliográfico*, I: 13-19, oct., nov., dezembro 1943.
23. "Acculturation and the Horse Complex Among German-Brazilians". *American Anthropologist*, 46: 153-61, April-June 1944.

24. "Alguns Aspectos Ecológicos da Colonização Germânica no Brasil". *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, No. 4.
25. "O Estado Atual dos Estudos Antropológicos e Sociológicos Sobre a Educação". *Boletim Bibliográfico*, II: 7-16, janeiro, fevereiro, março 1944.
26. "Assimilación y Aculturación". *Revista Mexicana de Sociología*, VI, No. 3, 293-314, septiembre-diciembre 1944.
27. "Assimilação e Educacao". *Revista Brasileira de Estudos Pedagogicos*, IV, 3-11, maio 1945.
28. "Burocracia Patrimonialismo". *Administração Pública*, III, No. 3, 3-8, setembro 1945.
29. "Problemas de Aculturação no Brasil Meridional". *Acta Americana*, III, No. 3, 145-151, July-September, 1945.
30. "Sexo e Familia en Las Comunidades Teuto-Brasileñas". *Revista Mexicana de Sociología*, VII, No. 3, 371-399, septiembre-diciembre 1945.
31. "Imigração e Imperialismo". *Digesto Econômico*, II, 81-86, dezembro 1945.
32. "Imigração e Organização Economica". *Digesto Econômico*, I, 41-44, abril 1945.
33. "Consumo Simbólico". *Digesto Econômico*, I, 68-72, setembro 1945.
34. "A Assimilação dos Judeus". *Sociologia*, VII, 54-67, No. 1-2, 1945.
35. "Stature of South American Indians" [com Egon Schaden]. *American Anthropologist*, 47: 469-70, July-September 1945.
36. "Alguns Estudos Recentes de Antropologia Fisica". *Boletim Bibliográfico*, VI: 23-45, janeiro, fevereiro, março 1945.
37. "El Problema Rural Brasileño Desde el Punto de Vista Antropologico". *Jornadas*, 33: II-40, 1945.
38. "Estudios Mexicanos de Antropologia Física". *Sociologia*, VIII, No. 2, 135-151, agosto 1946.
39. "Nota Sobre Habitações Temporárias de Caiçaras". *Sociologia*, VIII: 216-17, No. 3, 1946.
40. "Contribuição Para O Estudo Antropométrico dos Índios Tereno". *Revista do Museu Paulista*, I Nova Série, 129-152, 1947.
41. "Shindo-Renmei: Um Problema de Aculturação" [com Hiroshi Saito]. *Sociologia*, IX: 133-52, No. 2, 1947.

42. "Sociologia Acadêmica e Sociologia Socialista". *Sociologia*, II, 346-349, No. 4, 1947.
43. "Velhos e Novos Rumos no Estudo das Classes Sociais". *Sociologia*, X: 76-90, 2-3, 1948.
44. "Race Attitudes in Brazil". *American Journal of Sociology*, LIV: 402-8, março 1949.
45. "The Japanese in Brazil". *Far Eastern Survey*, XVIII, 6-8, January. 12, 1949.
46. "Zur Sozialen Anpassung der Deutschen in Brasilien". *Kölner Zeitschrift für Soziologie*, I, 3: 64-71, 1948-49.
47. "Die Neuere Entwicklung der Socialwissenschaften in Latein-Amerika". *Kölner Zeitschrift für Soziologie*, I-4: 399-409, 1948-49.
48. "Os Métodos Antropológicos". *Sociologia*, XI, no. 2, 143-50, 1949.
49. "Acculturative Aspects of the Feast of the Holy Ghost in Brazil". *American Anthropologist*, 51: 400-8, July-September 1949.
50. "Zu Professor Geigers Aufsatz: Ueber Soziometrik un ihre Grezen". *Kölner Zeitschrift für Soziologie*, II, No. 2, 1949-50.
51. "Einwanderungsprobleme Brasiliens". *Kyklos International Review for Social Sciences*, vol. IV 1950, Fasc. 1.
52. "Immigrants and their Assimilation" in *Brazil Portrait of Half a Continent*, by T. Lynn Smith and Alexander Marchant, ed. (New York: Dryden Press, 1951).
53. "On Sambaqui Skulls" [com Egon Schaden]. *Revista do Museu Paulista*, Nova Serie, vol. V. S. Paulo, 1951.
54. "Cabloco Cultures of Southern Brazil". In Sol Tax, ed. *Acculturation in the Americas*, vol. II, Proceedings of the 29th International Congress of Americanists. Chicago, 1952.
55. "Nota sôbre Leis Sociais". *Sociologia*, vol. XIV, no. 2, 1952.
56. "Universidades Norte-Americanas". *Anhembi*, ano III, no. 29, vol. X, abril 1953.
57. "The Structure of the Brazilian Family". *Social Forces*, vol. 31, no. 4, May 1953.
58. "Die Familie in Portugal und Brasilien: Ein Strukturvergleichender Versuch". *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozial-psychologie*, 7. Jahrgang, 1955.
59. "Protestantism as a Factor of Culture Change in Brazil". *Economic Development and Cultural Change*, vol. III, no. 4, 1955 (University of Chicago).

60. "Neuere Tendenzen sozialanthropologischer Feldforschung". *Bin Sammelwerk Leopold von Wiese zum 75. Geburtstag*, Herausgegeben von K. G. Specht, Westdeutscher Verlag, Köln, 1951.
61. "Intermarriage Among German-Brazilians". *Migration News*, March-April 1956.
62. "Innere Widersprüche im Gefüge primitiver Kulturen". *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Vol. 8, No. 2, 1956.
63. "Soziokulturelle Probleme Südamerikas". *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Vol. 9, No. 2, 1957.
64. "Brazil". In Oscar Handlin ed., *The Positive Contribution by Immigrants*. UNESCO, Paris, 1955.
65. "Brazil". In Arnold M. Rose ed., *The Institutions of Advanced Societies*. University of Minnesota Press, Minneapolis, 1958.
66. "A agonia das letras clássicas". *Revista Anhembi*, VIII, vol. XXX, maio 1958.
67. "Ethnologie". In René König, ed., *Soziologie*. Fischer Bücherei, Frankfurt, 1958.
68. "Primitive Gessellschaften". In René König ed., *Soziologie*. Fischer Bücherei, Frankfurt, 1958.
69. "Unterentwickelte Gesellschaften". In René König ed., *Soziologie*, Fischer Bücherei, Frankfurt, 1958.
70. "Uma revisão do conceito de direito primitivo". *Revista de Antropologia*, vol. 6, no. 1, junho de 1958.
71. "Minority Subcultures in Brazil". *Miscellanea Paul Rivet*. Mexico, 1958.
72. "Mudanças estruturais-funcionais em comunidades camponesas de cinco países europeus". *Revista de Antropologia*, vol. 8, no. 2, 1960.
73. "Protestantismus und Klassenstruktur in Chile". *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Vol. 12, No. 4, 1960.
74. "Neuere Beiträge zur ethnologischen Rechtsforschung". *Archiv für Rechtsund Sozialphilosophie*, Vol. XLVIII, 1-2, 1961.
75. "Protestantismus und Kulturwandel in Brasilien und Chile". *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Sonderheft No. 7, Cologne, 1963.
76. "San Andrés: Continuity and Change in the Culture of a Caribbean Island". *Völkerkundliche Abhandlungen*, Vol. I. Niedersächsisches Landesmuseum Hannover, Abteilung fuer Völkerkunde, 1964.

77. "Protestantism and Culture Change in Brazil and Chile". In William V. D'Antonio and Frederick B. Pike, eds., *Religion, Revolution and Reform*. New York: Frederick A. Praeger, 1964.
78. "Religious Mass Movements and Social Change in Brazil". In Eric Baklanoff, ed., *New Perspectives of Brazil*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1966.
79. "Residuos feudales patrimoniales en estructuras burocráticas Latino-americanas". *La Administración Pública en los Países de Desarrollo*, Bogotá, Escuela Superior de Administración Pública, 1964.
80. "Regiones fronterizas y movilidad social en el Brasil". Asociación Columbiana de Sociología, Bogotá, *Memorias del VII Congreso Latino-Americano de Sociología*, Tomo I, 1965.
81. "Religiöser Pluralismus und Klassenstruktur in Brasilien und Chile". *International Yearbook for the Sociology of Religion*. Vol. I, Köln: Westdeutscher Verlag, 1965.
82. "Rollenzuweisung und Zusammenarbeit in Projekten der Entwicklungshilfe". In Alphons Silbermann, ed. *Militanter Humanismus*. S. Fischer Verlag, Frankfurt, 1966.
83. "Urban classes and Acculturation in Latin America". In Elizabeth M. Eddy, ed. *Urban Anthropology*. Athens: University of Georgia Press, 1968.
84. "Social Differentiation in Colonial Brazil". *Comparative Studies in Society and History*, vol. 12, no. 1, January 1970.
85. "Peasantry and City: Cultural Persistence and Change in Historical Perspective: A European Case". *American Anthropologist*, vol. 72, no. 3, 1970.
86. "Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile". In S. N. Eisenstadt, ed. *The Protestant Ethic and Modernization: A Comparative View*. New York and London: Basic Books, Inc. 1968.
87. "Validation of Authority in Pentecostal Sects of Chile and Brazil". *Journal for the Scientific Study of Religion*, vol. VI, #2, Fall 1967.
88. "Barackensiedlungen und Urbanisierung in Lateinamerika". *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Vol. 23, #4, 1971.
89. "The Rise of a Rural Middle Class in a Frontier Society", In Riordan Roett, ed., *Brazil in the Sixties*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1972.
90. "Controversial Aspects of Social Stratification in Latin American". In *Memoriam Antonio Jorge Dias*. Lisboa, 1974.

91. "Die Barackensiedlungen Lateinamerikas als Städtische 'Frontier'". *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, #2, 1980.

92. "Die Kulturanthropologie in den Vereinigten Staaten und Lateinamerika: Umrisse eines Kulturgeschichtlichen Vergleichs". In Heine von Hans Peter Thum, eds. *Soziologie in weltbürgerlicher Absicht*. Festschrift für René Geburtstag. Opladen: Alemann und 75. König Westdeutscher Verlag, 1981.

93. "Social Change on the Latin American Frontier". In David Harry Miller and Jerome O. Steffen, ed. *The Frontier: Comparative Studies*. University of Oklahoma Press, 1977.

94. "Beiträge amerikanischer Anthropologen zur Entwicklungstheorie". In Ernst Wilhelm Müller, Rene König, Klaus-Peter Koepping und Paul Drechsel, *Ethnologie als Sozialwissenschaft*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1984.

Referências

ACCULTURATION: an exploratory formulation. *American Anthropologist*, [s. l.], v. 56, n. 6, p. 973-1000, 1954.

ALVES, Andréa Moraes. *Alguns temas e problemas da sociologia no Brasil: uma análise de conteúdo da revista Sociologia (1939-1941)*. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

ALVES PINTO, Felipe Neri. *Antropologia entre três mundos: Emilio Willems e a institucionalização da antropologia brasileira*. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949: vol. 1. São Paulo: USP, 1953a.

ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Universidade de São Paulo) 1939-1949: vol. 2. São Paulo: USP, 1953b.

AOS NOSSOS leitores. *Sociologia*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-8, 1939.

ARANTES, Paulo E. *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana: uma experiência nos anos 60*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

ARENSBERG, Conrad M. *The Irish countryman, an anthropological study*. London: Macmillan & Co Ltd, 1937.

ARENSBERG, Conrad M.; KIMBALL, Solon. *Family and community in Ireland*. Cambridge: Harvard University Press, 1940.

ARRUTI, José Maurício. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 7-38, 1997.

AVERBECK-LIETZ, Stefanie. *Kommunikation als Prozess: soziologische Perspektiven in der Zeitungswissenschaft, 1927-1934*. Münster: LIT Verlag Münster, 1999.

AVERBECK-LIETZ, Stefanie. Da ciência do *periódico* à “ciência da liderança nacional-socialista”: como os estudos de imprensa adotaram o regime nazista na Alemanha. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 418-437, 2014.

AZEVEDO, Fernando de. [Ofício para Astrogildo Rodrigues de Mello, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo]. 22 jun. 1949. Arquivo Geral da Universidade de São Paulo (Ag-USP). Processo de afastamento de Emilio Willems.

BALDUS, Herbert; WILLEMS, Emílio. *Dicionário de etnologia e sociologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (Biblioteca Pedagógica Brasileira).

BASTIDE, Roger. *Antropologia aplicada*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOULE, M. *Les hommes fossiles: éléments de paléontologie humaine*. Paris: Masson et Cie, 1921.

BRASIL. *Decreto-lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939*. Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-1190-4-abril-1939-349241-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CAMPOS, Judas Tadeu de. Uma pesquisa pioneira para a compreensão da cultura caipira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 335-350, 2012.

CÂNDIDO, Antônio. L'état actuel et les problèmes les plus importants des études sur les sociétés rurales du Brésil. *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*. São Paulo: Anhembi, 1955.

CÂNDIDO, Antônio. Entrevista com Antonio Candido. [Entrevista a Heloisa Pontes]. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 5-30, 2001.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O processo de assimilação dos Terêna*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, Museu Nacional, 1960. (Série Livros 1).

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O índio no mundo dos brancos: a situação dos Tukúna do Alto Solimões*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Fundo Oracy Nogueira: breve notícia de um capítulo das ciências sociais no Brasil (1940/1960). In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. *Anais [...]*. [S. l.]: ABA, 2008.

CIACCHI, Andrea. Mestrança: Gioconda Mussolini e a antropologia em São Paulo (1938-1969). *Tempos Históricos*, Cascavel, v. 19, n. 1, p. 153-186, 2015.

CLARO, Silene Ferreira. *Revista do arquivo municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória – 1934-1950)*. 2008. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CONSORTE, Josildeth Gomes; PEREIRA, João Baptista Borges; TORRES, Lilian de Lucca. Estudos de comunidade: um encontro. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 6, 2010.

COPELAND, William W. Homenagem na Universidade de Vanderbilt. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 27 maio 1949.

CORRÊA, Mariza. *Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da antropologia*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

COSTA, Hebe C. Boa-Viagem A. Resgatando a memória dos pioneiros em psicologia: Roldão Lopes de Barros – Cadeira nº 25 (30/01/1884-30/08/1951). *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 17-22, jun. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X200700100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 jun. 2024.

CROSS, Cecil M. P. *The Foreign Service of the United States of America*. 21 jun. 1949. Arquivo Geral da Universidade de São Paulo (Ag-USP). Processo de afastamento de Emilio Willems.

CUNHA, Mário Wagner Vieira da. O povoamento do município de Cunha. *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*, [s. l.], v. 3, p. 641-649, 1944.

CUNHA, Mário Wagner Vieira da. Depoimento: a Escola Livre, o Departamento de Cultura e a Faculdade de Filosofia. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Débora A.; SIMÕES, Júlio Assis (org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação:1933-1953: depoimentos*. São Paulo: Escuta, 2001. p. 107-114.

CUNHA, Mário Wagner Vieira da. Entrevista com Mário Wagner Vieira da Cunha. Edição final e notas de Fernando Antonio Pinheiro Filho e Sergio Miceli. *Tempo Social*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 259-301, 2008.

DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica Maria Meneses. *Destinatário: Felte Bezerra – cartas a um antropólogo sergipano 1947-59 e 1973-85*. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

DAVIS, Allison; GARDNER, Mary R. *Deep South: a social anthropological study of caste and class*. Chicago: University of Chicago Press, 1941.

DIAS, Fernando Correia. A presença de Max Weber na sociologia brasileira contemporânea. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 47-62, 1974.

DURHAM, Eunice Ribeiro. [Carta a Egon Schaden]. 20 mar. 1956. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. C2318.

DURHAM, Eunice Ribeiro. [Carta a Egon Schaden]. 13 mar. 1957. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. C2620.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *Mobilidade e assimilação: a história do imigrante italiano num município paulista*. 1964. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1964.

DUTRA will inspect Brazilian Institute at Vanderbilt. *The Jackson Sun*, Jackson, p. 2, 22 May 1949.

EMBREE, John Fee. *Suye Mura: a Japanese village*. Chicago: University of Chicago Press, 1939.

EMBREE, John Fee. *Acculturation among the Japanese of Kona, Hawaii*. Menasha: American Anthropological Association, 1941.

EUFRASIO, Mário. Apresentação do artigo “A assimilação dos judeus” (1945), de Emilio Willems. *Plural*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 191-193, 2020.

FANTIN, Jader Tadeu. Breves considerações sobre Hiroshi Saito e as diferenças institucionais entre a Escola de Sociologia e Política e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no período de estruturação das ciências sociais em São Paulo. *Áskesis*, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 65-80, 2017.

FERNANDES, Florestan. Resenha de “A aculturação dos alemães no Brasil” de Emilio Willems. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 122, p. 205-218, 1949.

FERNANDES, Florestan. [Carta a Emilio Willems]. 23 fev. 1950. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19500223.

FERNANDES, Florestan. A aculturação dos sírios e libaneses em São Paulo. *Revista Etapas*, [s. l.], n. 11, 1956.

FERNANDES, Florestan. *A etnologia e a sociologia no Brasil: ensaios sobre aspectos da formação e do desenvolvimento das ciências sociais na sociedade brasileira*. São Paulo: Anhembi, 1958.

FERNANDES, Florestan. Sobre o trabalho teórico. [Entrevista]. *Trans/Form/Ação*, Assis, v. 2, p. 5-86. 1975.

FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977. (Coleção Sociologia Brasileira).

FERNANDES, Florestan. *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978. (Coleção Estudos Brasileiros, 9: Série Depoimentos).

FERNANDES, Florestan. Florestan Fernandes, história e histórias: depoimento a Alfredo Bosi, Carlos Guilherme Mota e Gabriel Cohn. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 42, p. 3-31, 1995.

FERREIRA, Oliveiros S. Maria Antônia começou na praça. In: SANTOS, Maria Cecilia Loschiavo dos (org.). *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988. p. 19-27.

FIGUEIREDO, Érika Regina Domingos de. Tendências e dilemas da antropologia norte-americana: sobre a história do Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution e sua presença no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 237-275, 2010.

FORTES, Meyer; EVANS-PRITCHARD, Edward E. *African political systems*. London: Oxford University, 1940.

FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. O estudo sociológico de comunidades. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 29-39, 1963.

FRAZIER, E. Franklin. Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil. *American Journal of Sociology*, [s. l.], v. 55, n. 5, p. 507-508, 1950.

FUJII, Yukio; SMITH, T. Lynn. *The acculturation of the Japanese immigrants in Brazil*. Gainesville: University of Florida Press, 1959. (Latin American Monographs).

FURLONG, Kara. After more than 60 years, Vanderbilt's institutional ties to Brazil are stronger and reach more parts of campus than ever before. *Vanderbilt News*, Nashville, 1 Jan. 2008.

GALVÃO, Eduardo. Aculturação indígena no Rio Negro. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, n. 7, 1959.

GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GOLDWASSER, Maria Júlia. "Estudos de comunidade": teoria e/ou método? *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 69-81, 1974.

GREGOR, Thomas. Emeritus Professor Emilio Willems dies. *Vanderbilt Register Online*, 8 Dec. 1997.

- GUIA da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para 1943. São Paulo: USP, 1943.
- HARRIS, Marvin. *Minas Velhas: a study in urbanism in the mountain region of Eastern Brazil*. [S. l.: s. n.], 1952.
- HERRMANN, Lucila. *Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de trezentos anos*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1948.
- HERSKOVITS, Melville J. *Life in a Haitian valley*. New York: A. A. Knopf, 1937.
- HERSKOVITS, Melville J. *Acculturation: the study of culture contact*. New York: J. J. Augustin, 1938.
- HERSKOVITS, Melville J. *Trinidad village*. New York: A. A. Knopf, 1947.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Tradição e transição. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 125-140.
- HOOTON, E. *Up from the ape*. New York: Macmillan, 1946.
- HSIAO-TUNG, Fei. *Peasant life in China: a field study of country life in the Yangtze Valley*. London: G. Routledge and Sons, 1939.
- HUTCHINSON, Harry. *Vila Recôncavo: a sugar plantation community of the northern coast of Brazil*. New York: Columbia University Press, 1952.
- IANNI, Octavio. Estudo de comunidade e conhecimento científico. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 9, p. 109-119, 1961.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais – 1872/2010. *Sinopse do Censo Demográfico 2010*, [s. l.], 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>. Acesso em: 30 abr. 2024.
- JACKSON, Luiz Carlos. A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965). *Tempo Social*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 263-283, 2004.
- JACKSON, Luiz Carlos. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). *Tempo Social*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 115-130, 2007.
- JACKSON, Luiz Carlos. Divergências teóricas, divergências políticas: a crítica da USP aos “estudos de comunidades”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 18, p. 273, 2009a.
- JACKSON, Luiz Carlos. Uma defesa da comunidade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 183-185, 2009b.

JACKSON, Luiz Carlos. Os caipiras e o Brasil. In: FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto (org.). *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 287-316.

JOHNSON, Guy Benton. *Folk culture on St. Helena Island*. South Carolina: University of North Carolina Press, 1930.

KNOWLTON, David. Chapter nine, Vanderbilt: 1948-1949. *Autobiography of Clark S. Knowlton*, [s. l.], 22 Dec. 2013a. Disponível em: <http://clarksknowlton.blogspot.com/2013/12/chapter-nine-vanderbilt-1948-1949.html>. Acesso em: 20 maio 2019.

KNOWLTON, David. Chapter ten, Brazil: 1950-1951. *Autobiography of Clark S. Knowlton*, [s. l.], 22 Dec. 2013b. Disponível em: <https://clarksknowlton.blogspot.com/2013/12/chapter-ten-brazil-1950-1951.html>. Acesso em: 20 maio 2019.

KÖNIG, Réne. Soziologie in Berlin um 1930. In: KÖNIG, Réne. *Soziologie in Deutschland*. München: Carl Hanser Verlag, 1987. p. 258-291.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

LIMONGI, Fernando. *Revista Sociologia: a ELSP e o desenvolvimento da sociologia em São Paulo*. São Paulo: IDESP, 1987. (História das Ciências Sociais, 1).

LIMONGI, Fernando. Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo. In: MICELI, SERGIO (org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989. p. 111-187.

LINTON, Ralph (ed.). *Acculturation in seven American Indian tribes*. New York: Appleton-Century, 1940.

LOPES, Thiago; MAIO, Marcos Chor. Comunidade e democracia na sociologia de T. Lynn Smith e José Arthur Rios. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 95, e329516, 2017.

LÜSCHEN, Gunther. In memoriam Emilio Willems (18.8.1905 – 19.11.1997). *Kölnner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Köln, v. 50, n. 1, p. 206-207, 1998.

LYND, Helen Merrel; LYND, Robert S. *Middletown in transition: a study in cultural conflicts*. New York: Harcourt, 1937.

LYND, Robert S.; LYND, Helen Merrel. *Middletown: a study in contemporary American culture*. New York: Harcourt, 1929.

MACIEL, Alba Costa; ANDRADE, Diva; VALE, Eunides do. A antropologia na Universidade de São Paulo: histórico e situação atual. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 117-143, 1978.

MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de Lucca (org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 12-54.

MALINOWSKI, Bronislaw. The present state of studies in culture contact: some comments on an American approach. *Africa: journal of the International African Institute*. [s. l.], v. 12, n. 1, p. 27-48, 1939.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. introdução à sociologia do conhecimento. Porto Alegre: Editora Globo, 1950.

MARÇA paralela. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 27 maio 1949.

MARTINS, José de Souza. Prefácio à edição brasileira. In: SHIRLEY, Robert W. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 19-23. (Coleção Debates).

MICELI, Sergio. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. In: MICELI, Sergio (org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989. p. 72-110.

MINER, Horace. *St. Denis: a French Canadian parish*. Chicago: University of Chicago Press, 1939.

MONTAGU, A. *Introduction to physical anthropology*. Springfield: Charles C. Thomas, 1945.

MONTEIRO LOBATO. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

MONTEIRO LOBATO. *Cidades mortas*. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

MORMONT, Marc. Who is rural? or how to be rural: towards a sociology of the rural. In: MARSDEN, Terry; LOWE, Philip; WHATMORE, Sarah (ed.). *Rural restructuring: global process and their responses*. London: David Fulton, 1990.

MUSSOLINI, Gioconda. Persistência e mudança em sociedades "folk" no Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 31., 1954, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Anhembi, 1955. p. 333-353.

NAMES Brazilian Professor. *The Montgomery Advertiser*, Montgomery, p. 10, 11 May 1949.

NEUHOLD, Roberta dos Reis. *Sociologia do ensino de sociologia: os debates acadêmicos sobre a constituição de uma disciplina escolar*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NOGUEIRA, António de Vasconcelos. Werner Sombart (1863-1941): apontamento bibliográfico. *Análise Social*, [s. l.], v. 38, n. 169, p. 1125-1151, 2004.

NOGUEIRA, Oracy. Os estudos de comunidades no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 95-101, 1955.

NOGUEIRA, Oracy. *Emilio Willems: antropologia e sociologia*. 1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); 3.1.2. FIOCRUZ.

OLIVEIRA, Isabela. *De Chicago a São Paulo: Donald Pierson no mapa das ciências sociais (1930-1950)*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Isabela; DAMASCENO, Janaína. “Constituindo um campo”: estudos de comunidade e o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 18, p. 253-256, 2009.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998.

OLIVEIRA, Nemuel da Silva; MAIO, Marcos Chor. Estudos de comunidade e ciências sociais no Brasil. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 26, n. 3, p. 521-550, 2011.

PASSADOR, Luiz Henrique. *Hebert Baldus e a antropologia no Brasil*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2000.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sergio (org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 2001. p. 410-460.

PIERSON, Donald. *Cruz das Almas: a Brazilian village*. Washington: U.S. Government Printing Office, 1951.

PIZA, Douglas de Toledo. Um palpite sobre a imigração nas ciências sociais de São Paulo: três décadas, duas perspectivas e uma cisão. *Plural*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 33-47, 2012.

POLICE State method didn't work. *The Des Moines Register*, Des Moines, p. 36, 16 Jan. 1949.

PRADO JR., Caio. Métodos sociológicos. *Fundamentos*, São Paulo, n. 7-8, p. 23-28, 1948-1949.

PRESTES, Lineu. [Ofício para Ademar de Barros, Governador do Estado de São Paulo]. 2 jul. 1949. Arquivo Geral da Universidade de São Paulo (Ag-USP). Processo de afastamento de Emilio Willems.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

REDFIELD, Robert. *A Tepoztlan: a mexican village*. Chicago: University of Chicago Press, 1930.

REDFIELD, Robert. *The folk culture of Yucatan*. Chicago: University of Chicago Press, 1941.

REDFIELD, Robert; LINTON, Ralph; HERSKOVITS, Melville J. Memorandum for the study of acculturation. *American Anthropologist*, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 149-152, 1936.

REDFIELD, Robert; ROJAS, Alfonso Villa. *Chan Kom: a Maya village*. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

RICHARD, Lionel. *A República de Weimar (1919-1933)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. (A vida cotidiana).

RINGER, Fritz K. *Declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã 1890-1933*. São Paulo: Edusp, 2000.

ROCKEFELLER FOUNDATION. [Interviews: Montague Yudelman. Emilio Willems proposed research. Dr. Charles Wagley reports as follows on Emilio Willems]. 1959. Rockefeller Foundation records, projects, RG 1.2 (FA387). Series 200: United States; Subseries 200: United States – Social Sciences. Box 604; Folder 5163 – Vanderbilt University – Willems, Emilio –(Brazilian Protestantism).

SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. (Coleção Estudos Brasileiros).

SANTIAGO FILHO, Elio Roberto Pinto. *Pentecostalismo e cultura brasileira: para uma interpretação do pentecostalismo brasileiro a partir de sua relação com a cultura*. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SÃO PAULO (Estado). *Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934*. Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, 1934. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1934/decreto-6283-25.01.1934.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SÃO PAULO (Estado). *Decreto nº 12.038, de 1º de julho de 1941*. Aprova o Regulamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, 1941. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1942/decreto.lei-12511-21.01.1942.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SÃO PAULO (Estado). *Decreto-lei nº 12.511, de 21 de janeiro de 1942*. Reorganiza a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública, 1942. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1942/decreto.lei-12511-21.01.1942.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SÃO PAULO (Estado). *Lei nº 231, de 23 de dezembro de 1948*. Transforma, a partir do início do ano letivo de 1949, em 49ª 50ª e 51ª cadeiras, respectivamente, as disciplinas de Antropologia, de Física Superior e de Análise Superior da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo: Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, 1948. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1948/lei-231-23.12.1948.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SCHADEN, Egon. *Aculturação e assimilação dos índios do Brasil*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 2, p. 7-14, 1967.

SCHADEN, Egon. *Aculturação indígena: ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contacto com o mundo dos brancos*. São Paulo: Livraria Pioneira. Editora da Universidade, 1969. (Antropologia).

SCHADEN, Egon. *Entrevista com Egon Schaden por Mariza Corrêa*. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (21min09s). Publicado no canal Instituto Egon Schaden. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uxxAVafHdRM>. Acesso em: 30 maio 2017.

SCHMIDT, Carlos Borges. *O meio rural*. São Paulo: Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, 1946.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão bibliográfica*. *Revista Brasileira de Informação em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 3-55, 1988.

SEYFERTH, Giralda. *A dimensão cultural da imigração*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 26, n. 77, p. 47-62, 2011.

SHIRLEY, Robert W. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Coleção Debates).

SILVA, Wilton C. L. Entre negócios, ócios e domingos: a ego-história de Boris Fausto. In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela (org.). *Vidas & grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. p. 178-199.

SMITH, T. Lynn. *Brazil and its institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1946.

SMITH, T. Lynn. [Reviewed work: *Cunha: tradition and transition in a rural culture of Brazil*. Emilio Willems]. *American Sociological Review*, [s. l.], v. 14, n. 5, p. 693-694, 1949.

SOCIEDADE DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE. *Relatório da 1ª diretoria (maio, 1937-maio, 1938)*. São Paulo: Sociedade de Etnografia e Folclore, 1938.

SUN, Raymond Chien. *Before the enemy is within our walls: Catholic workers in Cologne, 1885-1912: a social, cultural and political history*. Boston: Humanities Press, 1999.

THALMANN, Rita. *A República de Weimar*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

THURNWALD, Richard. The psychology of acculturation. *American Anthropologist*, [s. l.], v. 34, n. 4, p. 557-569, 1932.

TRUZZI, Oswaldo. Assimilação re-significada: novas interpretações de um velho conceito. *Dados: revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, p. 517-533, 1992.

VALENTINI, Luisa. *Um laboratório de antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VIERKANDT, Alfred. *Handwörterbuch der Soziologie*. Stuttgart: Ferdinand Enke Verlag Stuttgart, 1931.

VILLAS BÔAS, Gláucia. De Berlim a Brusque, de São Paulo a Nashville. *Tempo Social*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 171-188, 2000.

VILLAS BÔAS, Gláucia. *A recepção da sociologia alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks: UFRJ, 2006.

VILLAS BÔAS, Gláucia. A recepção controversa de Max Weber no Brasil (1940-1980). *Dados: revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 5-33, 2014.

VOIGT, André Fabiano. Emilio Willems e a invenção do teuto-brasileiro, entre a aculturação e a assimilação (1940-1946). *História: questões & debates*, Curitiba, v. 46, n. 46, p. 189-201, 2007.

WAGLEY, Charles. Etnography and ethnology: Cunha : tradição e transição em uma cultura rural do Brasil. Emilio Willems. *American Anthropologist*, [s. l.], v. 51, n. 2, p. 306-308, 1949.

WAGLEY, Charles. *Amazon town: a study of man in the tropics*. New York: Macmillan, 1953.

WAGLEY, Charles. Estudos de comunidades no Brasil sob perspectiva nacional. *Sociologia*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 3-32, 1954.

WAIZBORT, Leopoldo. Simmel no Brasil. *Dados: revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, p. 11-48, 2007.

WARNER, W. Lloyd. *A Black civilization: a social study of an Australian tribe*. New York: Harper and Brothers, 1937.

WARNER, W. Lloyd. *The social life of a modern community*. New Haven: Yale University Press, 1941. (Yankee City Series, v. 1).

WEIDENREICH, Franz. *Apes, giants and man*. Chicago: University of Chicago Press, 1945.

WERFEL, Franz. Der Snobismus als geistige Welmacht. In: *JAHRBUCH*. Berlin: Paul Zsolnay Verlag, 1928. p. 9-34.

WEST, James. *Plainville, U. S. A.* New York: Columbia University Press, 1945.

WILLEMS, Emílio. Die Bekanntschaft. *Kölner Viertelsjahrhelte für Soziologie*, Köln, v. 8, n. 4, p. 399-406, 1930a.

WILLEMS, Emílio. Essai über den Snobismus. *Archiv für angewandte Soziologie*, Berlin, v. 2, n. 3, 1930b.

WILLEMS, Emílio. *Kollektivmeinung und Presse in Zusammenhängen: ein Beitrag zur speziellen Soziologie*. Köln: Pilgram, 1930c.

WILLEMS, Emílio. "Öffentliche Meinung" als Urteil des Kollektivsubjektes. *Zeitungswissenschaft*, Berlin, v. 6, n. 4, p. 193-197, 1931.

WILLEMS, Emílio. Der deutsche Artestand als Sozialgebilde. *Archiv für angewandte Soziologie*, Berlin, v. 4, p. 94-120, 1932.

WILLEMS, Emílio. *Elementos de história geral da economia*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

WILLEMS, Emílio. *Mobilidade e flutuação das profissões e o problema educacional no Brasil*. 1937. Tese (Concurso de Livre-Docência de Sociologia Educacional) – Instituto de Educação, Universidade de São Paulo, 1937.

WILLEMS, Emílio. A sociologia do snobismo. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 58, n. 5, p. 43-56, 1939.

WILLEMS, Emílio. [Recibo do empréstimo de um suporte Bunsen]. [194?]. Arquivo do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia (FFLC), IF-DF-IV-01-12-0121-01214-0.

WILLEMS, Emílio. Fatos e livros: Fernando de Azevedo – Sociologia educacional. Cia. Editora Nacional, São Paulo. *Sociologia*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 213-220, 1940.

WILLEMS, Emílio. Fatos e livros: fundação do primeiro Departamento de Sociologia e Antropologia na Escola Livre de Sociologia e Política, em São Paulo. *Sociologia*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 61-63, 1941a.

WILLEMS, Emílio. Fatos e livros: Robert H. Lowie – An introduction to cultural anthropology. *Sociologia*, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 353-354, 1941b.

WILLEMS, Emílio. O desnivelamento econômico como fator de aculturação. *Revista de Imigração e Colonização*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2-3, p. 700-811, abr./jul. 1941c.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Fernando de Azevedo]. 18 jul. 1941d. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo: FA-CP-Cx34,18.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Arthur Ramos]. 4 ago. 1941e. Arquivo Arthur Ramos, 2.788. I-36,7,2.726. Biblioteca Nacional.

WILLEMS, Emílio. Fatos e livros: Carlos Borges Schmidt – O meio rural. *Sociologia*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 192-195, 1942a.

WILLEMS, Emílio. Some aspects of cultural conflict and acculturation in southern rural Brazil. *Rural Sociology*, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 375-384, Dec. 1942b.

WILLEMS, Emílio. Alguns trabalhos recentes sobre aculturação. *Boletim Bibliográfico*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 13-19, out./dez. 1943a.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Arthur Ramos]. 25 set. 1943b. Arquivo Arthur Ramos, 2.791.I-36,7,2.729. Biblioteca Nacional.

WILLEMS, Emílio. A solução do problema rural brasileiro como mudança cultural provocada. *Sociologia*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 20-28, 1943c.

WILLEMS, Emílio. Acculturation and the horse complex among German-Brazilians. *American Anthropologist*, [s. l.], v. 46, p. 153-161, Apr./June 1944.

WILLEMS, Emílio. Problemas de aculturação no Brasil meridional. *Acta Americana*, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 145-151, July/Sept. 1945a.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Fernando de Azevedo]. 21 jan. 1945b. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo: FA-CP-Cx34,20.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Gleb Wataghin], 11 ago. 1947. Arquivo do Departamento de Física da Faculdade de Filosofia (FFLC), Série Correspondência, Subsérie Correspondência Profissional, Documento – Carta de Emilio Willems a Gleb Wataghin, IF-DF-I-02-00-0000-02193-0.

WILLEMS, Emílio. *Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1948a.

WILLEMS, Emílio. *Cunha, tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*. São Paulo: Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, 1948b.

WILLEMS, Emílio. Fatos e Livros: Charles Wagley – Area research and training: a conference report on the study of world areas. *Sociologia*, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 305-307, 1948c.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Egon Schaden]. 28 jun. 1948d. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. C 143A e 143B.

WILLEMS, Emílio. Acculturative aspects of the feast of the Holy Ghost in Brazil. *American Anthropologist*, [s. l.], v. 51, p. 400-408, July/Sept. 1949a.

WILLEMS, Emílio. The Japanese in Brazil. *Far Eastern Survey*, [s. l.], v. 18, n. 12, p. 6-8, 12 Jan. 1949b.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Egon Schaden]. 9 out. 1949c. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. Cx277.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Fernando de Azevedo]. 21 nov. 1949d. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,21.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Egon Schaden]. 11 dez. 1949e. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. Cx277.

WILLEMS, Emílio. *Dicionário de sociologia*. Porto Alegre: Editora Globo, 1950a.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Florestan Fernandes]. 7 fev. 1950b. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência:19500207.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Fernando de Azevedo]. 1 jun. 1950c. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,25.

EMÍLIO WILLEMS

WILLEMS, Emílio. [Carta a Fernando de Azevedo]. 10 nov. 1951a. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,31.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Fernando de Azevedo]. 14 nov. 1951b. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,29.

WILLEMS, Emílio. Universidades norte-americanas. *Anhembi*, São Paulo, v.10, n. 29, p. 257-266, abr. 1953a.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Egon Schaden]. 21 jan. 1953b. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. C943.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Florestan Fernandes]. 20 jun. 1953c. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19530620.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Florestan Fernandes]. 4 mar. 1954a. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19540304.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Fernando de Azevedo]. 6 mar. 1954b. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34, 35.

WILLEMS, Emílio. Protestantism as a factor of culture change in Brazil. *Economic Development and Cultural Change*, Chicago, v. 3, n. 4, p. 321-333, 1955.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Florestan Fernandes]. 3 fev. 1955d. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19550203.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Egon Schaden]. 8 nov. 1955e. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sergio Buarque de Holanda”, USP/FFLCH/DH – ES. Conjunto documental Egon Schaden. C1996.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Florestan Fernandes]. 17 dez. 1955f. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19551217.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Florestan Fernandes]. 10 fev. 1956. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19560210.

WILLEMS, Emílio. A agonia das letras clássicas. *Anhembi*, São Paulo, v. 30, n. 8, p. 485-495, maio 1958a.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Fernando de Azevedo]. 7 abr. 1958b. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,37.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Fernando de Azevedo]. 31 jul. 1958c. Arquivo IEB-USP, Fundo Fernando de Azevedo, FA-CP-Cx34,39.

WILLEMS, Emílio. Protestantismus und Klassenstruktur in Chile. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Köln, v. 12, n. 4, p. 652-671, 1960a.

WILLEMS, Emílio. *Report on research project*. 1960b. Rockefeller Foundation records, projects, RG 1.2 (FA387). Series 200: United States; Subseries 200: United States – Social Sciences. Box 604; Folder 5163 – Vanderbilt University – Willems, Emilio – (Brazilian Protestantism).

WILLEMS, Emílio. Protestantismus und Kulturwandel in Brasilien und Chile. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, Köln, Sonderheft n. 7, p. 307-333, 1963.

WILLEMS, Emílio. Protestantism and culture change in Brazil and Chile. In: D'ANTONIO, William V.; PIKE, Frederick B. (ed.). *Religion, revolution, reform*. New York: Frederick A. Praeger, 1964a. p. 91-108.

WILLEMS, Emílio. *Residuos feudales patrimoniales en estructuras burocraticas latino-americanas*. Bogotá: Escuela Superior de Administración Pública, 1964b.

WILLEMS, Emílio. *Regiones fronterizas y movilidad social en el Brasil*. Bogotá: Asociación Colombiana de Sociología, 1965a. t. 1.

WILLEMS, Emílio. *Religiöser Pluralismus und Klassenstruktur in Brasilien und Chile*. Köln: Westdeutscher Verlag, 1965b.

WILLEMS, Emílio. Religious mass movements and social change in Brazil. In: BAKLANOFF, Erick (ed.). *New perspectives of Brazil*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1966. p. 205-232.

WILLEMS, Emílio. *Followers of the new faith: cultural change and the rise of Protestantism in Brazil and Chile*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1967a.

WILLEMS, Emílio. Validation of authority in Pentecostal Sects of Chile and Brazil. *Journal for the Scientific Study of Religion*, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 253-258, 1967b.

WILLEMS, Emílio. Urban classes and acculturation in Latin America. In: EDDY, Elizabeth, M. (ed.). *Urban anthropology*. Athens: University of Georgia Press, 1968a. p. 75-82.

WILLEMS, Emílio. [Carta a Florestan Fernandes]. 4 jan. 1968b. UFSCar – Biblioteca Comunitária/DeCORE/Fundo Florestan Fernandes: Série Vida Acadêmica, 09.AD.01.009. Correspondência: 19680104.

WILLEMS, Emílio. Peasantry and city: cultural persistence and change in historical perspective, a European case. *American Anthropologist*, [s. l.], v. 72, n. 3, p. 528-544, 1970.

WILLEMS, Emílio. *Latin American culture: an anthropological synthesis*. New York: Harper & Row, 1975.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

WILLEMS, Emílio. [*Autobiografia*]. 1983. Fundo Oracy Nogueira; 3. Coleção Grandes Cientistas Sociais – Ed. Ática (CA) (01 caixa; 66 documentos); 3.1 – Emilio Willems (EW); FIOCRUZ.

WILLEMS, Emílio. *Der preussisch-deutsche Militarismus im sozialen Wandel*. Köln: Verlag Wissenschaft und Politik, 1984.

WILLEMS, Emílio. *A way of life and death, three centuries of Prussian-German militarism: an anthropological approach*. Revised edition. Nashville: Vanderbilt University Press, 1986.

WILLEMS, Emílio. *My life in three worlds*. [S. l.: s. n.], 1993.

WILLEMS, Emílio. O problema rural brasileiro do ponto de vista antropológico. *Tempo Social*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 187-210, 2009.

WILLEMS, Emílio; BALDUS, Herbert. Cultural change among Japanese immigrants in Brazil. *Sociology and Social Research*, v. 26, n. 6, p. 525-537, July/Aug. 1942.

WILLEMS, Emílio; BARRETO, Romano. *Leituras sociológicas*. São Paulo: Edições da Revista Sociologia, 1940.

WILLEMS, Emílio; MUSSOLINI, Gioconda. *Buzios Island: a Caiçara community in Southern Brazil*. New York: J. J. Augustin, 1952. (Monograph of the American Ethnological Society XX).

WILLEMS, Emílio; MUSSOLINI, Gioconda. *Ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil*. São Paulo: Hucitec/NUPAUB/CEC, 2003. (Ecologia e Cultura).

WILLEMS, Emílio; SAITO, Hiroshi. Shindô-Renmei: um problema de aculturação. *Sociologia*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 133-152, 1947.

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Hucitec: Brasília: EdUnB, 1995.

Sobre o autor



FELIPE NERI ALVES PINTO é bacharel (2015) em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e mestre (2020) em Antropologia Social pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp), onde desenvolveu pesquisa sobre a trajetória do antropólogo Emílio Willems. Atualmente realiza doutorado em Antropologia Social no IFCH-Unicamp sobre a história das cátedras de antropologia na Universidade de São Paulo (1934-1968) com financiamento da Fapesp (nº processo: 2022/13491-1, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Atua principalmente nas áreas de história e historiografia da antropologia, com foco na antropologia praticada na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX.

